

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luiz Fernando dos Santos

Metafísica e Retorno às origens da Filosofia em Lima Vaz

MESTRADO EM FILOSOFIA

SÃO PAULO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia

Luiz Fernando dos Santos

Metafísica e Retorno às origens da Filosofia em Lima Vaz

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Perine.

SÃO PAULO

2018

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 88887.150417/2017-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Finance Code 88887.150417/2017-00.

Agradecimentos

Quero expressar o meu agradecimento primeiramente a Deus que dá sentido à minha existência, à minha família que em sua simplicidade pôde me ensinar a verdadeira riqueza da vida. Aos amigos e alunos que vivenciam comigo os sonhos e projetos que tenho, dando-me força nos momentos difíceis e incentivando sempre a continuar o itinerário acadêmico. Agradeço ao Prof. Dr. José Marcos Miné Vanzella por ter me apresentado em suas aulas Lima Vaz. Foi a partir desse momento que pude despertar para o estudo das obras vazianas. Em especial quero agradecer ao Prof. Dr. Marcelo Perine que desde o início acreditou em minha pesquisa e fez com que esse projeto pudesse se realizar através de suas orientações. Aos professores da Pontifícia Universidade Católica (Puc-SP), Jeanne Marie, Yolanda Glória, Sônia Campaner, pelos ensinamentos oferecidos e pela dedicação que apresentaram em seus cursos.

Enfim, quero agradecer à CAPES que proporcionou que um sonho se realizasse através da concessão da Bolsa de Estudos Taxa, que não só me deu condições de estudar, como possibilitou a tranquilidade para a realização das pesquisas e dos trabalhos acadêmicos.

“A vida da Filosofia é, pois, a vida da nossa Razão interrogante formulando dentro do espaço do seu operar racional as perguntas essenciais e aí construindo a resposta, mas fazendo, ao mesmo tempo, a decisiva experiência intelectual de que a resposta está sempre prenhe de uma nova pergunta e de que, portanto, a inquietação sem fim começa”.

H. C. Lima Vaz, *Morte e Vida da Filosofia*, Síntese Nova Fase
(1991).

Resumo

A presente dissertação visa refletir sobre o pensamento de Lima Vaz demonstrando o itinerário que ele percorre e indicando sua capacidade de pensar o seu tempo retornando às origens da Filosofia. É refletindo sobre o pensamento lima-vaziano que procuramos pensar os problemas apontados por ele e indicar seu diagnóstico a respeito do seu tempo. Sua análise hermenêutica da modernidade compreende que ela tem origem na crise do século XIII e que pode ser compreendida a partir de Tomás de Aquino quando ele ao pensar a situação ôntica do homem dá primazia à existência, dando a ela a condição de ser pensada e refletida. Desse modo, fazendo a síntese de Platão e Aristóteles, pode ele suprássumi-los, superando assim, o essencialismo que entendia a existência como ininteligível. Nesse sentido, defende Lima Vaz que a Filosofia é *anámnēsis* e *noésis*, ou seja, pensando sobre sua trajetória histórica é capaz de reinventar os problemas que lhe deram origem e oferecer respostas. A inquietação que move os seres em busca do saber é propriamente metafísica, pois, é capaz de reconhecer, assim como Platão, que a primeira navegação sobre o transitório não satisfaz o homem, ele é lançado com toda a sua alma para além da caverna em busca da luz do conhecimento, e só pode realizar tal objetivo se for capaz de fazer a segunda navegação para o inteligível, ou seja, para o *Esse subsistens*. Desse modo, pode se constatar na leitura lima-vaziana opções por Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Tomás de Aquino e Hegel. É pensando e refletindo sobre a metafísica do *esse* que ele julga encontrar as raízes que fizeram crescer a árvore da modernidade.

Palavras chaves: metafísica do *esse*, Lima Vaz, nihilismo metafísico e ético, crise do século XIII, modernidade, Filosofia.

Abstract

This dissertation aims to reflect the thinking of Lima Vaz demonstrating the itinerary that he goes through using his ability to think about his time by returning to the origins of Philosophy. Reflecting on the lima-vaz thinking that we try to think about the problems pointed out by him and indicate his diagnosis about his time. His hermeneutical analysis of modernity understands that it originates in the crisis of the thirteenth century and can be understood from Thomas Aquinas when he thinks about the ontic situation of man and gives primacy to existence, giving it the condition of being thought and reflected. In this way, by synthesizing Plato and Aristotle, he can suppress them, thus overcoming the essentialism which understood existence as unintelligible. In this sense, Lima Vaz argues that Philosophy is anamnesis and noesis, in other words, thinking about its historical trajectory is able to reinvent the problems that gave rise to it and offer answers. The restlessness that moves beings in search of knowledge is properly metaphysical, since it is able to recognize, like Plato, that the first navigation on the transient does not satisfy man, he is thrown with all his soul beyond the cave in search for the light of knowledge, and can accomplish such an object only if he is able to make the second navigation to the intelligible, in other words, to the subsistence *esse*. In this way, one can see in the reading of lima-vaz options by Plato, Aristotle, St. Augustine, Thomas Aquinas, and Hegel. It is thinking and reflecting on a metaphysics of *esse* that it judges to find the roots that have made the tree of modernity grow.

Keywords: metaphysics of the *esse*, Lima Vaz, metaphysical and ethical nihilism, crisis of the thirteenth century, modernity, Philosophy.

Índice

Introdução	9
Capítulo I – Tomás de Aquino e a Memória Metafísica.....	11
1.1. Tomás de Aquino e o século XXI.....	12
1.2. Esquecimento, Memória do Ser e o futuro da Metafísica.....	18
1.3. Metafísica em Questão.....	22
Capítulo II – Temas metafísicos vazianos.....	27
2.1. Ideia e Existência.....	27
2.2. Transcendência e Transcendental.....	31
2.3. Liberdade e o Absoluto.....	36
2.4. O problema da Criação.....	43
2.5. Essência e Existência.....	50
2.6. Ser e Participação.....	59
2.7. Ordem e Finalidade.....	68
Capítulo III – Modernidade.....	81
3.1. Fenomenologia e Axiologia da Modernidade.....	81
3.2. O subsolo doutrinal do século XIII.....	86
3.3. Nihilismo.....	88
3.4. Nihilismo metafísico.....	89
3.5. Nihilismo ético.....	92
3.6. Resposta lima-vaziana à Modernidade.....	95
Considerações Finais.....	104
Referências Bibliográficas.....	107

Introdução

A presente dissertação *Metafísica e Retorno as origens da Filosofia em Lima Vaz* como o próprio nome diz, visa percorrer o itinerário rememorativo lima-vaziano e pensar alternativas de resposta aos problemas modernos. O tema escolhido, Metafísica, remonta as origens da Filosofia, quando Platão descobre para além da primeira navegação o mundo inteligível, ou para se dizer, a Ideia. Dessa forma, pode-se lançar com toda alma a essa experiência única e extraordinária. Lima Vaz, autor preocupado com o seu tempo, no seu processo formativo publica seu primeiro artigo sobre a temática aqui escolhida. Trata-se, como Rubens Godoy Sampaio afirma em sua obra *Metafísica e Modernidade, método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*, do texto filosófico “*Que é metafísica*”, publicado na revista *Verbum* em 1948, que dá início à sua reflexão metafísica que encontrará em sua última obra *Raízes da Modernidade*, publicada em 2002 o fim de sua elaboração filosófica. Podemos nos perguntar assim como Lima Vaz: Que futuro terá a Metafísica no século XXI? É pensando e refletindo sobre tal indagação que ele encontrará no século XIII a genialidade de Tomás de Aquino. Nele verifica-se a rememoração de autores como Platão, Aristóteles, Plotino, Santo Agostinho, que pensando o problema metafísico oferecem respostas a ele. O Aquinatense, nesse sentido, para Lima Vaz, é aquele que consegue pensar a inteligibilidade da existência em sua metafísica do *esse*, superando assim, o essencialismo platônico e aristotélico e dando primazia a existência. Pergunta Lima Vaz: Terá lugar garantido nas reflexões do século XXI o pensamento de Tomás de Aquino? Sua indagação e a análise dos conflitos que seu tempo oferecia o levam a pensar a importância da memória metafísica para compreender como se originou a modernidade. Dessa forma, pode ele pensar como sua última obra *Raízes da Modernidade* demonstra, as primeiras sementes que fizeram crescer a árvore frondosa da modernidade.

Nosso itinerário nessa dissertação percorrerá três capítulos. O primeiro refletindo sobre a importância de Tomás de Aquino e a memória metafísica, o segundo a construção dos temas metafísicos vazianos ou suas categorias, e o terceiro procurará refletir propriamente sobre a modernidade. Podemos a partir desse caminho perguntar: Que diagnóstico oferece Lima Vaz dos problemas modernos? Como poderá ser visto, Lima Vaz só compreende uma Filosofia que “procede a busca de *princípios* que são também *fundamentos*”¹, ou seja, ele trata da Filosofia mesma, nascida no coração de Atenas a partir de Sócrates-Platão. Sua obra filosófica terá por

¹ Marcos Nobre, José Márcio Rego, *Conversa com filósofos brasileiros* p. 36

objetivo não fazer a desconstrução da história da Filosofia, mas pensar a partir dela, a reinvenção de problemas que estão ligados desde o seu nascimento e oferecer respostas ao tempo presente. É a partir disso que a presença de Hegel será de suma importância para o seu pensamento. Trata-se de fazer como ele, uma *Erinnerung* histórica para assim “captar o tempo no conceito”. Pode assim, Lima Vaz, reconhecer o avanço tecnológico a partir do abandono da metafísica como ciência, e do desenvolvimento das chamadas ciências experimentais, onde a compreensão do homem dá-se de forma abstrata, e o mundo passa a ser regido por objetos que substituem a participação do homem ao Princípio Transcendente (Tecnociência). Sem a referência ao Bem platônico, como poderá o homem moderno orientar o seu agir? Problema esse pensado por Lima Vaz, tratado especificamente em sua reflexão ética sobre as aporias da modernidade.

Um dos desafios mais importantes para o pensamento lima-vaziano é o de diagnosticar e encontrar alternativas de resposta ao chamado niilismo metafísico e ético. Dessa forma, essa dissertação procurará a partir da leitura de Lima Vaz oferecer alternativas a esse vazio existencial, onde fins, normas, valores, já não encontram sentido, provocando a insensatez da violência e destruição do humano. Nesse sentido é, importante deixar claro que, Lima Vaz situa-se dentro da perspectiva de uma filosofia cristã, onde o ápice da realização filosófica passa pelo sensível, mas não encontra nele a satisfação plena do ser, que só poderá ser feita pelo retorno ao Princípio Transcendente. Experiência única e extraordinária do viver humano.

Em suma, nos propomos aqui, refletir sobre a trajetória filosófica de Lima Vaz, pensando junto dele e de seus comentadores a problemática contemporânea. Trata-se de pensar a relação entre Antropologia, Ética e Metafísica. Homem de extraordinária simplicidade, e capaz de uma reflexão tão profunda, que pouco a pouco vai sendo reconhecida nas produções de dissertações e teses nas universidades. É junto dele, que julgamos pensar a possibilidade de relações mais humanas e justas, e retornar ao *Esse* subsistente como aquele que marcando a história da humanidade, continua a atraí-la para uma compreensão mais coerente e norteadora, a fim de que se possa pensar o que é o homem, sua origem e seu fim.

Capítulo I – Tomás de Aquino e a Memória Metafísica

A presente dissertação visa refletir sobre a metafísica a partir da leitura que Lima Vaz faz de Santo Tomás de Aquino com o objetivo de compreender as sementes do que se chamou de Modernidade. Para isso, a sua última obra *Raízes da Modernidade* servirá como base para refletirmos e pensarmos a relevância da memória metafísica para os tempos atuais. Essa obra, segundo a interpretação de Rubens Godoy Sampaio, em seu livro *Metafísica e Modernidade, método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*, pode ser compreendida como um texto de convergência, conclusão e de fundamentação. Convergência entre os temas da compreensão da origem da Modernidade, ao mesmo tempo, da Metafísica do existir de Tomás de Aquino. Conclusão, pois, Lima Vaz encerra sua interpretação da Modernidade, cumprindo assim, seu itinerário filosófico. E fundamentação, pois, vê-se o esforço de sistematizar o seu pensamento sobre o ser de forma articulada com a Ética e a Antropologia Filosófica. Três textos de *Raízes da Modernidade* servirão de auxílio para iniciarmos a presente discussão. O primeiro deles está localizado no capítulo 15 com o título de *Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI*. Conforme a nota², trata-se de um texto que foi lido por ocasião das comemorações do décimo aniversário do Instituto Santo Tomás de Aquino de Belo Horizonte em outubro de 1997. O segundo texto se encontra no capítulo 16 com o título de *Esquecimento e Memória do Ser: Sobre o futuro da Metafísica*. Por fim, completando a tríade inicial dessa primeira etapa da reflexão, junta-se aos dois textos citados, a *Metafísica em Questão*, que se encontra no capítulo 6.

Dentre os inúmeros temas que visitaram a reflexão vaziana, destacam-se três de suma relevância para o autor: a Antropologia, a Ética e a Metafísica. Essa tríplice temática está interligada, uma dependendo da outra. O que fica evidente no pensamento de Lima Vaz é, que somente a articulação dessas três disciplinas pode levar à compreensão integral do homem e ajudá-lo a resolver suas aporias. Tanto a Ética quanto a Antropologia têm seus fundamentos na Metafísica.

² H. C. Lima Vaz, *Raízes da Modernidade*, p. 239

1.1. Tomás de Aquino e o Século XXI

Em *Conversa com filósofos Brasileiros*, organizado por Marcos Nobre e José Marcio Rego, Lima Vaz explicita de início como foi sua formação. Após ter entrado para a Companhia de Jesus em 1938, tornou-se aluno da Faculdade de Filosofia dos jesuítas em Nova Friburgo, RJ. Afirma ele “a formação aristotélico-tomista foi de grande utilidade para mim. Levou-me a um primeiro contato e a uma razoável familiaridade com os textos clássicos, os latinos medievais, sobretudo Tomás de Aquino, e os gregos, sobretudo Aristóteles”³. Diante dessa exposição fica evidente a importância da obra tomasiana para o filósofo brasileiro.

A proposta inicial do texto *Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI* é pensar a tradição, examiná-la e refletir sobre o que se quer viver no século XXI. O ponto de partida dessa reflexão é a cultura simbólica com suas instituições, normas, valores, saberes, destacando-se dentre elas a Filosofia. A indagação pertinente, e que move Lima Vaz durante todo seu pensar filosófico, é a de saber o que sobreviverá do passado na civilização vigente, tendo em vista, as inúmeras mudanças na forma de viver. Desse modo, a figura de Tomás de Aquino se apresenta como uma via possível para tentar responder a toda essa problemática.

Tomás de Aquino é uma das grandes personalidades do pensamento cristão desde o século XIII até hoje. Mas continuará sendo? Por que deveria sê-lo? Questionamentos que Lima Vaz faz e procura responder mergulhando na imensa reflexão que o aquinatense produziu. Para ele, Tomás de Aquino pode ser interpretado a partir de três dimensões, a de Mestre da vida espiritual e de Teólogo (plano vertical) e a de Filósofo (plano horizontal). Nele nota-se a harmonia entre as três dimensões. Trata-se de reconhecer que nas dimensões espiritual e teologal repousa com profundidade o plano filosófico. É a dimensão filosófica que dá à espiritual e à teológica os instrumentos conceptuais, tornando coerente o discurso e digno de ser pensado. É uma fé que busca o entendimento, e nisso reside a grandeza de Tomás de Aquino na história.

Lima Vaz aponta em seu texto a valorização que foi dada a Tomás de Aquino na segunda metade do século XIX. Essa retomada tem por objetivo propiciar o diálogo, até então abalado por inúmeras formas de resistência à cultura moderna. A encíclica *Aeterni Patris*, publicada por Leão XIII visa aumentar e enriquecer o que é antigo com o que é novo. Com o objetivo de

³ Marcos Nobre, José Marcio Rego, *Conversa com Filósofos Brasileiros*, p. 29

cumprir essa tarefa memorável surge a neoescolástica como uma forma de tomismo na versão moderna.

Aprofundando a sua rememoração tomasiana, Lima Vaz apresenta três perfis filosóficos que o século XX conhece. Neles estão presentes figuras como as de R. Garrigou-Lagrange e Joseph Tonquedéc, ambos procurando trazer para a atualidade a presença do aquinatense como aquele que refletiu sobre a *verdade* trans-histórica, que se encontra elevada acima das vicissitudes dos tempos. Ele, segundo esses autores, ensina verdades normativas para o exercício da reflexão filosófica e teológica. Outros dois pensadores apresentam-se com o objetivo de continuar a valorização do pensamento tomásico no século XX, Jacques Maritain representando a linha teórica, e Etienne Gilson, a linha histórica. Segundo Lima Vaz, nesse primeiro, nota-se a preocupação de demonstrar que o perfil teórico transmitido pelas obras de Tomás de Aquino e pela tradição dos seus comentadores reivindica um lugar para o autor medieval nos tempos modernos. No segundo, vê-se árdua tentativa de reconstituir historicamente a grandeza e a atualidade das teses filosóficas tomásicas.

O terceiro perfil apresentado por Lima Vaz no desenvolvimento de sua rememoração tomasiana traz as figuras de Joseph Maréchal e J. B. Lotz. O primeiro elabora um programa crítico de Kant que inspira uma nova e original versão da fundamentação tomásica da metafísica. O segundo, faz uma comparação minuciosa e cuidadosamente documentada entre o pensamento de Heidegger e de Tomás de Aquino.

Ao apresentar esses três perfis de Tomás de Aquino descritos por Lima Vaz, essa dissertação não tem por objetivo aprofundar cada um dos autores. O que se pretende com essa exposição é rememorar e refazer o caminho de leitura vaziano para compreender e pensar as possibilidades de superação dos problemas vigentes, a saber se é possível pensar Tomás de Aquino nos dias atuais e continuar a memória metafísica que remonta às origens da filosofia, no século XXI. A partir disso, pergunta Lima Vaz: poderá a presença de Tomás de Aquino prolongar-se e mesmo receber novos contornos no horizonte filosófico do século XXI?⁴. Para responder a essa questão faz-se necessário a *Erinnerung* histórica procurando legitimar o exercício do pensamento filosófico ao longo do tempo.

Por que Lima Vaz propõe pensar Tomás de Aquino hoje? Quais as razões movem o autor brasileiro a apresentar a memória metafísica como condição para superar os problemas vigentes? O que teria motivado na história a necessidade de retomar o caminho da metafísica do *existir* elaborada com magnitude por Tomás de Aquino? Para não correr o risco de uma

⁴ H. C. Lima Vaz, *Raízes da Modernidade*, p. 250

análise fria, preconceituosa, ou até mesmo superficial da relevância dos questionamentos apresentados, surge como tarefa irrecusável buscar a raiz das aporias do mundo moderno. Para Lima Vaz merece atenção o fenômeno do advento da Nova ciência galileiana da natureza, pois, nela nota-se uma mudança profunda nas estruturas de relação do ser humano com o mundo. Pensando a partir da tríade aristotélica do conhecimento, *theoria*, *práxis* e *poiésis* que caminhavam interligadas e harmonicamente na antiguidade até a idade medieval, com o surgimento da Nova ciência galileiana da natureza, a primazia é dada a razão *poiética*, ou seja, o *contemplar*, o *agir* segundo um *ethos* histórico ficam em um segundo plano. A relação do conhecimento com o mundo passa a seguir modelos operativos, tanto teóricos quanto técnicos. A finalidade está totalmente voltada a estabelecer uma homologia entre o *conhecer* e o *fazer*, entre o ser humano como “criador” de objetos e o mundo a serviço dele, esperando para ser constantemente transformado. O resultado desse “progresso” humano é o surgimento do que se chamou de *Tecnociência*, tendo sua imposição determinante na cultura da civilização no final do século XX. Lançado fora de si, como poderá o homem responder às inquietações metafísicas do seu ser? Será capaz de viver de entretenimento até o último dia de sua existência? Conseguirá viver sem o Absoluto transcendente capaz de dar razão do seu existir?

Lima Vaz compreende a urgência de pensar e propor alternativas para responder aos problemas que abarcam a humanidade, dessa forma, afirma que “é na objetividade mundana que se tem o primeiro encontro com o *ser*, e a própria experiência da finitude no tempo”⁵. É assim que comumente se percebe ou se compreende a limitação ontológica que estabelece o *ser* entre os *seres*. A finitude é reconhecida através da relação com o mundo e com o outro, descobrindo assim a própria subjetividade, que faz o homem perceber-se como singular e como *ser-no-mundo*. Diante disso, surge a tarefa sempre renovada de refazer em si e na relação com os outros a *natureza*, dando a ela a forma de *cultura*. Mas, conduzido por uma razão operacional e interferindo na natureza com o objetivo de transformá-la, o homem acaba por modificar sua própria condição *natural* transformando a si mesmo. A consequência inevitável é enxergar a natureza meramente como matéria prima para produção de objetos, deixando-a de ser a primeira forma de o homem se conhecer, para tornar-se meramente instrumento de exploração. A natureza significada e tornada mundo humano, ganha o status de mundo técnico. A indagação pertinente a se fazer, e Lima Vaz a faz, é: qual o perfil antropológico com que se apresentará, no próximo século, esse homem moderno⁶? Questão que permite a ele uma primeira

⁵ Ibid., p. 253

⁶ Ibid., p. 254

constatação, trata-se de reconhecer o movimento de passagem da modernidade como programa para sua efetivação definitiva de uma nova civilização. A tecnociência passa, assim, a reger todos os campos da atividade humana: o conhecimento, o agir ético, o agir político, a criação artística, bem como todo o trabalho.

Diante desse cenário assustador e que exige análises profundas as perguntas vazianas podem nos ajudar a compreender melhor a problemática que nos envolve. Poderá a tecnociência acolher e explicar a intencionalidade profunda da experiência religiosa e dar satisfação? Poderá transpor inteiramente para a sua esfera conceptual a vertente ética da vida humana e dar razão plena do imenso fenômeno da experiência moral da humanidade⁷? A modernidade através das ciências humanas procura dar respostas a essas indagações, no entanto, fracassa, pois as limitações epistemológicas e metodológicas que elas trazem, as impedem de chegar a profundidade que a resposta exige, a saber, buscar compreender as regiões profundas do ser. Para Lima Vaz, essa tarefa pertence à *metafísica*, pois, só ela é capaz de pensar o sentido da vida e as razões de viver. A tecnociência e as ciências humanas não ultrapassam o domínio da *physis*. Dessa forma,

como poderão elas alcançar pelo *conhecimento científico* as regiões do nosso ser das quais procedem questões que não podem ser cabalmente respondidas com procedimentos de observação e de medida ou com a simulação de modelos que reproduzam, nesse campo das questões últimas, tendências e comportamentos do ser humano⁸?

Segundo Lima Vaz, Platão pensando o seu tempo, a fim de responder a questões semelhantes, descobriu uma realidade inteligível que transcende o físico, tornando-a, objeto da metafísica. Mas qual o sentido de repensar a memória metafísica no século XXI? A resposta está justamente na visão vaziana de que as questões metafísicas irão figurar entre os traços mais visíveis do horizonte filosófico do século XXI⁹. Continua Vaz, será do próprio interior do universo da tecnociência que essas questões ressurgirão, atestando assim a sua permanência, já que, só ela pode na sua profundidade responder a interrogação humana sobre o *ser* e sobre o *sentido*.

⁷ Ibid., p. 255

⁸ Ibid., p. 256

⁹ Ibid., p. 256

No século XXI, segundo a interpretação vaziana, pode-se prever a presença da História e de sua rememoração, como também, reconhecer a necessidade da Metafísica e da Ética. A filosofia vive pura e simplesmente porque é vivida¹⁰. Essa constatação de Lima Vaz leva-nos a refletir que o pensamento filosófico só tem sua razão de ser se for capaz de rememorar sua própria história. Pensar a filosofia é permitir-se mergulhar na sua origem e refletir sobre seu caminho percorrido, e continuar a percorrê-lo. Lima Vaz faz essa trajetória, procurando pensar a filosofia não como destruição da sua marcante história, mas como atualização capaz de responder aos problemas atuais. É justamente no terreno nascente do pensamento filosófico que a Ética fez sua aparição histórica, cumprindo assim, o papel de legitimar o próprio exercício filosófico, possibilitando ao homem a abertura do horizonte universal do Ser e do Bem. Esse horizonte é metafísico, tendo em vista que é através da própria Metafísica que a Ética encontra seus fundamentos.

É pensando a Filosofia como *história da filosofia* e razão *metafísica* que Lima Vaz antevê a urgência de um lugar para Tomás de Aquino no século XXI. O autor medieval é, sem dúvida, um pensador singular que nos leva a reconhecer a filosofia como *Memoria Spiritus* ou seja, a memória do espírito no tempo. Nele encontramos a rememoração da tradição conceptual filosófica, tendo como fontes primeiras o platonismo e o aristotelismo. Nesse sentido, Lima Vaz, demonstra através de quatro pontos essenciais a originalidade do autor medieval segundo a vertente histórica. O primeiro deles está justamente no fato de conseguir elaborar a síntese entre o religioso (Fé) e o racional (Razão). Aqui a análise parte de um problema que está na origem da filosofia e que se aprofunda no encontro entre Filosofia grega e o anúncio cristão. O segundo ponto consiste na capacidade de sintetizar a gnosiologia platônica, com o auxílio fundamental da leitura feita por Santo Agostinho, e a gnosiologia aristotélica, estabelecendo assim, a teoria do conhecimento sobre um fundamento metafísico. O terceiro ponto está em sua concepção da história a partir de fundamentos metafísicos da existência humana. O quarto e último ponto, revela a organização orgânica da ética clássica, recebida da conceptualização aristotélica na tradição da ética cristã. Esses quatro pontos, segundo Lima Vaz, demonstram a originalidade de Santo Tomás de Aquino e confirmam a presença de sua vertente histórica no século XXI.

Demonstrada a importância da leitura histórica que o aquinatense faz, agora Lima Vaz, parte para revelar as teses metafísicas nas quais pode-se encontrar sua originalidade. Antes do autor medieval estudado, tudo se esgotava na *essência*, a existência se mostrava ininteligível,

¹⁰ H. C. Lima Vaz, *Morte e Vida da Filosofia*, p. 677

presa e condicionada ao *destino*. A grandeza de Tomás de Aquino está no fato de descobrir a inteligibilidade intrínseca do *existir (esse)* na sua natureza de *ato* primeiro e constitutivo da realidade *em-si* do *ser* e como objeto próprio da metafísica enquanto ciência¹¹. Essa é uma tese especulativa singular na história da metafísica. Ela não só supera o essencialismo grego, como demonstra a possibilidade de pensar a *existência*. Segundo Lima Vaz, ao dar primazia ao *esse* na ordem da inteligibilidade do *ser*, Tomás de Aquino encontra o fundamento conceptual posto em sua obra juvenil *De ente et essentia*, a saber, a transcendência absoluta de Deus como Existir subsistente (*Ipsum Esse subsistens*). Nele reconhecendo a perfeita identidade entre essência e existência. Outra descoberta tomasiana está em compreender a relação da criatura com o criador, relação real de dependência na ordem da *existência* e da *essência*. Isso aponta na síntese judicativa e na afirmação do *existir* no juízo, o lugar inteligível do encontro entre a *inteligência* e o *ser* na sua plenitude existencial, de tal sorte, que esse encontro venha a operar a *identidade*, na ordem *intencional*, entre o *sujeito* cognoscente e o *objeto* real conhecido¹².

Lima Vaz compreendendo a relevância do pensamento metafísico tomásico explicita que

Com efeito, a afirmação do *esse* (existir) no juízo vai além necessariamente, no seu dinamismo intencional, da limitação *eidética* dos objetos *finitos* a que se aplica e, em virtude da *ilimitação tética* do próprio ato de afirmação, *põe* inelutavelmente, como horizonte último não contemplado mas dialeticamente implicado, o Existir subsistente *infinito* na sua absoluta transcendência, cuja existência, no âmbito da inteligibilidade analógica, será formalmente demonstrada nas provas clássicas da existência de Deus¹³.

Isso significa dizer que mesmo que a finitude limite o humano, a intencionalidade racional supera essa condição, e eleva o homem até o Absoluto transcendente, tendo em vista, que pela sua relação de criaturidade, ele necessariamente busca seu criador.

As teses fundamentais com que a metafísica de Tomás de Aquino se apresenta no século XXI, segundo Lima Vaz, estão na primazia do *existir (esse)* na ordem da inteligibilidade metafísica e no dinamismo da razão que se orienta para o *Esse* absoluto.

¹¹ H. C. Lima Vaz, Raízes da Modernidade, p. 262

¹² Ibid., p. 263

¹³ Ibid., p. 264

O texto *Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI* encerra-se com uma indagação pertinente a ser feita. Pergunta Lima Vaz: Irá a *objetividade técnica* oferecer-se, finalmente, como único alimento à carência metafísica do nosso espírito¹⁴? É evidente que não. O espírito, como afirma a interpretação lima-vaziana, deseja um alimento mais substancial.

Se há necessidade de retomar a memória metafísica no século XXI é porque em algum momento pretendeu-se colocá-la nos porões da história, ou seja, esquecê-la. Dessa forma, pensar o Ser e o futuro da metafísica nesse século é tarefa urgente, se quisermos compreender o homem para além do seu fazer e do seu produzir objetos.

Para a interpretação lima-vaziana, Tomás de Aquino e suas obras são capazes de responder às aporias do século XXI. É justamente o que propomos desenvolver e demonstrar nessa dissertação, através da leitura que Lima Vaz faz do aquinatense.

1.2. Esquecimento, Memória do Ser e o futuro da Metafísica

O texto de auxílio na exposição que será feita a partir de agora se encontra no capítulo 16 da obra *Raízes da Modernidade* de Henrique Cláudio de Lima Vaz, com o título de *Esquecimento e memória do Ser: sobre o futuro da Metafísica*. Nele duas matrizes de inteligibilidade serão pensadas, trata-se da *natureza* e da *cultura*. Pensar ambas tem por objetivo compreender as mudanças provocadas na história através do método *genético-sintomático*, ou seja, descobrir os sintomas que deram origem ao que chamamos de Modernidade e as aporias que esse tempo traz consigo. Esse método busca a causa profunda capaz de explicar os efeitos de ordem cultural das transformações que ainda estão em curso. Um dos efeitos mais drásticos do nosso tempo foi denominado *niilismo*. Ele manifesta-se com a pretensão de negar todo e qualquer valor, abarcando a tradição religiosa, metafísica, ética, política e estética. Lima Vaz procura, através do método genético-sintomático, compreender justamente o momento ou o evento na história espiritual do ocidente que culminou no *niilismo*. Duas figuras, segundo a interpretação lima-vaziana, aparecem na história utilizando esse método, a saber Nietzsche e Heidegger. O primeiro o aplica para descrever sua “genealogia da moral”, enquanto o segundo, seguindo o percurso do catolicismo e do luteranismo, passando pela fenomenologia, e acolhendo a interpretação de Nietzsche, provoca uma mudança profunda na compreensão da

¹⁴ Ibid., p. 267

metafísica. Retomando a expressão *ontoteologia*, de origem kantiana, no entanto, dando a ela novo conteúdo e sentido, faz a leitura da história da metafísica a partir de uma chave hermenêutica única e simples. Segundo Lima Vaz, Heidegger parte do pressuposto de que a Metafísica nasce de um gesto teórico de Platão e que durante o decorrer da história se repete sempre o mesmo, tendo por diferença apenas as figuras históricas, e encerrando essa forma de pensar com Nietzsche. A compreensão heideggeriana reconhece que apenas aos *seres* é permitido manifestar-se ou desvelar-se (*alétheia* = verdade) na sua conformidade ou adequação ao pensamento¹⁵. Mas o que isso de fato significa? Essa forma de interpretar a metafísica permite a Heidegger colocar os entes em uma escala hierárquica, o *alpha* é o Ente Supremo. Para Heidegger, nessa ocupação total do espaço metafísico pelos entes, resulta no ocultamento do *Ser*, e como consequência drástica disso, seu próprio esquecimento. Dessa maneira, a tarefa de pensar a metafísica deverá ser dirigida apenas para a organização do mundo dos entes, ou seja, a metafísica clássica e medieval que visava a transcendência do Ser e dos seres é substituída por uma espécie de autotranscendência, onde o ser humano se projeta e constrói seu mundo na imanência, naquilo que se chamou de metafísica da subjetividade.

Influenciando toda a sua posteridade, Heidegger fez do Deus da tradição metafísica, pensado como Ente supremo, apenas uma ideia diante da qual não se pode dobrar o joelho e nem rezar¹⁶.

Para contrapor a visão heideggeriana da história da metafísica, Lima Vaz rememora o nascimento da filosofia e explica o conceito de Metafísica. Segundo ele, “o termo ‘metafísica’ deve sua origem à primeira classificação dos escritos que vieram a constituir o *Corpus Aristotelicum*”¹⁷. Dessa forma, a partir da explicação terminológica pode-se compreender que o conhecimento metafísico situa-se “para além” (*metá*) do mundo físico (*tá physiká*). Deste modo, o que está para além do sensível apresenta-se como puramente inteligível (*tò noetón*).

Lima Vaz explicita que é com Parmênides que a Metafísica dá seu passo inaugural. O inteligível, na sua primeira epifania ao pensamento, só pode ser pensado como *Ser* absoluto. Ele é o absolutamente Um, idêntico ao seu próprio pensar, segundo a frase magnífica parmenidiana “*Com efeito, é o mesmo o pensar e o ser*”. Esse pensar e enunciar o *Ser*, para a interpretação lima-vaziana, só é possível como discurso sobre as *razões* do Ser, tendo como ponto de partida

¹⁵ Ibid., p. 271

¹⁶ Ibid., p. 274

¹⁷ Ibid.

a sua intuição do Ser como absolutamente inteligível ou como *Absoluto pensado* (Parmênides), e a intenção voltada para um ponto de chegada, ou para o absoluto *real* ao cabo de uma suprema exaustão do logos, que abre o espaço para uma *experiência* espiritual única no seu gênero e múltipla nas suas formas: a experiência do Absoluto *real* e absolutamente *transcendente* ao termo do itinerário da Inteligência metafísica¹⁸.

É no desconhecimento dessa realidade acima apresentada que Lima Vaz percebe o erro de Heidegger, levando-o a incluir a metafísica e a ontologia no plano ontoteológico. Mas como negar o Ser, sem afirmá-lo para cumprir tal tarefa? Negá-lo, como mostrou Aristóteles em seu argumento de *retorsão*, refuta a si mesmo.

No desenvolvimento de seu texto *Esquecimento e memória do Ser: sobre o futuro da Metafísica*, Lima Vaz cita Etienne Gilson, apresentando sua compreensão da metafísica tomásica. Nele se encontra a “metafísica do Êxodo”, com referência ao texto bíblico: “*Eu Sou o que Eu Sou. E disse: assim dirás aos filhos de Israel: O que É enviou-me a vós*” (Ex. 3,14). Nessa passagem está a afirmação do Absoluto que permanece o mesmo e que permite aos seres, pela ascese e pela intencionalidade humana, essa experiência única de encontro entre o *Esse subsistens* e os *esse* relativos.

O que permanecerá na civilização que nasce, seja como invariante da natureza humana, seja como aquisição doravante irrenunciável, do nosso já longo caminho histórico? Pergunta que se encontra na página 282, e que nos faz refletir sobre o que queremos viver no século XXI. Essa interrogação ética, pensada a partir da esfera simbólica, está diretamente relacionada à questão dos valores. Pode o homem viver preso ao esquecimento do Ser pretendido por Heidegger? Essa pretensão nada tem de inocente, ela visa substituir os seres que nos são dados pela natureza, pelos objetos que são produzidos pela técnica. Para Lima Vaz,

¹⁸ Ibid., p. 275

esse fascínio pelo *objeto técnico* na sua essencial referência antropocêntrica, seja teórica (ciência), seja operacional (técnica), é o fator verdadeiro e mais eficaz do *esquecimento* do Ser e do descrédito da Metafísica, bem como das consequências *niilistas* que daí se seguem¹⁹.

O homem em meio aos objetos tende a não mais perguntar sobre seu ser, preso ao *fazer* e a capacidade de usufruir do que *fez* e *faz*, torna-se idêntico a mercadoria que produz, vive o encantamento de ter encontrado a correspondência que só as questões metafísicas podem fazê-lo encontrar. Lima Vaz não nega a importância da tecnociência e dos avanços que ela trouxe para a humanidade, no entanto, analisa os impactos que ela produziu e produz na existência humana. Diante disso, surge a questão ética fundamental: Como devemos viver? Interrogação que deve fazer a humanidade refletir e encontrar possibilidades de rememorar a história, procurando nela, caminhos para superar os problemas atuais. Nesse sentido, a Metafísica aparece como ferramenta indispensável, pois, desde sua origem é *Erinnerung* do Ser, não apenas na sua manifestação imediata no domínio do sensível, mas na sua amplitude transcendental como *inteligível*, ou seja, na sua natureza do ser que é verdadeiramente (*ontós ón*)²⁰.

Lima Vaz denuncia que poderá ser notado no século XXI, devido a exacerbada valorização do fazer científico-tecnológico, problemas de natureza ética no universo simbólico. Essas aporias exigirão a busca de fundamentos da Ética, ou seja, a lembrança do Ser e a rememoração do exercício metafísico, atestando que a memória metafísica irá acompanhar a reflexão ética no século XXI.

Encerrando seu texto *Esquecimento e memória do Ser: sobre o futuro da Metafísica*, Lima faz de nos uma alerta e ao mesmo tempo uma tarefa indispensável a ser cumprida, trata-se de fazer o

¹⁹ Ibid., p. 282

²⁰ Ibid., p. 283

retorno em novo estilo teórico do exercício da *memória metafísica* que reencontre o *ser* através da densa rede de objetos científico-técnicos que nos envolve sempre mais. Essa é a tarefa maior que se apresenta à filosofia se ela, como acreditamos, sobreviver na nova civilização que se anuncia²¹.

Indica-nos um caminho e, ao mesmo tempo, propõe com o seu pensar, uma via necessária de resposta aos problemas apresentados. Trata-se de repensar a metafísica e de mostrar que através dela pode-se encontrar alternativas a uma civilização que esqueceu sua história e que, assim, vive a errante tarefa de imanentizar e racionalizar as várias atividades humanas.

Na continuação dessa reflexão, essa dissertação procurará demonstrar a partir do itinerário do *Esse* absoluto e dos *esse* relativos, presente no texto *Metafísica em Questão*, que se encontra no capítulo 6 de *Raízes da Modernidade*, um possível caminho indicado por Lima Vaz para a superação das aporias modernas.

1.3. Metafísica em Questão

O desenvolvimento do itinerário do *esse* segue duas jornadas especulativas. A primeira delas está ligada à esfera do *Esse* absoluto e a segunda, à esfera do *esse* relativo. Tanto a primeira quanto a segunda se desenvolvem seguindo quatro estágios: *noético-metafísico*, *noético-ontológico*, *ontológico-formal* e *ontológico-real*. Segundo o gráfico apresentado na obra *Metafísica e Modernidade, método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*, de Rubens Godoy Sampaio, o sistema vaziano se desenvolve a partir da construção de categorias. No primeiro estágio da esfera do *Esse* absoluto (noético-metafísico) Lima Vaz trabalha as categorias de *Absoluto* e *Razão*, no segundo (noético-ontológico) de *Existência* e *Ideia*, no terceiro (ontológico-formal) de *noções transcendentais*, e no quarto (ontológico-real) de *Liberdade* e *Absoluto*. No itinerário da metafísica do existir na esfera dos *esse* relativos outras categoriais se apresentam. No primeiro estágio (noético-metafísico) as de *essência e existência*, no segundo (noético-ontológico) as de *participação* e *analogia*, no terceiro (ontológico-formal) a de *ordem* e no quarto (ontológico-real) a de *finalidade*.

²¹ Ibid., p. 286

Dois roteiros metodológicos servem de auxílio para Lima Vaz desenvolver sua metafísica, a *via compositionis* ou *ascensus*, onde o ponto de partida é a intuição e a afirmação original do *existir*, e a *via resolutionis* que está relacionada a instauração de uma totalidade de estrutura dialética. Lima Vaz apresenta uma nota esclarecedora sobre essas duas vias. Segundo ele, “na terminologia medieval, a *via compositionis* ou sintética procede do simples para o complexo, ao passo que a *via resolutionis* ou analítica caminha do complexo ao simples”²². Essas duas vias fazem parte de um círculo dialético, onde o fim também é princípio, quando se chega ao ápice da primeira via, encontra-se a segunda e vice e versa. Para Rubens Godoy Sampaio toda a obra vaziana pode ser caracterizada como teleológica e como cumprimento desse círculo, sendo o texto “*Que é metafísica*”, publicado na revista *Verbum* em 1948 o início e a sua última obra *Raízes da Modernidade*, publicada em 2002 o fim. Elas cumprem o círculo dialético de maneira sistemática e plena. Começa-se pela metafísica e retorna-se no final do percurso com a sistematização dela. Nesse sentido, Godoy expressa que a *via compositionis* cumpre o trajeto que se inicia com a *Antropologia Filosófica, Ética e Metafísica*, enquanto a *via resolutionis* caminha da *Metafísica*, passa pela *Ética* e encontra-se com a *Antropologia Filosófica*. A primeira via está direcionada à constituição das categorias, ao passo que a segunda, procura a fundamentação delas.

Trata-se de reconhecer que o caminho dos seres para o Ser jamais se esgota, no entanto, é possível de ser trilhado, pois o princípio causal une criador e criatura, possibilitando, assim, a realização desse percurso.

O primeiro estágio que Lima Vaz inicia seu percurso (noético-metafísico) expressa “a manifestação da inteligibilidade fontal ou primordial do *esse* como ato ou perfeição”²³. Desse modo, o ato de *existir* se revela como o local onde se encontra a *arché* de toda inteligibilidade das coisas que são ou existem. A afirmação dessa inteligibilidade do ato de existir é infinita e absoluta.

Os entes só são pensáveis a partir do *Esse* absoluto, ou seja, em razão do que Lima Vaz chama de *primum ontologicum* como *esse* absoluto. No *Esse* absoluto há identidade entre essência e existência. Para o cristianismo, essa identidade permite a diferença *ad intra*, pois, compreende-se o Absoluto como trinitário (Pai, Filho e Espírito Santo), ao mesmo tempo, a diferença *ad extra* em relação aos entes criados. Para Lima Vaz “há, porém, um traço comum que une as concepções antiga e cristã da *identidade* e da *diferença* ou do uno e do múltiplo

²² Ibid., p.95

²³ Ibid., p.96

traduzidas na oposição do Absoluto e do relativo...”²⁴. Tanto na concepção antiga quanto na cristã, há “a intuição da *transcendência* do *ser* como primeiro inteligível posto absolutamente sobre toda limitação eidética dos entes finitos e relativos”²⁵. No *esse* relativo encontra-se a marca indelével do *Esse* absoluto, a manifestação da sua transcendência, ou ainda, como afirma Lima Vaz na *Antropologia Filosófica* quando está desenvolvendo as categorias de estrutura (corpo, psiquismo e espírito), “é pelo *espírito* que o homem participa do Infinito ou tem indelevelmente gravada em seu ser a marca do Infinito”²⁶. O *Esse* absoluto é *causa* dos seres e *Fim* que eles devem buscar para realizarem sua essência, vivendo plenamente sua existência. Lima Vaz deixa claro que a inteligência finita não detém a razão última de possibilidade dessa intuição, caso tivesse, “o *Esse* permaneceria relativizado na *imanência* do sujeito finito, em contradição com a intuição da sua natureza *absoluta*”²⁷. A inteligência finita, no exercício primário do ato intuitivo é também compreendida na esfera da inteligibilidade do *Esse*, na transcendência metafísica do *Esse* subsistente. Se os seres relativos só são pensáveis por causa do Ser necessário ou *Ipsum Esse subsistens*, a existência deles só pode ser participada. Dessa forma, o Ser absoluto manifesta sua transcendência no *existir* dos seres relativos, aliás, na inteligência finita se faz presente a *expressão* própria do Ser absoluto. Ele é *princeps analogatum*, enquanto os *esse* relativos são *analogatum inferius*.

Lima Vaz indaga: como recuperar para o universo luminoso da razão o fundo obscuro do simples *existir*?²⁸. Para ele, Tomás de Aquino respondeu a essa indagação com a intuição da inteligibilidade do *Esse* absoluto como *ato* de infinita perfeição. Essa magnífica intuição demonstra a capacidade de a razão elevar-se à contemplação desinteressada do Ser.

A modernidade caminhando à sombra do *cogito* cartesiano e dando primazia à razão operacional reivindica para o homem a tarefa de construir ou “criar” um outro absoluto. Esse empreendimento busca formas externas de resolução de questões internas. A existência pensada como tarefa meramente construtora esbarra na insatisfação constante do ser que, enganando-se, imagina ter encontrado a razão de viver e o sentido da vida na produção incessante, onde o fim que se busca é a produção sem fim de objetos que satisfaçam as necessidades básicas e superficiais. O que se constata não é uma existência pensada, mas uma existência abandonada,

²⁴ Ibid., p.99

²⁵ Ibid., pp.99-100

²⁶ H. C. Lima Vaz, *Antropologia Filosófica I*, p.205

²⁷ H. C. Lima Vaz, *Raízes da Modernidade*, p.100

²⁸ Ibid., p.101

alienada à ideia de uma satisfação corporal ou meramente material. Como Lima Vaz apresenta em seu artigo *Morte e Vida da Filosofia*, publicado em 1991 pela *Revista Síntese Nova Fase*: “essa crise foi bem caracterizada por Henri Bergson ao dizer, numa comparação que nos lembra fenômenos de teratologia do crescimento, que o corpo da civilização cresceu enormemente, mas a alma ficou pequena para tão grande corpo; e ela reclama então *un supplément d'âme*”²⁹. Logo em seguida, indica-nos um dos motivos desse acontecimento ao dizer: “Ora, por longo tempo a Filosofia, como exercício da Sabedoria ou forma mais elevada da ‘inteligência espiritual’ teve seu lugar na própria essência da ‘alma’ da nossa civilização”³⁰. Ao abandonar o pensamento filosófico, ou retirar dele a esfera metafísica, a alma reivindicará, ainda quem em seu silêncio, eternamente a presença do Absoluto.

Para Lima Vaz, estamos diante de uma inversão radical do vetor ontológico da razão. De um lado, Tomás de Aquino aponta a transcendência absoluta do *Esse*. Do outro, a modernidade indica como caminho a imanência da *representação*. A existência, no entanto, não pode ser pensada ontologicamente por procedimentos operacionais da razão, a “razão operacional pode representar, explicar, transformar, modificar, organizar, projetar. Mas não pode *criar*”³¹. A constatação do tempo presente é a continuidade da incompreensão do simples *existir*, tendo em vista a tentativa exacerbada de racionalizar todas as manifestações da vida humana. Vive-se o sem-razão do existir refugiando-se no ceticismo e abraçando loucamente o niilismo.

Lima Vaz aponta um caminho para atravessarmos os desertos que nós mesmos criamos, trata-se de reconhecer a necessidade de repensar o paradigma da metafísica do *esse*, “afirmado como primeiro na ordem da inteligibilidade e do ser como *primum logicum e primum ontologicum*”³². E isso só pode ocorrer com a memória metafísica, situando-nos diante da *transcendência objetiva* do *esse*.

Encerrando esse primeiro capítulo de discussão, onde três textos da obra *Raízes da Modernidade* serviram de auxílio, *Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI*, *Esquecimento e Memória do Ser: Sobre o futuro da Metafísica*, e *Metafísica em Questão*, além de artigos como *Morte e Vida da Filosofia*, a obra *Antropologia Filosófica I* de Lima Vaz, *Conversas com filósofos brasileiros* de Marcos Nobre e José Márcio Rego, bem como livros de leitores vazianos como *Metafísica e Ética: A filosofia da pessoa em Lima Vaz*

²⁹ H. C. Lima Vaz, *Morte e Vida da Filosofia*, p. 679.

³⁰ *Ibid.*

³¹ H. C. Lima Vaz, *Raízes da Modernidade*, pp.102-103

³² *Ibid.*, p. 103

como resposta ao nihilismo contemporâneo de Cláudia Maria Rocha de Oliveira e *Metafísica e Modernidade, método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*, de Rubens Godoy Sampaio, faz-se necessário aprofundar a metafísica vaziana através dos temas e categorias trabalhados por ele. O segundo capítulo dessa dissertação pretende fazer esse percurso e demonstrar a relevância e grandeza do pensar filosófico lima-vaziano.

Capítulo II – Temas metafísicos vazianos

Nesse segundo capítulo iremos percorrer o itinerário de construção das categorias e temas metafísicos vazianos. Diante desse desafio podemos nos perguntar: Mas para que caminhar sobre um terreno no qual a modernidade pensa já ter descartado como via necessária para a compreensão do homem? Para que penetrar nas páginas de livros da antiguidade e da Idade Média, se já se reconheceu que superamos a idade da infância intelectual e alcançamos a idade adulta da sabedoria? O sentido de rememorar essa história para Lima Vaz está em compreender o seu tempo e o que lhe deu origem. Trata-se de procurar o motor que moveu as ideais de progresso e de recusa dos valores, do Princípio Transcendente e principalmente da rejeição do polo metafísico e da primazia do polo lógico. Nesse sentido, é percorrendo o solo metafísico que dava sustento ao homem antigo e medieval que podemos compreender as primeiras sementes do que chamamos *modernidade*. Servirá de auxílio para a confecção dessa reflexão a obra *Raízes da Modernidade* de Lima Vaz. Dentro do itinerário da metafísica do *esse* na esfera do *Esse* absoluto encontra-se os temas ou categorias de *Ideia e Existência* (Capítulo 7), *Transcendência e Transcendental* (Capítulo 8), *Liberdade e Absoluto* (Capítulo 9), e *O Problema da Criação* (Capítulo 10). No itinerário da metafísica do *esse* na esfera dos seres relativos aparece as categorias de *Essência e Existência* (Capítulo 11), *Ser e Participação* (Capítulo 12), e *Ordem e Finalidade* (Capítulo 13).

2.1. Ideia e Existência

Vamos começar a percorrer o segundo estágio da metafísica do *esse* na esfera do *Esse* absoluto denominado *noético-ontológico*.

Depois de ter refletido e encontrado a intuição da inteligibilidade fontal do *esse* como ato primeiro, surge como tarefa para Lima Vaz, encontrar uma forma de expressar o existir no *logos*, e como consequência, exprimir o *Esse* absoluto no discurso.

Capaz de ser pensado, o *esse* procura sua identidade com o intelecto que o pensa no ato mesmo em que é intuído. Ao fazer esse exercício o ser finito descobre-se incapaz de conceder a si a existência, procurando assim, outra realidade que possa explicar sua gênese. Essa reflexão sobre si mesmo o leva a compreender que “pensar a situação *ôntico-primária* do ser humano, ou seja, pensá-lo como ser *situado*, como *ser-aí*, supõe necessariamente a afirmação do *Esse*

absoluto transcendente como condição de inteligibilidade do *esse*”³³. Mas por que isso ocorre? É diante de uma existência limitada, incapaz de ser a fonte de toda inteligibilidade, que o homem ser situado na história pode descobrir uma realidade trans-histórica, ou seja, uma perfeição absoluta que concede o *esse* e o mantém. Composto de *essência* e *existência*, a primeira entendida como potencialidade e a segunda como ato, o homem analogicamente chega a compreensão de que no *Esse subsistens* existência e pensamento coincidem-se numa unidade absoluta. O homem pensa o seu simples existir em referência ao Absoluto, enquanto Deus, pensa em referência a si mesmo. Ele é, ou como disse Aristóteles, é “Pensamento do Pensamento”.

Para Lima Vaz o ponto de partida para expressar a relação *esse-logos* passa pela identidade fundamental expressa na sequência *esse=uno=pensar*. Segundo ele, esse ato foi realizado por Parmênides, inaugurando a ontologia ocidental. A questão, no entanto, não se resolve, pois, Parmênides detêm-se nessa identidade. Platão retoma o problema parmenidiano e o desenvolve nas obras *Parmênides* e no *Sofista*. Surge para o itinerário reflexivo um outro ponto de partida. Trata-se de pensar a aporia a partir da dialética da *identidade na diferença* entre *ser, uno e pensar*. A partir dessa compreensão e pensando possibilidades de expressar a *identidade na diferença* no *Esse* absoluto, Lima Vaz afirma: “a intuição primordial do *esse* implica necessariamente sua *identidade objetiva* com o ato de pensar e a posição da *unidade* absoluta que compete *objetivamente* a essa identidade”³⁴. O problema é que essa *unidade* é pensada a partir do múltiplo *subjetivo*, ou seja, de um sujeito finito que percebe à sua volta, na sua primeira iniciativa de pensar, uma multiplicidade incontável de seres finitos e relativos e a variedade dos próprios atos do pensamento. Como superar essa aporia?

Para Lima Vaz pode-se pensar que a resolução desse problema move Platão no seu desenvolvimento crítico da doutrina das Ideias. Afirma ele:

sua aplicação no *Timeu* – as Ideias como paradigmas para a construção do universo pelo demiurgo – é a origem do problema fundamental da relação entre o lugar inteligível das Ideias (*tópos tôn eidôn*), unidade *objetiva* da multiplicidade ideal, e a inteligência (*nous*), unidade *subjetiva* das Ideias no ato da *noésis* (contemplação)³⁵.

³³ Cláudia Maria Rocha de Oliveira, *Metafísica e Ética. A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao nihilismo contemporâneo*, p.51

³⁴ H. C. Lima Vaz, *Raízes da Modernidade*, p. 105

³⁵ *Ibid.*, p. 106

Aristóteles também trata do problema na doutrina do *nous* no *De Anima*, mais precisamente no livro III, capítulo 4, e na teologia da reflexão do *nous* sobre si mesmo no livro XII da *Metafísica*.

Segundo Lima Vaz, os autores medievais têm acesso ao problema da pluralidade das Ideias na unidade da Inteligência, através da “interiorização do *tópos tòn eidôn* no *nous* e sua transposição teológica no exemplarismo de Santo Agostinho”, bem como através da teoria plotiniana que foi “desenvolvida por Proclo, a respeito da processão da Inteligência a partir do Uno”³⁶ onde as Ideias aparecem como *paradeigmata* (Pseudo-Dionísio).

Essa transposição do *topos* do pensamento antigo, ou seja, da teoria neoplatônica das Ideias feita pela releitura cristã faz com que a relação das Ideias com a Inteligência seja pensada dentro da teologia cristã no contexto de três artigos do credo cristão: a doutrina trinitária, a teologia do Verbo, e a doutrina da criação.

O pensamento cristão concebe que o “*Nous* ou a Inteligência, o *Uno* e o *Esse*, identificam-se no Deus Uno e Trino”³⁷. A identidade de natureza ou essência revela-se como alteridade na relação trinitária (Pai, Filho e Espírito Santo). Ao Filho, Verbo, atribui-se por apropriação o mundo das Ideias, tanto como razões eternas (Santo Agostinho), quanto como *modelo* ou *exemplar* (Pseudo-Dionísio).

O Existir absoluto para o pensamento cristão revela-se como Deus pessoal, ou seja, três Pessoas diferentes que se relacionam na unidade de um Absoluto. Mas como se dá a compreensão do homem a respeito dessa relação trinitária? O grande diferencial do Cristianismo em relação a outras tentativas de compreender Deus, o universo e o próprio homem está na revelação feita por intermédio de Cristo. Na antiguidade, o Absoluto vive a experiência solitária, incapaz de aproximar-se dos outros seres. O próprio Aristóteles reconhece que o motor imóvel não pode ir ao encontro dos seres, se o fizesse, demonstraria imperfeição. Para a revelação cristã, isso pode ocorrer devido a *kenosis*, ou seja, o Verbo se faz carne e habita entre nós. É nesse ir ao encontro dos seres, nesse “rebaixar-se” divino, que o ser humano pode analogicamente compreender a relação trinitária. Trata-se de entender que “a dialética das Ideias recebe seu estatuto metafísico na dialética *ad intra* da *identidade* das Ideias na Inteligência (Verbo) e da *diferença* das Ideias na mesma Inteligência, seja como *rationes aeternae* (Agostinho), seja como exemplares da causalidade criadora do Absoluto, ou *paradeigmata* (Pseudo-Dionísio)³⁸. A Segunda Pessoa da Trindade é a ação do querer da

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid., p. 107

³⁸ Ibid.

Primeira, e dessa relação íntima temos a compreensão através da Terceira, da Bondade divina. São três Pessoas dialeticamente realizando a obra de um mesmo Deus.

Tomás de Aquino consegue fazer a síntese entre Aristóteles e Platão, ou seja, integra a doutrina do *nous* à metafísica do *existir* como *Ideia*. Ele demonstra que a

identidade na diferença implica a reflexividade absoluta do *Esse*, ou o *Esse* como Inteligência que a si mesmo se pensa na infinita riqueza inteligível, manifestando-se tanto *ad intra* (prolação interior do *Esse* como Verbo) quanto *ad extra* (livre criação da multiplicidade dos *esse* finitos e relativos segundo a exemplaridade do Verbo)³⁹.

Isso significa que ele percebe que a relação trinitária não se fecha em si, mas é capaz de comunicar através da ação do Verbo a existência aos seres relativos.

A relação trinitária compreendida como *Identidade na diferença* que dava condição para o homem compreender-se e estabelecer o sentido para o *existir*, é transportada para o interior do sujeito *transcendental*. Podemos nos perguntar: Como isso ocorre? Para Lima Vaz “a descoberta da *identidade na diferença* das Ideias e do *Esse* pensado como Inteligência”⁴⁰ possibilita o desenvolvimento da *metafísica da subjetividade*. O sujeito *transcendental*, capaz da autotranscendência, na multiplicidade de suas versões (*Cogito* cartesiano, *Conceito* hegeliano e *Eu* husserliano), vê-se apto para realizar na imanência ou no próprio interior as prerrogativas da Inteligência como Verbo Transcendente, ou seja, pensa a si mesmo como “Absoluto”. O mundo ideal, para ele, ganha o status de mundo humano ou reino do homem. Ação insensata e que provoca inúmeros problemas para a sociedade. Quais consequências podem ser verificadas nessa pretensão? Tornando-se “outro Deus”, julgando ser capaz de pensar a si mesmo como autossuficiente, pode escolher não mais seguir um *ethos* histórico. Tal pretensão levaria ao rompimento definitivo com os valores e abriria as portas para a violência e a morte. Vale lembrar que a mesma ciência que possibilitou a melhora da vida humana, vendo a si mesma como seu fim, serve para promover mais desigualdade entre os homens.

Fazendo um diagnóstico do projeto moderno, Lima Vaz afirma: “Inteligência e *inteligibilidade* são noções correlativas, e a afirmação de uma inteligibilidade radical do *ser* implica a afirmação de uma Inteligência absoluta como fonte primeira da inteligibilidade, da

³⁹ Ibid., p. 108

⁴⁰ Ibid.

qual participa o próprio sujeito afirmante enquanto sujeito finito”⁴¹. Diante dessa afirmação podemos perguntar: como pode o homem moderno, finito e contingente, querer ser o autor de toda a inteligibilidade? Será capaz de carregar esse fardo pesado? Sem a referência à Trindade que lhe dá condição de inteligibilidade, como poderá compreender a si mesmo e o mundo onde vive? Até quando viverá a ilusão de querer na sua finitude viver a eternidade, prerrogativa do Absoluto?

Lima Vaz encerra essa primeira exposição temática dizendo que “a inteligibilidade absoluta do *Esse* e da Inteligência, a ele *idêntica* na *diferença* das razões (*rationes*), constitui a esfera do *transcendental objetivo* na metafísica tomásica do *esse...*”⁴². O que faz o homem moderno com essa esfera *transcendental objetivo* na metafísica? Para Lima Vaz o aparecimento do *sujeito transcendental* revela-se como a transcrição *subjetiva* dessa esfera, fazendo com que a filosofia moderna deposite no sujeito humano, contingente e finito a autoria de toda inteligibilidade.

2.2. Transcendência e Transcendental

No desenvolvimento do tema *Transcendência e Transcendental*, Lima Vaz, encontra-se no terceiro estágio do itinerário da metafísica do *esse* na esfera do *Esse absoluto*, que ele denomina *ontológico-formal*.

Tem-se diante de si o *Esse* como absoluto, capaz de pensar a si mesmo, e sua expressão na Inteligência arquetípica, ou seja, no Verbo. Esta, desdobrando-se nas noções *transcendentais*, que significam a polivalência inteligível do existir na *diferença* intrínseca à sua *identidade*. Lima Vaz explica que “a totalidade inteligível do *esse* é pensada sob distintas razões *formais*, ou conceitos primitivos logicamente convertíveis entre si na sua absoluta universalidade (por exemplo, verdadeiro = bom; bom = verdadeiro)”⁴³.

Na terminologia escolástica, essas noções são denominadas *transcendentais*, tendo em vista que, vão além de toda particularidade e “são predicáveis do *ser enquanto tal* e de todas as suas diferenças”⁴⁴. Isso significa dizer que no Absoluto há a identidade entre essência e existência, e ao mesmo tempo, presente em seu interior a relação de três Pessoas. É dessa relação que podemos pensar os conceitos de *ser, uno, verdadeiro e bom*. Mas, como tais

⁴¹ Ibid., p. 109

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid., p. 111

⁴⁴ Ibid.

conceitos podem ser compreendidos pela inteligência humana? A Trindade expressa a *unidade* de um mesmo *ser*, que na Segunda Pessoa revela-se como *verdade* e na Terceira, como a realização da *bondade* divina. A concepção cristã entende essa relação através da revelação de Cristo que mostra a face de um Deus que é ao mesmo tempo *uno*, *verdadeiro* e capaz de comunicar aos seres a existência manifestando assim sua *bondade*. Deste modo, o homem marcado pela *criação* vê-se aberto à transcendência divina e pode compreender-se como *ser*, capaz de encontrar no *Verbo* a manifestação da Verdade, e pela sua vontade escolher a *Bondade*.

Embora o termo *transcendência*, relacionado as noções primeiras tenha sua aparição no século XIII com o tratado das noções transcendentais (*ser, uno, verdadeiro e bom*) pelo Chanceler Filipe, da Universidade de Paris, em sua *Summa de Bono* (1225-1228), sua origem pode ser pensada anteriormente a esse período, remontando as origens da Filosofia. Segundo Lima Vaz, do ponto de vista *formal* ou *ontológico*, ela está presente na gênese do discurso da metafísica, podendo ser encontrada já de maneira manifesta na teoria das Ideias de Platão, especificamente na Ideia do Bem na *República*, do Uno no *Parmênides*, do Ser no *Sofista*. Também em Aristóteles, podemos encontrá-la na “dialética do *ser como ser (on he on)* e do *uno* no livro IV (*gamma*) c. 2 da *Metafísica*”⁴⁵.

As noções transcendentais são compreendidas dentro do cristianismo como um *topos* teológico, tendo em vista os atributos divinos e a nomeação de Deus, e um *topos* filosófico, tendo por objetivo demonstrar a estrutura interna da inteligibilidade do existir. Segundo Lima Vaz, a leitura filosófica procede, nesse terreno, pela via *compositionis*, articulando dialeticamente a sequência das noções transcendentais a partir da noção mais primitiva do Ser ou pela via *resolutionis*, nelas resolvendo todos os outros conceitos da razão.

A primeira das noções transcendentais que Tomás de Aquino nos oferece em sua obra *De Veritate* I, 1, é a de *ser*, formada a partir da intuição do existir como *ato de ser*. Essa noção é desenvolvida “dialeiticamente como *idêntica* a si mesma na *diferença* das razões com que a reflexão ontológica a traduz em discurso”⁴⁶. Essas razões servem para explicitar a compreensão do ser de todos os seres, ou considerado em si mesmo na sua *identidade* ou, relacionalmente na sua *diferença*.

Lima Vaz compreende que “em si mesmo o *ser* é *uno* e é determinado na sua essência (*res*) em relação a outro. O *ser*, ou é simplesmente separado (*divisum*) do *outro* e recebe a predicação transcendental de *algo (aliquid, aliud quid)*; ou é predicável segundo a proporção

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Ibid., p. 112

ou conveniência de um ser a outro”⁴⁷. Dizer que o *ser* é uno é compreendê-lo como não contraditório, ou seja, incapaz de ser dividido, embora seja participável. Nesse sentido, sua unidade depende do grau de ser. Isso significa dizer, que só Deus é ser em sua totalidade, dessa forma, cabe aos seres relativos ter o ser advindo do *Esse subsistens*.

Tomás de Aquino pensando sobre essa divisão à luz da universalidade do *esse*, consegue integrar na dialética das noções transcendentais o tema do *Nous* ou Inteligência trabalhado tanto por Aristóteles quanto pelo neoplatonismo. Ele compreende que esse tema é coextensivo à universalidade do ser. A Inteligência é pensada como “alma” (*psyché*), dentro do contexto do livro III do *De Anima*, onde trata da capacidade de ser todas as coisas. É justamente essa coextensividade entre o ser e a Alma que permite definir as noções transcendentais de *verdadeiro* e *bom*. O ser, dessa forma, relaciona-se de maneira intencional através da assimilação do conhecimento da *verdade* e pela inclinação de sua vontade à *bondade*. A partir do reconhecimento do seu *ser* como não-contraditório, ou seja, como verdade, o homem pode procurar a Verdade que explique sua origem, compreendendo e reconhecendo-a no Absoluto Transcendente, pode também reconhecer nele a suma Bondade. Nesse sentido, Deus pode ser compreendido como *Verdade*, *Bem* e *Fim* para realização humana. Lima Vaz, interpretando o pensamento de Tomás de Aquino define as noções transcendentais como: *ser*, *uno*, *essência*, *algo*, *verdade* e *bondade*. Elas constituem assim, o último horizonte ontológico-formal da Inteligência, inscrevendo pela via *resolutionis* todos os outros conceitos. É através delas que se dá o primeiro passo no discurso metafísico pela via *compositionis*, suprassumindo assim, dialeticamente, “a intuição fundante da inteligibilidade do *esse* como Absoluto (*Ipsum Esse subsistens*) e a estrutura interna dessa inteligibilidade como Ideia”⁴⁸.

A estrutura transcendental do existir dá origem a uma dupla representação *circular*, que tem por objetivo, expressar a natureza dialética do discurso fontal da Inteligência e sua articulação com as noções primeiras. A primeira circularidade apresentada por Lima Vaz é a circularidade entre o *verum*, compreendido como noção primeira da inteligência teórica e o *bonum*, relacionado a noção primeira da inteligência prática. Do relacionamento da inteligência teórica com o *ser*, entendido como *relação de verdade*, a inteligência é determinada pelo *ser*. O homem é movido tal como afirmou Platão, a procurar a verdade com toda a sua alma. Na relação da inteligência prática com o *ser*, dita *relação de bondade* ocorre uma determinação do *ser* pela vontade. Ao compreender o Absoluto como *Verdade*, o ser finito pode escolher pela

⁴⁷ Ibid., pp.112-113

⁴⁸ H. C. Lima Vaz, Raízes da Modernidade, p. 113

sua vontade, ou seja, sua escolha, expressar a *bondade divina* que já está presente em si, na existência concreta. E na ordem da causalidade final, a determinação acontece pelo conhecimento do *bem* entendido como *fim*. O homem compreendendo Deus como *Verdade*, correspondendo à sua *bondade* pela liberdade, entende que sua realização plena se dá no encontro com o *bem* que é o Absoluto. A segunda circularidade apresentada por Lima Vaz é “a circularidade entre *identidade* e *diferença* no processo de explicitação das noções transcendentais segundo a qual o *ser* é *em si mesmo*, na unidade da sua essência (*unum-res*), na medida em que é reflexivo sobre si mesmo”⁴⁹. Ao pensar a si mesmo, Deus expressa sua *identidade*, ao mesmo tempo, compreende-se como *alteridade* na relação das três Pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo). Utilizando-se de um termo hegeliano, Lima Vaz, caracteriza essa dupla circularidade como “círculo dos círculos”, e compreende que através dela é inscrita a dialética *identidade-diferença-identidade*. Trata-se de reconhecer que nessa relação trinitária manifesta-se a *identidade* de um único *ser*, ao mesmo tempo sua *alteridade*, tendo em vista que nessa dialética *identidade-diferença* preserva-se a identidade e a unidade.

Lima Vaz compreende que a filosofia moderna acolhe a doutrina das noções transcendentais, mas sem o fundamento metafísico do existir. Kant, em sua fase crítica, pensa a tradição das noções transcendentais na “revolução copernicana”. Ocorre uma transposição dos predicados do *ser* para o interior do *sujeito transcendental*, fazendo assim, com que ele possua a primazia ontológica. Dessa forma, “o *Uno* primordial é atribuído à unidade sintética de apercepção do *Eu penso*, o *verdadeiro* às condições de possibilidade do exercício da razão teórica, o *bom* às condições de possibilidade do exercício da razão pura prática”⁵⁰. Isso significa dizer que as noções *transcendentais* são transportadas para o interior do próprio homem. Ele torna-se *uno* a partir da reflexão racional sobre si mesmo, pois, é a razão quem passa a determinar o que é *verdade* ou não, e é pela prática dos seus próprios valores que ele é capaz de realizar o *bem*. A pergunta que precisamos responder é: Pode o homem ser o *Uno*, a *Verdade* e a *Bondade* ao mesmo tempo? Na pretensão de romper com todo modelo ou paradigma, o sujeito através do *Eu penso* cartesiano julgou ser capaz de colocar tudo sobre o tribunal da razão, seria ela a verdade absoluta sobre tudo e todos. Pensou ser capaz de estabelecer leis universais, garantindo a todos a vivência digna e o respeito necessário. O que conseguiu de fato? Assistimos diariamente a primazia da *doxa* sobre a *episteme*, seja nas conversas diárias, nos telejornais, nas revistas, nas redes sociais. Em busca da afirmação de uma verdade

⁴⁹ Ibid., p. 114

⁵⁰ Ibid.

estritamente humana encontramos o antropocentrismo, o relativismo moral, e o paradoxo de se conceber o niilismo como uma verdade que reivindica a recusa de todo fundamento, ou para se dizer, toda e qualquer *episteme*. Tentando se libertar da idade “infantil” da razão e procurando encontrar a idade “adulta” do conhecimento, o homem vive a experiência da proclamação de uma verdade através de inverdades, da bondade, através do discurso, seja ele manifesto através de promessas políticas, da chamada “meritocracia”, da pretensão de se viver o bem estar social, onde tudo e todos passam a viver sobre o destino econômico. Teria encontrado a liberdade ou a escravidão da ilusão de ser infinito na sua própria finitude? É inegável que os recursos tecnológicos trouxeram benefícios para a vida humana, tais como o avanço na medicina, o desenvolvimento de produtos que facilitaram o dia a dia das pessoas, a comunicação tornou-se mais rápida e prática. No entanto, os avanços sem critérios axiológicos, sobre a tutela dos interesses, do prazer exacerbado, trouxeram inúmeras aporias para o nosso tempo. Terá o homem a capacidade de reconhecer que fracassou na pretensão de ser o próprio fundamento ou de carregar a primazia ontológica sobre tudo e todos? Será capaz de resgatar a experiência da inteligência espiritual, reconhecendo que não é o *Uno*, a *Verdade* e a *Bondade*, no entanto, participa dessas realidades transcendentais para dar sentido ao seu existir? O existir deverá recuperar sua inteligibilidade, só assim, será capaz de compreender-se e retomar o caminho analógico do encontro com o Princípio Transcendente.

Para o pensamento vaziano, a doutrina das noções transcendentais nasce simultaneamente com a descoberta platônica do mundo das Ideias. Isso marca, teoricamente e praticamente a necessidade de filosofar. O sujeito passa a reconhecer que as realidades físicas não conseguem responder a todas as suas inquietações. Vivendo a experiência do transitório, deverá buscar a realidade das coisas na metafísica. Para isso, não nega sua primeira navegação, ou seja, sua experiência sensível, no entanto, utilizando-se do exercício filosófico lança-se a partir dela para a segunda navegação, onde deverá encontrar o mundo das Ideias, a realidade das coisas que são ou existem. Em Tomás de Aquino (*De Veritate*) tratam da primeira expressão formal da inteligibilidade do existir. Revelam a capacidade humana de pensar a própria existência, de reconhecer-se como aberto a experiência metafísica e de analogicamente compreender o mundo a partir do Princípio Transcendente.

Lima Vaz encerra o tema *Transcendência e Transcendental*, compreendendo que a filosofia moderna fundamenta no *transcendental* as noções transcendentais. Ao fazer isso, ela cria a oposição entre o Absoluto *transcendente* e o sujeito *transcendental* alienado a imanência.

Dessa relação conturbada, um terceiro se apresenta como resposta, trata-se de recusar a razão ou aderir de corpo e alma ao *niilismo*.

A fim de ampliar nossa visão sobre a mudança drástica que a modernidade apresenta em relação a antiguidade e a idade medieval, faz-se necessário mergulhar no tema seguinte apresentado por Lima Vaz, a saber a compreensão antiga da relação entre a liberdade e o Absoluto. Esse será o quarto estágio da metafísica do *esse* na esfera do *Esse subsistens*.

2.3. Liberdade e o Absoluto

O último estágio do itinerário da metafísica do *esse* na esfera do *Esse absoluto* é denominado por Lima Vaz, *ontológico-real*. Segundo ele, essa expressão visa “pôr em evidência a especificação distinta que compete aos termos do conhecimento intelectual e da inclinação volitiva na estrutura do espírito”⁵¹. Trata-se de compreender que o conhecimento tem como fim a *forma* da coisa conhecida, ou seja, sua apreensão pela inteligência. A vontade, por sua vez, visa como fim a coisa mesma pela mediação da forma inteligível. Compreendido esse processo, o estágio anterior, *ontológico-formal* (inteligência) abre espaço agora para o desenvolvimento do estágio *ontológico-real* (vontade).

Atribuir a Vontade e a Liberdade ao *Esse absoluto*, para Lima Vaz, levanta um problema profundo na história da metafísica. Duas propostas de reflexão se apresentam. A primeira procura pensar no Absoluto a *necessidade* intrínseca de ser e existir a partir de si mesmo. A segunda, pensa no Absoluto a infinita capacidade de autodeterminação como *Esse subsistens* reflexivo em si mesmo, ou seja, absoluta Liberdade. Surge a seguinte indagação: como pensar a Vontade e a Liberdade no *Esse absoluto*? Essas duas atribuições, numa reflexão inicial, parecem contraditórias. Lima Vaz, a partir dessa compreensão, demonstra a razão de ser de quem defende essa tese. Trata-se de entender que a suposta contradição entre *necessidade* e *liberdade* tem sua origem na experiência humana do livre-arbítrio. Essa forma inferior de liberdade, surge “como rejeição de qualquer necessidade que seja imposta na forma de coação *ab intra* ou *ab extra* à nossa capacidade de autodeterminação em face de qualquer objeto finito”⁵². Essa visão torna-se relativizada quando se reconhece que o conceito de *necessidade* traz consigo uma polivalência analógica. Para Lima Vaz, há uma necessidade *a tergo* (por detrás) que “é imposta ao sujeito na ordem da causa *eficiente* e impede o exercício o livre-

⁵¹ Ibid., p. 117

⁵² Ibid.

arbítrio” (Ibid., pp. 117-118). Não é ele quem concede a si próprio a capacidade de ser livre, esta atribuição lhe vem por uma causa anterior. Da necessidade *a tergo* distingue-se a “necessidade *a fronte* (literalmente, pela frente) ou teleológica, que introduz a liberdade na ordem da causa *final*” (Ibid., p. 118). Compreende-se assim, que a liberdade não nasce plena no homem, ao contrário, ela vai se desenvolvendo como *telos* para sua realização existencial, ou seja, como busca para ser feliz. Uma terceira necessidade se apresenta e ela pode ser pensada como expressão na definição essencial do ser. Ela é “*absoluta* na ordem da própria essência ou da causa *formal* e está imediatamente submetida ao princípio de não-contradição”⁵³. Essa necessidade relacionada à pluralidade e à ordem das essências finitas é compreendida como uma necessidade *relativa* à ordem total dos seres.

Lima Vaz compreende que é a partir da necessidade *essencial* que flui a liberdade, esta, entendida como capacidade ativa ou vontade dos seres inteligentes. Analogicamente a necessidade inerente a essência humana e a liberdade como fruição dessa, pode ser atribuída a Deus, no entanto, como Absoluto, sua necessidade e liberdade só pode ser compreendida como absoluta. No *Ipsum Esse subsistens* “essência e existência se identificam como *identidade na diferença* entre *Necessidade* absoluta e absoluta *Liberdade*”, isso significa que Ele “existe como absoluta autoposição de si mesmo”, ou seja, própria necessidade, e “absoluta autodeterminação”⁵⁴ para a própria liberdade.

O pensamento lima-vaziano reconhece que o tema da Liberdade absoluta do Primeiro Princípio foi inaugurado por Plotino, mais precisamente no seu tratado *Enéadas*, onde ele trabalha a liberdade e a vontade do Uno. Plotino concebe, inspirado na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, que o exercício do livre-arbítrio se dá em relação às coisas que estão em nosso poder. O sujeito do livre arbítrio possui uma natureza imaterial, “ele está presente por identidade na Inteligência (segunda hipóstase da tríade plotiniana) e por aquisição na Alma (terceira hipóstase)”⁵⁵. O Uno-Bem é designado, assim, como Vontade e Liberdade absolutas, pois, só Ele é Ele mesmo, ou seja, não há possibilidade nele de se pensar a alteridade.

Plotino rompe com a ontologia clássica ao dirigir-se não mais à substância e ao *kósmos*, mas ao existir do seres. Ele compreende assim “a ideia de *processão* (*éxodos*) dos seres a partir do Uno através dos *intermediários* que são a Inteligência e a Alma”⁵⁶ e trata da questão sobre a natureza do *existir* do próprio Uno. Seu pensamento também volta a atenção para o problema

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ Ibid., p. 119

da Liberdade na esfera do Uno, isso o conduz à afirmação da autocausalidade do Uno. Lima Vaz entende que “a presença, no meio intelectual da época, de um certo ‘discurso temerário’ (*tolmerôs logos*) [En., VI, 8 (30) 7], que admitia o acaso na existência e livre agir do Uno” possibilita a Plotino desenvolver sua concepção da “identidade entre *liberdade* e *necessidade* no Uno transcendente e autocriador”⁵⁷. Mas Plotino consegue resolver o problema da univocidade do movimento de *processão*? Segundo Lima Vaz, Plotino fracassa nessa tentativa, e dessa forma revela o abismo intransponível que separa a concepção neoplatônica da cristã em relação ao problema do múltiplo pensado como procedente do Uno. O grande diferencial da concepção cristã está em compreender o múltiplo como posto de forma imediata na existência pela Liberdade absoluta do ato criador, sem a necessidade de qualquer intermediário.

Tomás de Aquino trabalha o tema da Liberdade absoluta de Deus como *Ipsum Esse subsistens* a partir da síntese que faz da tradição neoplatônica, aristotélica e cristã. O problema da Liberdade absoluta do Primeiro Princípio é desenvolvido pelo aquinatense a partir da afirmação da inteligibilidade fontal do *Esse*. Para ele,

da mesma maneira como no *Esse* subsistente ou em Deus a Inteligência é infinitamente reflexiva em si mesma (*rediens ad essentiam suam*, Ia., q. 14, a. 2, ad 1 m) em virtude da identidade entre a sua essência e o seu ato, assim na Vontade ou Liberdade o *Esse* subsistente é perfeita imanência, significada igualmente pela identidade entre a sua essência e o seu ato (Ia., q. 18, a. 3, e ad 1 m)⁵⁸.

Compreendida assim, a Vontade em Deus mostra-se como perfeita autodeterminação.

Tomás de Aquino ao fazer a síntese das diversas tradições se encontra com a aporia antiga do *uno* e do *múltiplo*. A questão é pensada, tendo em vista a oposição entre a *simplicidade* absoluta do *Esse* e a pluralidade dos atributos e nomes com que Deus é conhecido. É devido à *simplicidade* que resulta da sua identidade entre essência e existência que toda composição é excluída de Deus. Pergunta Lima Vaz: “Como, pois, harmonizar com essa *simplicidade* a dualidade entre o *intelligere* e o *vele* que parece repugnar à atribuição de *maxime unum* dada ao *Esse* subsistente?”⁵⁹

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Ibid., p.122

⁵⁹ Ibid., p.123

A teoria das Ideias desempenha um papel decisivo na compreensão da Liberdade absoluta do *Esse*. Ela chega a Tomás de Aquino pela crítica de Aristóteles feita a Platão, pela concepção agostiniana das *rationes aeternae*, pela doutrina neoplatônica da Inteligência que a teologia cristã deu nova forma na teologia do Verbo, e pelo exemplarismo pseudo-dionisiano. Para Lima Vaz, Tomás de Aquino começa a resolver os entraves das concepções antigas a partir da compreensão da identidade na diferença entre as Ideias e o Verbo, sendo ambas o núcleo conceptual da visão tomásica da Liberdade absoluta. Reconhecendo a identidade entre o Uno e a Inteligência, o aquinatense supera a processão neoplatônica. Admitindo “a plurivocidade do ato criador pensado a partir das Ideias no Verbo” essa mesma identidade “torna inteligível a criação imediata dos seres finitos como seres distintos segundo o seu exemplar no Verbo”⁶⁰.

No desenvolvimento de suas categorias ou temas metafísicos, principalmente no texto *Liberdade e Absoluto*, Lima Vaz indaga: “Permanece, no entanto, a interrogação sobre a unidade e coerência dessa trama conceptual. Como demonstrá-la?”⁶¹. Dessa forma, para que se chegue a compreensão do tema Liberdade e Absoluto, ele revisita os estágios desenvolvidos anteriormente. No estágio *noético-ontológico* (segundo estágio) o *Esse* absoluto foi pensado por ele como estrutura inteligível manifestada nas Ideias. No estágio *ontológico-formal*, a investigação tratou da estrutura *transcendental* (terceiro estágio) da inteligibilidade do *Esse*. Nesse último estágio, *ontológico-real*, a norma inteligível da Bondade transcendental é compreendida como Fim. Sendo assim, a Liberdade absoluta é entendida como ordenação reflexiva ao Bem absoluto, ou seja, Fim para si mesmo.

Lima Vaz desenvolvendo o discurso sobre a inteligibilidade intrínseca do *Esse* na ordem real, ou seja, enquanto Liberdade absoluta, fecha o ciclo dos seus estágios. Rememorando esse itinerário diz ele: “Partindo do *Esse* como subsistente (estágio 1), chegamos ao *Esse* como *fim* (estágio 4)”⁶². Continua ele:

o discurso ontológico-metafísico, do ponto de vista do seu objeto, ou seja, da realidade do *Esse*, é sucedâneo, na inteligência humana, da absoluta *simplicidade* (*Summa Theol.*, Ia., q. 3, a. 7) que compete ao *Esse subsistens*. Como absolutamente *simples*, ele é absoluta perfeição, inclusiva de todas as perfeições (Ia., q. 4, a. 2)⁶³.

⁶⁰ Ibid., 124

⁶¹ Ibid.

⁶² Ibid.

⁶³ Ibid., pp. 124-125

Em Deus a *identidade na diferença* “traduz-se pela distinção das razões que articulam a totalidade conceptual do *Esse subsistens* ou a identidade reflexiva da *essência* na diferença das *rationes*, impedindo que o discurso humano sobre o Absoluto permaneça sob a lei da *sinonímia*”⁶⁴.

A articulação das *razões* segue a lei da dialética da *suprassunção*. Dessa forma, todo o discurso que parta da *simplicidade* absoluta do *Esse subsistens* (Deus) deve permanecer no interior do espaço dessa inteligibilidade inicial, na qual, através das *rationes*, toda a riqueza inteligível é expressa na divina beatitude como perfeita bondade em si mesmo.

Lima Vaz indaga: “Podemos acaso descobrir aqui umas das raízes mais profundas da modernidade?”⁶⁵

O abandono da Metafísica e conseqüentemente da Transcendência faz com que o homem moderno viva preso à imanência, não encontrando sentido na contemplação. Dessa forma, proclamando o antropocentrismo, nega a possibilidade de se pensar o conceito de Liberdade analogicamente com o Absoluto. Nesse sentido, a liberdade absoluta restringe-se somente a esfera do ser humano. Lima Vaz denuncia que “tendo sido erguido uma vez no horizonte da tradição filosófica, o grandioso paradigma plotiniano não poderá ser simplesmente abolido”⁶⁶, ao contrário, deve ser sempre lembrado. Questiona, ele: Como relacionar sujeito histórico e Liberdade absoluta?” E ainda:

Como atribuir ao sujeito histórico os predicados da reflexividade absoluta e da absoluta autodeterminação, de sorte a poder ele reivindicar a prerrogativa de ser a plena razão de si mesmo, que compete ao ser absolutamente livre?⁶⁷

Ao fazer esses questionamentos, Lima Vaz apresenta duas vertentes que procuram pensar a liberdade somente na esfera do homem, são elas: o racionalismo clássico e o empirismo. Para a primeira, a liberdade identifica-se com a razão, e esta, se revela como atributo do *sujeito transcendental*. Já para a segunda, a liberdade reside no livre-arbítrio como atributo do *sujeito das carências sensíveis*. Essa é uma tentativa absurda, pois, o sujeito concreto não suporta tal

⁶⁴ Ibid., p.125

⁶⁵ Ibid.

⁶⁶ Ibid., p. 126

⁶⁷ Ibid., p. 127

peso ontológico e conseqüentemente essa responsabilidade metafísica. Essa liberdade pretendendo ser universal, para o pensamento lima-vaziano, tende sempre a emigrar para os sujeitos *coletivos*, reivindicando para si a única transcendência possível, ou seja, o único uso absoluto da liberdade na imanência da história. Isso pode ser reconhecido na tentativa de tornar a civilização universal onde pretendeu-se universalizar a cultura e os seus valores. É inegável o acesso que se tem hoje a culturas diferentes, a possibilidade de ir a lugares antes inimagináveis, a comunicação rápida com outros povos. No entanto, como afirma Lima Vaz em seu texto *Ética e Civilização*, mesmo tendo aumentado o seu espaço no mundo, a civilização não logrou êxito em estabelecer um *ethos* universal. Diz ele:

Assim, a primeira tarefa das revoluções modernas e que é, provavelmente, o traço mais marcante da sua originalidade e da sua passagem pela história, consiste em desenraizar o indivíduo da particularidade do seu *ethos* histórico tradicional e em plasmá-lo segundo a forma daquele que se apresenta como *indivíduo universal*: o ‘filósofo’ da Ilustração, o *citoyen* revolucionário, o burguês progressista, o homem comunista, e mesmo o ‘homem sem qualidades’ de R. Musil⁶⁸.

O homem moderno procura se apresentar como portador de uma racionalidade absolutamente universal, buscando sua realização nas atribuições do estado, da tecnociência, e do mercado. A grande questão é que sua liberdade migrando para essas esferas tende a perder força, mostrando assim o paradoxo de uma liberdade pretendida absoluta, que já não depende totalmente de si. O homem, dessa forma, passa a viver alienado ao poder econômico, àqueles que detêm o controle das ações políticas mundiais.

Ao fazer essa análise profunda da Liberdade na esfera do Absoluto, e de verificar que a modernidade procura incessantemente inseri-la no *sujeito transcendental* (racionalismo clássico) e no *sujeito das carências sensíveis* (empirismo), Lima Vaz, compreende essa tentativa como frustrada, tendo em vista, que a “dispersão das racionalidades éticas e políticas contemporâneas e a fragmentação das ciências humanas mostram a permanência e a premência de um problema”⁶⁹ que tem suas origens na antiguidade e no período medieval. Trata-se de

⁶⁸ H. C. Lima Vaz, *Filosofia e Cultura*, pp. 125-126

⁶⁹ H. C. Lima Vaz, *Raízes da Modernidade*, p. 128

tentar responder à questão: “como pensar e praticar a liberdade se esse pensamento e essa prática devem necessariamente levar em conta a ideia de uma Liberdade absoluta que um dia se elevou no horizonte da razão ocidental?”⁷⁰. O sujeito moderno vivendo a experiência da “liberdade” absoluta, atributo de Deus, julga ser capaz de transformar tudo a sua volta. Utiliza-se do Estado, da Tecnociência e do Mercado para realizar sua existência. No entanto, precisamos nos perguntar: Pode o homem realizar a sua liberdade no campo estritamente imanente da história? Será o Estado, a Tecnociência e o Mercado capazes de preencher as lacunas das inquietações humanas que clamam por uma experiência espiritual única e incapaz de ser reduzida a esfera material? Assistimos todos os dias a pretensão totalitária, seja de esquerda, ou de direita, de realizar o existir humano na produção incessante de materiais ou na distribuição igualitária de bens ou recursos. É evidente que o ser humano procura melhorar o ambiente onde vive, proporcionando a ele e aos seus condições de manter a sobrevivência. No entanto, há de se perguntar: Isso é liberdade ou livre-arbítrio? Será o homem capaz de viver incessantemente de escolhas? Mas não vemos justamente na sociedade a busca incessante de alguns por escolher retirando de outros o direito à escolha? Em nome do progresso tecnológico regressamos a momentos da história que julgamos ter superado. O fascismo e o nazismo que pareciam ter se tornado páginas de um livro de história, ressurgem com mais força ainda em nossos dias. Basta verificar nos conflitos de grupos ideológicos que em nome de uma ideia procuram excluir e dizimar todos aqueles que não comungam do mesmo jeito de pensar. A liberdade absoluta pretendida pelo homem moderno pode ser reconhecida naqueles que detém o poder econômico, nos sujeitos que proclamam o direito de fazer tudo sobre tudo e todos. Pode o homem realizar-se em tais condições? A liberdade pode ser comprada? Logicamente que não. A liberdade deve ampliar-se para alcançar a todos. Desse modo, vivendo na condição finita, no “conhece-te a ti mesmo” socrático, o homem deve reconhecer que embora seja capaz de realizar na imanência da história seus projetos, seu ser aponta para algo maior, para aquele que lhe deu condições de ser livre. Só reconhecendo sua origem no Absoluto Transcendente pode realizar a liberdade, que lhe abre as portas para a realização do seu simples existir. O Absoluto é o *alpha* e o *ômega* do existir humano, segundo Lima Vaz, podemos reconhecê-lo como condição para o *esse*, possibilidade de reflexão, e horizonte último para a realização plena do homem. Desse modo, nos propomos a pensar no próximo tema *O problema da Criação* a origem do homem, para assim, adentrarmos no caminho da metafísica do *esse* na esfera dos seres finitos e relativos.

⁷⁰ Ibid.

2.4. O problema da Criação

No início desse tema complementar podemos introduzir uma primeira pergunta: Qual a gênese do existir? É refletindo sobre essa indagação através da leitura lima-vaziana que nos propomos encontrar uma resposta para essa aporia. Desse modo, serve de auxílio a leitura do tema *O problema da Criação* que se encontra na obra *Raízes da Modernidade* de Lima Vaz.

Lima Vaz inicia seu desenvolvimento do tema *criação* demonstrando que na esfera dos *esse* relativos, a *via compositionis* é precedida pela *via resolutionis*. Esta, partindo do complexo para o simples, trata explicitamente do concreto sensível, que é objeto e conteúdo primeiro do conhecimento intelectual. Do sensível é pensada a noção do ser como *ens commune*, onde, segundo o pensamento lima-vaziano, todas as outras noções se resolvem.

A primeira constatação de Lima Vaz é que a intuição protológica do *esse* compreendida como afirmação judicativa

atravessa a abstração do *ens commune* para atingir a inteligibilidade intrínseca do *esse* como *ato*, e nela intuir o estatuto absoluto com que o *esse* se apresenta na sua natureza de ‘atualidade de todos os atos e perfeição de todas as perfeições (*De Potentia*, q. 7, a. 2 ad 9m)⁷¹.

Dessa forma, percebe-se que a intuição do existir não se dá por um conhecimento *a priori*. Ela se dá “pela apreensão do sensível e pela abstração do *ser-em-comum*, sobre o qual tem lugar a *separatio* judicativa e a intuição protológica do *esse* como *ato*”⁷². Existir é compreender-se primeiramente como ato realizado por outro, e a partir dessa compreensão, realizar a existência através da potencialidade presente na essência.

Uma segunda constatação do pensamento lima-vaziano é que assim como o *Esse* absoluto é dependente do *esse* relativo na ordem do conhecimento, o *esse* relativo necessariamente é explicado a partir do *Esse* absoluto. Essa questão revela um problema que está diretamente ligado a gênese do múltiplo. Não se trata de pensar uma multiplicidade numérica e homogênea, mas refletir sobre a variedade de seres que se apresentam a nossa experiência. Essa multidão apresenta-se a todos nós seguindo uma ordem. Trata-se de compreender que são seres que possuem uma estrutura (*corpo, psiquismo e espírito*) e a

⁷¹ Ibid., p. 129

⁷² Ibid.

capacidade de se relacionarem com o outro (*objetividade, intersubjetividade e transcendência*), conforme Lima Vaz apresenta em seus dois volumes da *Antropologia Filosófica*. Isso significa dizer, que a partir do existir, eles se relacionam e se diferenciam.

Lima Vaz pensando o tema da *criação*, procura refletir sobre como ela ocorre, ou seja, compreender como do *Esse* absoluto e infinito procedem os *esse* relativos e finitos. E ainda, como procede do “Uno absoluto a unidade relativa de cada ser finito e da totalidade ordenada dos seres finitos”⁷³. Esse problema começa a ser pensado na antiguidade com os mitos cosmogônicos que compreendem o surgimento do múltiplo a partir da ideia de fabricação ou transformação da matéria, compreendida como eterna em um *kosmos* ordenado. A antiguidade, dessa forma, fica presa à *ousía* e a esfera da *essência*. O desenvolvimento da origem do múltiplo a partir do Uno só encontrará seu ápice no tema cristão da *criação*. É a partir dessa visão, que Tomás de Aquino compreende a *essência* como *potência* e o *existir* como ato.

Lima Vaz destaca a influência do pensamento clássico no desenvolvimento da compreensão cristã da *criação*. Segundo ele, o modelo platônico fornece à teologia cristã duas contribuições doutrinárias de fundamental importância: o exemplarismo, fundado na transcendência das Ideias, e o finalismo do Bem, como aquele que rege a ordem do mundo. Da compreensão da eternidade do mundo por Aristóteles e do debate universitário no século XIII emergem dois temas fundamentais. Trata-se de pensar a

distinção entre contingência metafísica do ser criado e finito, de um lado, e o começo temporal do mundo, do outro; e o tema da finitude e da natureza teleológica do tempo histórico, ou seja, da teologia da história, reafirmada em face das teses do aristotelismo heterodoxo⁷⁴.

Diante das inúmeras aporias que se apresentam no final do século XIII, a figura de Tomás de Aquino surge como capaz de unificar, ordenar e integrar de forma coerente as inúmeras faces do problema da criação. O centro dessa unificação está na metafísica do *esse*. De maneira clara, Lima Vaz compreende a noção de *criação* como um conceito-chave da Filosofia cristã. Para ele, essa noção é *teológica*, pois encontra sua origem histórica na revelação bíblica. Ao mesmo tempo é, *filosófica*, tendo em vista que, seu conteúdo inteligível pode ser apreendido e expresso pela razão natural em categorias metafísicas. Nesse sentido, a noção de *criação* apresenta a

⁷³ Ibid., p. 130

⁷⁴ Ibid., p. 131

dialética fé-razão. A fé é entendida “como norma supra-racional do discurso da razão que, no entanto, procede guiado pela intencionalidade metafísica própria, recebendo da fé *dados* a serem levados em conta na solução do problema fundamental da gênese do múltiplo”⁷⁵. Citando Etienne Gilson, Lima Vaz caracteriza a fé como “geratriz de razão”.

A leitura de Rudi te Velde, segundo o pensamento lima-vaziano, encontra em Tomás de Aquino três fases na evolução histórica que conduz à noção de *criação*. A primeira delas demonstra a atenção dos filósofos voltada para “a mudança no domínio das qualidades sensíveis ou dos acidentes, que Aristóteles denominou ‘alteração’ (*alloíosis*)”⁷⁶. A segunda apresenta a investigação filosófica na esfera da substância (*ousía*) ou da essência, essa compreendida como o lugar da mudança que culmina na produção de um novo ser ou na dissolução da substância existente. É nessa segunda fase que o pensamento antigo se detém. A terceira fase, tendo por inspiração a revelação bíblica, trabalha o problema da origem com a atenção voltada ao *ser enquanto ser*, ou seja, pensando o *existir* como tal. Trata-se de compreender que há uma causa capaz de dar existência aos seres. A criação, dessa forma, tem sua gênese no *Esse* absoluto, incausado, que cria *ex nihilo*.

Resta ainda responder a uma questão importante. Lima Vaz a faz procurando compreender como se dá o ato criador do Absoluto. Indaga ele:

Como, porém, pensar uma saída da interioridade do Absoluto na forma de uma *diferença* entre o *Esse* absoluto e os *esse* relativos, de tal sorte que o *Esse* absoluto acolha na sua simplicidade e imutabilidade, vale dizer, na sua *identidade* absoluta, o princípio de uma *diferença* que, por um lado, explique a dependência *real* dos *esse* com relação ao *Esse*, ou seja, o seu *esse causatum* e, de outro, mantenha nos vínculos da unidade inteligível do “ser enquanto ser” (*ens qua ens*) o *Esse* absoluto e a multiplicidade dos *esse* relativos, o Ser e os seres?⁷⁷

A resposta a essa questão mostra a necessidade da teologia e da filosofia cristã. Ela deve compreender a absoluta transcendência de Deus como criador, e a sua imanência ou presença no universo dos seres criados que dele procedem. A partir dessa compreensão, a

⁷⁵ Ibid., p. 133

⁷⁶ Ibid., pp. 133-134

⁷⁷ Ibid., p. 135

relação dialética entre transcendência e imanência apresenta-se aqui como uma estrutura absolutamente original e única em razão da *separação* ontológica infinitamente profunda entre o polo da *transcendência* (o *Esse* subsistente considerado *em si*) e o polo da *imanência* definido a partir dos *esse* criados⁷⁸.

Isso leva-nos a compreender que o Absoluto é causa e não sujeito dos *esse* relativos e finitos, assim entende, segundo Lima Vaz, Tomás de Aquino. O aquinatense, dessa forma, mostra a não-reciprocidade no plano *real* da relação entre Deus (polo transcendente) e as criaturas (polo imanente). Trata-se de compreender que a partir do polo transcendente a relação é apenas intencional ou de *razão*. No entanto, a partir do polo imanente, essa relação, pode ser dita *real* por parte das criaturas, tendo em vista, sua dependência *causal* do Criador.

No segundo estágio do itinerário da metafísica do *esse* na esfera do *Esse* absoluto (noético-ontológico) aparece a compreensão lima-vaziana da Ideia como Verbo. Ela é auto-expressão da infinita riqueza ontológica do Absoluto. É nela que estão presentes as razões ou essências, ou seja, a verdade dos seres criados. Esses seres recebendo a existência do Absoluto podem como causas segundas, mediadas pelo ato criador, continuar a criação divina. No entanto, o fato de se reconhecerem na multiplicidade de seres não acrescenta pluralidade real das Ideias no intelecto divino, permanecendo, a unidade do *Esse* subsistente. Diferentemente de Plotino que concebia a geração dos seres a partir do Uno e dos seus intermediários (Inteligência e a Alma), em Tomás de Aquino, Deus cria imediatamente os seres finitos sem qualquer intermediário e sem qualquer matéria preexistente. Desse modo, “a unidade que procede absolutamente do Uno absoluto é a unidade de cada essência criada e a *unidade na multiplicidade* de todo o universo”⁷⁹.

Lima Vaz, a partir de Tomás de Aquino, indica duas razões de se pensar o Absoluto como Criador. A primeira delas é, a razão referida a própria essência do *Esse* subsistente, da qual os seres finitos participam. A segunda razão refere-se à Inteligência e Vontade do Absoluto, entendida como obra de um grande artífice que cria livremente os seres.

É no interior da estrutura inteligível do *Esse* absoluto que se tem a dialética entre *transcendência* e *imanência*, essa é manifesta na liberdade da criação. Segundo Lima Vaz, a

⁷⁸ Ibid., pp. 135-136

⁷⁹ Ibid., p. 137

presença do Absoluto na multiplicidade dos seres pode ser compreendida segundo três razões. A primeira revela a imanência do *Esse* absoluto no existir das criaturas. Compreende-se, assim, que os seres dependem de Deus, pois, neles encontra-se a ação criadora e conservadora. A segunda demonstra a diferença e a ordem hierárquica das criaturas enquanto participantes das *ideias* na Inteligência divina, sendo elas criadas segundo esses exemplares. A terceira é entendida a partir da causalidade segunda das criaturas, submetidas à causalidade primeira do Criador. Dessa forma, pode-se compreender que a dialética transcendência-imanência exprime a presença de Deus no existir dos seres. A partir da afirmação do *esse* finito e da compreensão de que ele não encontra a razão de sua existência em si mesmo, chega-se a afirmação do *Esse* absoluto como criador dos *esse* relativos.

Procurando entender o seu tempo, Lima Vaz, compreende que a concepção de *tempo* cristã, tendo sua origem em Deus, contribuiu para o desenvolvimento da modernidade. Pode-se perguntar: Mas em que contribui a concepção de *tempo* cristã para a modernidade? Essa consciência histórica favorece o surgimento da ideia de *criatividade* do Eu, ou seja, do homem capaz de criar e inventar produtos que satisfaçam suas necessidades básicas e artificiais. Essa tarefa é confirmada na criação do mundo científico-técnico, e desdobra-se no campo filosófico a partir da metafísica da *subjetividade* e no campo socio-político, onde compreende-se os contratos estabelecidos para a manutenção da vida e a preservação dos direitos.

Indaga Lima Vaz: “em que direção cresceram e que frutos produziram as raízes teóricas que começam a repontar no terreno das controvérsias do século XIII em torno do problema da criação?”⁸⁰. A questão, segundo ele, está diretamente relacionada à transformação do conceito de *natureza*. Antes entendida como *physis*, “princípio de movimento e transformação intrínseco aos seres individuais, e que, na versão aristotélica foi recebido pelos autores medievais e integrado, com as devidas correções, na doutrina cristã da *criação*”⁸¹, encontra a partir do século XVI com a filosofia racionalista e com o modelo mecanicista da ciência sua substituição. A compreensão de alguns fatos históricos importantes pode ajudar a compreender como isso ocorreu. Sendo assim, Lima Vaz apresenta três episódios que abalam a concepção milenar de *natureza*. A publicação de Copérnico (1543) na sua vertente astronômica é o primeiro deles. Em seguida, com o reaparecimento da visão organicista (estoica) e a compreensão da natureza como um Todo matricial, Giordano Bruno constrói seu panteísmo. A mudança drástica ocorre, para se dizer, nos três pensadores do “grande racionalismo”, Descartes, Espinoza e Leibniz. O

⁸⁰ Ibid., p.140

⁸¹ Ibid.

primeiro deles, compreende Deus como Absoluto de liberdade, capaz de criar as “verdades eternas”, e isso faz desaparecer a teologia do Verbo e o paradigma exemplarista. Para Espinoza Deus permanece sob uma *necessidade* metafísica que rege a sua manifestação em atributos e modos finitos, dessa forma, provoca o desaparecimento da dialética da *identidade na diferença*, ou seja, perde-se a referência da unidade de Deus e da diferença nas três Pessoas da Trindade. O Deus de Leibniz reconhece no mundo sua justificação, este se apresenta a ele como o melhor dos mundos, confirmando assim, a identidade do ser finito com o princípio de *razão suficiente*.

A evolução do pensamento racionalista encontra em Kant a separação entre *natureza* e *liberdade*, esta, ocorrendo através do Eu transcendental “cuja Razão pura conhece um uso *teórico* independente do uso *prático*”⁸². A natureza contraposta à liberdade é entendida como legalidade dos fenômenos no tempo e no espaço ou, tendo relação direta com as leis universais. Dessa concepção é excluída a teleologia essencial do pensamento antigo. Segundo Lima Vaz, esse ciclo de transformação do conceito de *natureza* antigo para sua concepção moderna, tem o seu ápice no Idealismo alemão com Schelling e Hegel. O acontecimento significativo, para ele, pode ser visto com “a transição da Ideia absoluta no final da *Ciência da Lógica* à ideia de Natureza como exteriorização do Lógico”⁸³, que culminará na passagem da Natureza ao Espírito. O Eu na sua estrutura transcendental manifesta-se como o protagonista da realização histórica do Lógico, encarna a liberdade como verdade da necessidade, procurando assim, permanecer *em si mesmo* ao tornar-se *outro*. Ocorre que a *Identidade na diferença* inerente ao *Esse* subsistente na metafísica do *esse*, manifestando sua plena transcendência, agora aparece na imanência do processo histórico, tendo em vista que, o protagonista do Lógico, revestido dos traços do Criador, é o próprio sujeito finito. Lima Vaz encontra na *Ciência da Lógica* de Hegel a transição do *Lógico* à Natureza e, nesse sentido, reconhece ele, esse evento como uma descoberta importante para se entender todo o processo de imanentização da esfera transcendente na esfera humana imanente. Hegel suprassume o Eu transcendental do racionalismo clássico como também o Eu empírico da tradição empirista na ideia de Conceito, essa, sendo a expressão logicizada da reivindicada autonomia do Eu.

O pensamento lima-vaziano expressa dois aspectos importantes para se compreender a evolução do pensamento antropocêntrico. O primeiro está relacionado “a iniciativa instituidora do mundo humano atribuída ao *sujeito transcendental*” que “tende a transferir-se para os grandes *sistemas* do saber, da práxis e da técnica” essas se estruturando a partir do “modelo da

⁸² Ibid., p. 141.

⁸³ Ibid., p.142

subjetividade, como subjetividades *universais*, no seio das quais o indivíduo pensa, age e produz”⁸⁴. Essas subjetividades universais são manifestas através dos sistemas sociopolíticos, das teorias ou hipóteses científicas (teoria da evolução, *big-bang* etc.) e da tecnociência. Lima Vaz denuncia que elas analogicamente podem ser pensadas como a realização histórica do Conceito Hegeliano, e “Tal analogia se estende até a Ideia absoluta – que tem em si mesma sua razão de ser ou sua inteligibilidade – ao exteriorizar-se na criação de uma nova *natureza*, na qual o indivíduo é integrado e arrastado assim no destino histórico da *subjetividade universal* e dos seus sistemas”⁸⁵. O outro lado, segundo aspecto, apresenta a “*natureza* que acolhe o indivíduo empírico na subjetividade universal – ou no Lógico historicamente realizado”⁸⁶, isso revela a multiplicação das *racionalidades* através da qual opera a Razão universal. Dessa forma, o *animal racional* aristotélico e o *imago Dei* dos medievais são substituídos por essas mesmas racionalidades que procuram compreender, através das ciências humanas, não mais o homem em sua totalidade, mas em suas partes, revelando assim, a primazia ao Eu biológico, Eu psicológico, Eu social e político, Eu cultural etc. Quais as consequências da fragmentação do *Eu* em múltiplas racionalidades? A primazia da Ciência e da Técnica proporcionam ao homem o querer sempre mais, e nesse sentido, para encontrar o querido, faz-se qualquer coisa. Desenvolve-se tecnologia para tudo, sem sequer pensar nos malefícios que tal *práxis* pode ocasionar. Tentando ser Deus, não mais se reconhecendo como *ser-para-a-transcendência*, julgando ser capaz de criar, o sujeito passa a identificar-se com aquilo que produz, ou seja, torna-se “pai” de objetos que incessantemente surgem para fazer seus olhos brilharem. Qual o risco eminente que se apresenta ao homem nessa pretensão a divinização do humano? Uma das maiores conquistas da modernidade pode ser reconhecida na descoberta da *subjetividade*. No entanto, a busca pela identificação com aquilo que produz, retira justamente aquilo que se descobriu como relevante. Ao atribuir valor econômico aos objetos, o sujeito passa a viver em torno deles, perde sua *subjetividade*, encontra o não-sentido da existência, já que proporcionou às suas “criaturas” superar o próprio criador. Essa fragmentação lança um desafio de grande empreendimento para a filosofia contemporânea, unir novamente as partes ao todo, e isso deve ocorrer, ontologicamente. Mas como fazê-lo, quando toda e qualquer reflexão metafísica ou ontológica, já não encontra sentido e razão de ser em uma civilização que adotou para si a prerrogativa de ser a criadora do próprio mundo? Essa tarefa urgente e decisiva para o nosso

⁸⁴ Ibid., p. 144

⁸⁵ Ibid., p. 145

⁸⁶ Ibid.

tempo exige de cada um de nós o retorno a si mesmo, mas não como fechamento em si, como sugere o egocentrismo, e sim como abertura a nossas possibilidades. Retornar a si mesmo significa reconhecer a intuição protológica que aponta para o Absoluto, pensar a existência como condição para a inteligibilidade, a fim de compreender-se no relacionamento consigo, com o outro e com o Transcendente. Trata-se de buscar o sentido de o simples existir, as razões de viver, ou seguir a máxima “torna-te aquilo que tu és”.

Em suma, para Lima Vaz, o tema da *criação* inaugura a *dialética na Identidade*, que tem por objetivo articular a estrutura inteligível dos seres finitos, e assim, demonstrar suas diferenças enquanto múltiplos na unidade da Trindade. Desse modo, o próximo tema *Essência e Existência* abre as portas do itinerário da metafísica do *esse* na esfera dos seres finitos. Visa conduzir-nos a compreensão de nós mesmos, possibilitando assim, a partir da leitura limavaziana um caminho para retomarmos o itinerário para o Absoluto.

2.5. Essência e Existência

Depois de percorrer os quatro estágios (noético-metafísico, noético-ontológico, ontológico-formal e ontológico-real) da metafísica do *esse* na esfera do *Esse* absoluto, temos por objetivo agora, percorrer os mesmos quatro estágios na esfera dos seres finitos e relativos. Sendo assim, o primeiro estágio a ser percorrido é o *noético-metafísico*, que tem como temática os conceitos de *essência* e *existência*. Lima Vaz o denomina dessa forma mostrando a “conexão *noética* presente na intenção do *esse*, que acompanha o ato judicativo e na qual as duas faces do *esse* articulam-se em luminosa evidência”⁸⁷. A primeira face, *noética*, mostra a origem do existir no interior do juízo expressa na noção universal de *ser comum*. A segunda, *metafísica*, revela a inteligibilidade do *esse*. Ele é um *ser comum* diante de seres comuns. Pensando o seu existir, pelo ato judicativo reconhece que *é*, mas não é por si mesmo, dessa forma pode abrir-se ao horizonte do *Esse* absoluto, fonte de toda inteligibilidade. Isso porque Deus manifesta-se a ele como origem e Fim. Dessa forma, seguindo o discurso metafísico pela via *compositionis* a inteligibilidade absoluta do existir manifesta como *Ipsum Esse subsistens* tem prioridade sobre a inteligibilidade dos seres relativos. Nesse sentido, eles só são pensáveis devido a relação *real* (criação) com o *Esse subsistens*.

⁸⁷ Ibid., p. 147

Aristóteles representou a realidade física sublunar, compreendendo-a como animada pelo ciclo eterno da geração e da corrupção, realidade esta, que estava diretamente ligada a ordem do *kosmos*. Nessa, “porém, a estrutura vertical das esferas concêntricas não implicava nenhum influxo causal eficiente que procedesse do Primeiro Movente imóvel”⁸⁸. A concepção aristotélica visa pensar o Todo perfeito e eterno onde habita em seu interior a dualidade do *ato* e *potência*. Para Lima Vaz, essa é a concepção que marca a Universidade de Paris através da Faculdade de Artes e, conduz a filosofia e a teologia cristãs a darem uma resposta à altura do problema. Isso ocorre com a definição do estatuto ontológico do ser *criado*, onde se estabelece a “contingência na ordem do *esse*, a necessidade relativa na ordem da *essência*, a necessidade hipotética na ordem dos *fins*”⁸⁹. Ao cumprir essa tarefa, ou seja, mostrar a conexão entre esses três aspectos, a teologia e a filosofia cristãs demonstraram a diferença entre o *Esse* absoluto e os seres relativos.

O primeiro paradigma a se apresentar aos teólogos medievais para pensarem a distinção entre Deus e os seres criados encontra-se na teoria aristotélica, mais precisamente, nos conceitos de *forma* e *matéria* e de *ato* e *potência*. Os seres criados não possuem a capacidade de conceder a eles mesmos o *ser*, dessa forma, necessitam de um princípio potencial que possa lhes dar a *forma* ou perfeição finita. Dessa maneira, se estabelece a distinção entre Deus, Ato puro e as criaturas compostas de matéria e forma. O *Esse subsistens* possui a *subsistência em si*, devido a identidade entre o seu *existir* e a sua *essência*. Nos seres criados “a *subsistência* resulta da recepção da *forma* por um princípio potencial ou *matéria* que a limita”⁹⁰.

A tese que prevalece no século XIII em relação ao problema da distinção ontológica entre Deus e as criaturas defendia a *universalidade* da matéria, característica no neoagostinismo. Segundo Lima Vaz, essa universalidade da matéria que inclui também os anjos, não é pensada formalmente em oposição à distinção entre existência e a essência. Para ele, Tomás de Aquino traz uma grande novidade ao formular essa distinção num plano metafísico, mais precisamente em sua metafísica do *esse*.

A grande questão que se apresentou a Tomás de Aquino e aos medievais foi a de optar na análise metafísica do real entre o platonismo e o aristotelismo. No platonismo “toda a inteligibilidade do ser provém da *forma* ou *ideia*”⁹¹. Nesse sentido, pode-se reconhecer, a correspondência estrutural entre a *forma rei* e a *forma intellecta*, ou seja, entre a *forma* que há

⁸⁸ Ibid., p. 149

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ Ibid., p. 150

⁹¹ Ibid., p. 151

na Ideia e a *forma* na mente humana. Deste modo, a finitude do homem “decorre da sua participação à *forma exemplar* na mente divina”⁹². No entanto, essa forma participada é limitada pela matéria, que é o princípio receptivo. Essa concepção, segundo Lima Vaz, é adotada pelos neoaristotélicos da Faculdade de Artes, tendo como figura marcante dessa adoção Siger de Brabant. O aristotelismo compreende a *forma* de maneira diferente do platonismo, tanto do ponto de vista ontológico quanto do gnosiológico. O primeiro ponto de vista (ontológico) compreende a *forma* como *ato* ou perfeição, “ato da matéria (*hýle* ou *hypokeímenon*), nas substâncias compostas do mundo sublunar, ou ato subsistente, nas substâncias simples e separadas da matéria no mundo supralunar”⁹³. O segundo ponto de vista (gnosiológico) apresenta a noção de *forma* obtida pela inteligência humana por um processo de abstração. A *forma*, desse modo, diferentemente da concepção platônica, não é dada como universal em si mesma, “mas segundo o modo com que existe na inteligência”⁹⁴, ou seja, de maneira abstrata. Deste modo, a *forma* se apresenta sob dois estados. Ela é parte do composto, não sendo predicável do indivíduo, ou seja, é compreendida como a essência da coisa advinda de outra realidade (*humanidade* com relação a *homem*). E, é o *todo*, “sendo então forma de uma *materia communis*, e exprimindo no conceito abstrato *essência* enquanto predicável do indivíduo concreto (*Sócrates é homem*)”⁹⁵. Essas duas concepções da *forma* são importantes e servem de auxílio para se pensar a inteligibilidade do ser criado e sua distinção do Criador, no entanto, ambas ficam alienadas a *essência*, ou seja, não conseguem tocar propriamente a inteligibilidade do existir. Sendo assim, tanto para o platonismo quanto para o aristotelismo, a existência está diretamente submetida a essência e, deste modo, impensada.

Tomás de Aquino encontra-se no meio universitário diante de dois caminhos: a “primeira navegação”, e aqui podemos fazer a analogia com Aristóteles que parte do sensível, e a “segunda navegação”, pensada analogicamente com Sócrates-Platão que proclama a imortalidade da alma e a afirmação da existência do mundo das Ideias. O que faz o aquinatense diante desse duplo caminho? Ele suprassume dialeticamente as duas vias e aponta para uma “terceira navegação” no alto mar da Metafísica. Dessa forma, ele supera a alienação a essência dos dois caminhos, demonstrando a “consistência ontológica do ser finito na inteligibilidade fontal do *esse* ou do *ato de existir*. O existir finito agora é pensado “como termo primeiro da

⁹² Ibid.

⁹³ Ibid., p. 152

⁹⁴ Ibid.

⁹⁵ Ibid.

relação de causalidade pela qual o ser finito depende do Ser infinito, o *esse* do *Esse*”⁹⁶. Lima Vaz denomina essa dependência como *relação transcendental*.

Indaga Lima Vaz: “Que razões terão levado Tomás de Aquino a romper o círculo exclusivo da inteligibilidade da *essência* e a atribuir ao *esse* uma inteligibilidade própria e mais profunda, fonte e fundamento de todas as perfeições do ser?”⁹⁷. Pensando como se deu esse processo, ele enumera algumas possibilidades de compreensão desse ato de Tomás de Aquino. A primeira delas está diretamente relacionada a questão de ordem histórica. A metafísica do existir é pensada a partir de duas tradições. A tradição *teológica* que interpreta o texto do Êxodo 3, 14, *Eu Sou o que Sou*, e a tradição *filosófica* neoplatônica que compreende o universo dentro de uma hierarquia, tendo como Princípio denominado por Porfírio, o Existir. Lima Vaz aponta no desenvolvimento da metafísica do *esse* dois caminhos percorridos por Tomás de Aquino. O primeiro deles, *gnosiológico*, parte da “posição protológica do *esse* no juízo segundo os três aspectos *noético*, *lógico* e *nocional*” e o segundo, *metafísico* “se dirige à concepção do *esse* como *ato* ou perfeição”⁹⁸. Como ato ou perfeição última, o *existir* é compreendido através da oposição dialética entre o *Esse* absoluto e os *esse* relativos.

Para Lima Vaz a compreensão da natureza dialética da relação entre o *Esse* absoluto e os *esse* relativos, e a oposição intrínseca no ser finito entre essência e existência, sendo também essa, dialética, leva-nos a compreensão da metafísica do *existir* conforme foi desenvolvida por Tomás de Aquino. A compreensão da dialética segundo o pensamento lima-vaziano está relacionada diretamente “a um caminho (*métodos*) do *logos* através de oposições que se apresentam tanto na ordem *real* quanto na ordem *nocional* e que o *logos* integra numa unidade superior”⁹⁹. Trata-se de compreender que o termo oposição tem por significado a *distinção* real dos seus termos. Desse modo,

oposição *real* implica uma distinção real dos seus termos (por exemplo, *sujeito e objeto* extramental, que se opõem no conhecimento finito). Oposição *nocional* implica *distinção* (dita de *razão*) dos conceitos que se opõem (por exemplo, a oposição entre as noções transcendentais)¹⁰⁰.

⁹⁶ Ibid., p. 153

⁹⁷ Ibid., p. 155

⁹⁸ Ibid., pp. 156-157

⁹⁹ Ibid., p.158

¹⁰⁰ Ibid.

Lima Vaz vê na dialética a tradução de uma lógica interna do conteúdo, ou seja, o movimento de sua própria inteligibilidade. Pensando a esfera dos seres relativos, o método dialético parte da afirmação ‘*alguma coisa é*’. Essa primeira constatação, leva-nos a compreensão de que ao afirmar que uma coisa *é*, damos início a suprassunção por meio do argumento aristotélico de *retorsão* da oposição entre *ser* e *nada*. Isso significa, expressar a *alteridade* entre o *uno* e o *múltiplo*, e compreender que o múltiplo só pode advir da unidade, sendo essa demonstração feita pela via metafísica. O procedimento dialético, de suma relevância para o pensamento lima-vaziano, é inseparável da consideração e avaliação do conteúdo.

Na oposição presente entre o *Esse* absoluto e os *esse* relativos, Lima Vaz reconhece quatro categorias ontológicas fundamentais: Inteligência, Liberdade, Necessidade e Contingência. Dessa forma, diz ele: “a Inteligência opõe-se dialeticamente à Liberdade e à contingência, e a Liberdade opõe-se dialeticamente à Inteligência e à necessidade”¹⁰¹. No *Esse* absoluto os quatro termos (Inteligência, Liberdade, Necessidade e Contingência) são pensados de acordo com uma distinção de *razão*. O pensamento lima-vaziano identifica neles a expressão de uma *identidade na diferença*, onde a unidade do *Esse* “reúne em si os quatro aspectos distintos: o *intelligere* e o *velle* são o *esse*; a *necessidade* do querer (*velle*), a própria bondade por parte do *Esse*, abre-se ao *querer* os outros *esse* que, por sua vez, têm sua origem na própria Liberdade do *Esse* absoluto”¹⁰², ou seja, sendo a Inteligência e a Vontade o próprio existir de Deus, sua bondade quer os outros seres, comunica-lhes a existência pela sua Liberdade. No entanto, entre o Absoluto criador e as criaturas a relação é não-recíproca. Há entre eles uma distância ontológica. O *Esse* absoluto “profere na sua Inteligência infinita seu *Logos* ou *Verbum*, ou seja, as *Ideias*, e contém na sua Liberdade infinita a infinita potência para suscitar *ex nihilo* os seres finitos”¹⁰³. Deus cria pela sua Vontade os seres, manifestando sua capacidade de criar sem qualquer intermediário e sem qualquer matéria preexistente. Os seres finitos, no entanto, participam pela sua *essência* das *Ideias*, sendo postos na existência pelo ato de existir. A relação que se dá entre Deus e as criaturas não é uma relação *real* devido a distância ontológica que há entre eles, no entanto, pode ser compreendida como uma relação de *criatividade*. É a criação que une Criador e criatura, e nesse sentido, estabelece-se no *esse* finito e relativo a sua dependência do *Esse* infinito. O Absoluto suprassume a oposição manifesta

¹⁰¹ Ibid., p. 159

¹⁰² Ibid.

¹⁰³ Ibid.

entre Ele e os seres finitos, e pode-se compreender que o finito existe por causa dessa suprassunção, “ele está infinitamente distante do Infinito Transcendente” e “está dele infinitamente próximo em virtude da imanência do Infinito que o preserva da queda ao *nada* dando-lhe o *esse* como ato fundante do seu ser”¹⁰⁴. Essa presença do Infinito no finito a partir da marca da criação não retira do *esse* relativo sua autonomia, ao contrário,

firma-o no seu *existir* próprio, tanto na originalidade única da sua *forma* como participação da Ideia na Inteligência, quanto como manifestação da gratuidade do seu *ser-aí* pela participação no ato da Liberdade infinita do qual procede como infinita iniciativa de amor¹⁰⁵.

É pela suprassunção realizada pelo *Esse* absoluto que os seres finitos podem manifestar sua inteligibilidade, articulando por um lado a verdade *ontológica* última (*veritas rei*) e a verdade da sua natureza no seu existir e subsistir próprios (*veritas praedicationis*), e por outro, articulando a bondade *ontológica* última e a bondade presente à sua *forma* enquanto perfeição da sua natureza.

Se na sua estrutura o *Esse* subsistens é *identidade na diferença*, ou seja, Deus uno e trino, o *esse* finito e relativo é compreendido por Lima Vaz como *diferença na identidade*. Essa diferença aparece primeiramente

entre a *necessidade absoluta* intrínseca à *essência* enquanto semelhança participada da Ideia exemplar na Inteligência infinita, e a *necessidade hipotética*, fonte da contingência, com que o *esse* é posto pela Liberdade infinita como semelhança participada da Bondade exemplar¹⁰⁶.

Essa diferença apresentada por Lima Vaz, “é suprimida na *identidade* relativa com que o ser subsiste na sua *unidade*”¹⁰⁷. Isso significa dizer que, os seres finitos recebem na sua essência o ato supremo do existir. Tomás de Aquino, segundo o pensamento lima-vaziano, pensa essa unidade como dialética entre *ato* e *potência*. A *essência* revela a potencialidade do homem que se realiza por meio do existir, ou seja, de sua *existência*. O aquinatense compreende, assim, no

¹⁰⁴ Ibid., p. 160

¹⁰⁵ Ibid.

¹⁰⁶ Ibid., pp.160-161

¹⁰⁷ Ibid., p. 161

ser finito a relação entre essência e existência como *compositio*, ou seja, composição, desta forma, consegue ele diferenciar o *Esse* absoluto dos *esse* relativos.

A identidade do ser finito é constituída pela suprassunção de essência e existência “na unidade concreta com que o ser subsiste na sua inteligibilidade *eidética* (essência), segundo o exemplar da Ideia no *Esse* infinito, e no seu existir *tético* como *esse* posto pela iniciativa da Liberdade absoluta”¹⁰⁸. A existência através do momento *tético* recebe sua perfeição específica, e a essência recebe pelo *ato de existir* a perfeição última inclusiva de todas as outras. Tomás de Aquino define o existir no ser finito como aquele que carrega o princípio de todas as coisas que existem na realidade.

Lima reconhece no problema da estrutura inteligível do ser finito um dos problemas mais profundos entre os que marcaram a história espiritual do Ocidente. Sua origem remonta a Antiguidade e se desenvolve no encontro entre razão grega e teologia cristã.

Tomás de Aquino consegue assegurar a autonomia do ser finito, como aquele que tem o seu existir concreto e específico, mantendo sua dependência causal e, nesse sentido, sua relação transcendental com o *Esse* infinito. É a partir dessa relação dialética entre o Absoluto de Existência (identidade na diferença) e o existir finito que, podemos pensar o ser finito como *diferença na identidade*, ou seja, composto de essência e existência.

Lima Vaz reconhece no desenvolvimento do problema da inteligibilidade do existir uma das aporias que mais afligem a modernidade. Essa interrogação ontológico-metafísica do mundo e da própria vida na modernidade é imanentizada, ou seja, perde sua relação explicativa que encontrava sua expressão no horizonte vertical e passa a viver presa a esfera horizontal, onde a referência não é mais o Ser de Deus, mas o ser do próprio homem que procura explicar-se e compreender-se como demiurgo de si mesmo. Quais as consequências dessa inversão do vetor metafísico para o vetor sensível? Essa pretensão começada com Protágoras com o conceito de *homem-medida* perpassa a história, encontra em Scot correspondência através do modelo ontoteológico, que por sua vez, será encerrado com Kant. Dos escombros dessa destruição emerge a proclamação de um tempo pós-metafísico com a figura de Heidegger. Ele procura reconstruir a metafísica a partir do modelo ontoteológico. Essa tentativa, para Lima Vaz, fracassa, pois, o problema do *existir* persiste e resiste, mesmo diante de inúmeras tentativas de destruição. Diz ele: “ele renasce da sua própria negação no *niilismo* absoluto, pois a negação só subsiste no *sujeito* que nega e que, portanto, *existe* e se atribui um *sentido* no ato mesmo de

¹⁰⁸ Ibid.

negar qualquer sentido à existência”¹⁰⁹, isso leva a compreensão de que a pergunta *O que é existir?* só pode ser pensada dentro da esfera ontológico-metafísica. No entanto, a modernidade procura tornar a questão irrelevante, pois, tem em vista não a inteligibilidade do existir, mas o próprio *fazer* do existente que só encontra sentido se tiver o que fazer. A consequência é a prisão da existência no tempo meramente compreendido como *poiético*. O homem moderno proclama ser seu próprio doador de sentido, e os rastros dessa pretensão ilusória podem ser reconhecidos nos campos “teórico (ciências), prático (política e sociedade) e técnico (sistema de técnicas)”¹¹⁰. Essa trama para Lima Vaz tem como origem a novidade cristã do *criacionismo*, principalmente no seu desenvolvimento com Tomás de Aquino. Ele ao dar primazia ao *ato de existir* e demonstrar racionalmente a inteligibilidade do *esse* provoca uma mudança profunda na estrutura do pensamento antigo, trata-se de entender a *existência* como ato que realiza a *essência*, ou seja, o existir sai das “garras” da ininteligibilidade e passa a ser pensado. A consequência desse desenvolvimento é o surgimento da corrente de pensamento conhecida como *antropocentrismo*. Pergunta Lima Vaz:

Por que subterrâneos caminhos e em virtude de que misteriosas químicas elaborava-se a seiva da árvore simbólica da modernidade sob a superfície onde feriram-se as querelas das escolas e repontavam os ideias do Humanismo?¹¹¹

Sua indagação o move a reconhecer na metafísica tomásica do *esse* o ponto de partida desse novo sistema simbólico da modernidade, ou seja, na relação dialética estabelecida entre o *Esse* absoluto e os *esse* relativos. No entanto, é evidente que, na modernidade não encontramos todo o desenvolvimento metafísico de Tomás de Aquino. Essa nova visão de mundo inverte os polos da dialética *transcendência-imanência*, fazendo com que o homem, possa, não mais encontrar sua perspectiva vital no Princípio Transcendente, e sim na imanência histórica própria do seu existir, onde quem determina suas ações é o Eu racional. O sujeito finito, dessa forma, transfere para si as prerrogativas do Absoluto na sua tarefa de construir a “cidade do homem”. Será capaz através dessa absorção de responder às interrogações presentes em seu ser, como por exemplo, *O que é existir?*, *Por que a existência?* ou como Lima Vaz indaga: “Quem poderá reivindicar, na imanência, o estatuto ontológico do Absoluto, por definição *transcendente*, e inalcançável

¹⁰⁹ Ibid., p. 167

¹¹⁰ Ibid.

¹¹¹ Ibid., p. 167

na sua realidade *em si* pela razão discursiva que trabalha com conceitos finitos e relativos?¹¹² Segundo o pensamento lima-vaziano a tentativa de responder a essas questões ocorre com a substituição da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) judaico-cristã pela *natureza, sociedade e história*. Essa tentativa revela-se errônea, tendo em vista que, as perguntas continuam sem resposta e exigem o exercício da “inteligência metafísica” que fora descartada ou ofuscada pelo homem moderno, para serem respondidas. A pergunta *O que há de comum entre a civilização contemporânea e a as civilizações antiga e medieval?* deve ser feita e mais do que isso, necessita encontrar resposta. Como essas civilizações do passado respondiam à questão *O que é existir?* Lima Vaz indica duas linhas de pensamento que, do confronto delas pode-se pensar a resposta a questão proposta. A primeira compreende que a inteligibilidade do existir “decorre da participação do *esse* finito ao *Esse* infinito, absolutamente transcendente”¹¹³. A segunda reconhece que “a inteligibilidade do existir tem como razão necessária e suficiente a *autonomia* absoluta do Eu transcendental como *consciência-de-si*”¹¹⁴. A primeira alternativa propõe o retorno a metafísica tomásica para pensar a modernidade, e nesse sentido, Lima Vaz é seguidor dessa proposta. A segunda estabelece como sentido para o existir ou explicação da existência o seguimento do *antropocentrismo* que se propõe expressar a identidade do homem moderno. Qual caminho seguir? Será o *antropocentrismo* capaz de responder a todos os anseios humanos? Pode o homem dar a si mesmo o próprio existir? É evidente que não. Pensando a partir da frase de Guimarães Rosa “O homem satisfeito dorme”, podemos reconhecer que temos necessidade de algo a mais, não nos contentamos com análises frias e abstratas. Diferente da via apontada por Heidegger, em Lima Vaz o sujeito não caminha para a morte, mas para a realização da própria vida, aliás, é vivendo em comunidade que ele procura desenvolver meios para manter sua existência. Nesse sentido, podemos nos perguntar: Poderá o homem envolto a objetos responder as inquietações metafísicas? Para pensarmos as questões propostas nesse tema faz-se necessário compreender que o homem é um *ser-para-o-Absoluto*. E a alternativa a seguir passa pela metafísica do *esse* tomasiana. Mas o que liga o homem a Deus? Por que dele necessita, se na modernidade vive-se a proclamação nietzschiana de que Ele está morto? Para pensar tais indagações nos propomos desenvolver no tema seguinte *Ser e Participação* a relação entre os *esse* finitos e *Esse* Absoluto apresentada por Lima Vaz em sua obra *Raízes da Modernidade*.

¹¹² Ibid., p. 168

¹¹³ Ibid., p.169

¹¹⁴ Ibid.

2.6. Ser e Participação

O capítulo XII de *Raízes da Modernidade*, onde Lima Vaz trabalha o segundo estágio do itinerário da metafísica do *esse* na esfera dos seres finitos (*noético-ontológico*), têm no seu início a compreensão da estrutura metafísica do *esse* finito como *diferença na identidade* e expressa na relação *ontológica* (essência) e *singular* (existência). Relação ontológica, pois, é pela essência que o ser finito está presente na dimensão de universalidade lógica e assim, participa do universal lógico (Deus). Relação *singular*, pois, a essência (universalidade lógica) está enraizada na existência de um ser concreto que dá sentido ao seu existir. A essência, deste modo, é compreendida como participação do *abstrato* no *concreto*. E isso, só ocorre devido a relação de criaturidade ou mesmo participação do ser finito no Ser infinito. Temos diante de nós a primazia da singularidade da existência que só se realiza devido ao Ato criador de Deus.

Nesse momento da reflexão estamos percorrendo o estágio noético-ontológico na esfera do ser finito. Lima Vaz tem por objetivo compreender como se dá a *participação* do ser no Ser e traduzir discursivamente a compreensão analógica que podemos estabelecer entre os dois termos (*esse* finito e *Esse* infinito). Ao compreender a relação do *esse* finito e do *Esse* absoluto na ordem da *essência*, surge necessariamente o problema de estabelecer qual é a natureza dessa relação. Para Lima Vaz, trata-se de um problema *ontológico*.

O tema *participação*, segundo a interpretação lima-vaziana, surge no pensamento de Tomás de Aquino com o primeiro ensinamento parisiense (1256-1259). Ele o encontrou através do opúsculo *De Ebdomadibus* de Boécio. É a partir desse momento único na vida do aquinatense que o tema *participação* passa a fazer parte de sua metafísica.

Platão ao “utilizar o termo *méthexis* para exprimir a relação entre as coisas sensíveis e as Ideias transcendentés”¹¹⁵ ascendeu o conceito de *participação* a um nível *noético-ontológico*. Desse modo, o termo cumpre uma dupla função, “articular o sensível e o inteligível em termos de cognoscibilidade do segundo a partir do primeiro” e “estabelecer a diferença ontológica entre o sensível, em permanente fluir, e o inteligível, ao qual cabe propriamente a atribuição do ser verdadeiramente tal”¹¹⁶. Aristóteles considerou a teoria da participação platônica uma metáfora poética. Segundo Lima Vaz, no entanto, ele não se distanciou desse conceito platônico. Reconhece que “tais realidades dependem daquela na qual essa natureza se apresenta de modo

¹¹⁵ Ibid., p. 172

¹¹⁶ Ibid., pp. 172-173

mais verdadeiro (*alethéstaton*)”¹¹⁷. Ao afirmar isso, ele se aproxima de Platão, compreensão essa demonstrada por Tomás de Aquino na síntese que faz de Platão e Aristóteles. Para o aquinatense o problema da participação tem relação direta com a gênese do ser (criação) e com a ordem do universo.

Tomás de Aquino não tem acesso direto aos textos platônicos, ele os recebe através da leitura que faz de Aristóteles e de fontes neoplatônicas. Segundo Lima Vaz, a opção feita pelo aquinatense por Aristóteles demonstra sua adesão a gnosiologia aristotélica, no entanto, vê-se principalmente no que tange o tema *participação*, elementos da metafísica platônica. Essa compreensão é evidente e pode ser constatada no seguinte trecho lima-vaziano:

ao acolher o neoplatonismo agostiniano, Tomás de Aquino adota a interpretação de Santo Agostinho da natureza das Ideias exposta na questão *De Ideis e* da sua função de exemplares ou arquétipos das realidades finitas na Inteligência divina¹¹⁸.

Mesmo se utilizando do pensamento de Santo Agostinho, Tomás de Aquino não adere à sua totalidade. Concorde com ele no que se refere a metafísica das Ideias e principalmente sobre o tema da *participação*, segundo a concepção de exemplarismo presente nele. Sua divergência dá-se no plano gnosiológico. Agostinho compreende que o ser finito tem acesso ao conhecimento das Ideias por meio da iluminação divina, ou seja, a participação ocorre sem intermediários. Tomás de Aquino a compreende, adotando a noética aristotélica, como ação do intelecto agente capaz de operar a abstração do inteligível a partir de sua experiência sensível. Nesse sentido, a participação possui um mediador, trata-se do intelecto agente ou *lumen naturale* como faculdade da alma. O aquinatense, mantendo a autonomia do ser finito, fundamentada em sua metafísica a partir da correspondência entre o existir e o operar, expressa a incapacidade da teoria agostiniana da iluminação de assegurar essa mesma correspondência. Lima Vaz entendendo essa problemática e utilizando-se de seu método rememorativo, interpreta que

¹¹⁷ Ibid., p.173

¹¹⁸ Ibid., p. 174

a participação da inteligência finita à Inteligência infinita é significada igualmente pela metáfora da ‘medida’ (*métron*) recebida da mais antiga tradição filosófica, já presente na literatura pré-socrática e celebrizada pela crítica de Platão ao ‘homem-medida’ de Protágoras¹¹⁹.

O que faz Tomás de Aquino, segundo Lima Vaz? Realiza uma síntese extraordinária entre a teologia platônica e a gnosiologia aristotélica. Refletindo sobre os atos da inteligência ele estabelece duas distinções. Distingue os atos da inteligência *prática* que são capazes de medir a verdade do objeto produzido, e os atos da inteligência *teórica* que são medidos pela realidade própria do objeto. Ambas as distinções são medidas pela Verdade absoluta da Inteligência divina. Lima Vaz encontra-se aqui pensando a *participação* do ponto de vista *gnosiológico*, tendo como perspectiva o transcendental *verum*, situado na ordem da causa *formal*. No entanto, é necessário, para não cair no perigo de compreender a participação somente na esfera *racional*, demonstrar como ocorre a passagem da causalidade *formal* do *Verum* para a causalidade *final* do *Bonum*, ou seja, como dá-se a passagem da *teoria-Verdade* para a *prática-Bonum*. Nesse sentido, afirma Lima Vaz:

na interrelação dialética entre o *Verum* e o *Bonum* – ou entre Inteligência e Liberdade –, a noção de *participação* deve encontrar o equilíbrio entre necessidade racional e livre contingência na relação entre o *Esse* absoluto e os seres finitos¹²⁰.

A fim de encontrar um caminho para demonstrar essa passagem ou esse equilíbrio, Lima Vaz apresenta duas tendências da metafísica do século XIII que trazem ideias distintas de participação. Tomás de Aquino, representando a primeira delas, sob a inspiração aristotélica, dá primazia à metafísica do *Verum*. São Boaventura, inspirando-se em Santo Agostinho, reconhece a primazia à metafísica do *Bonum*. Essas duas visões não se excluem, tendo em vista que, ambas estão diretamente relacionadas aos *transcendentais* (Ser, Uno, Verdadeiro e Bom), “trata-se de uma *diferença* na *identidade* de ambas as noções com o *Ser*, tendo como fundamento a *identidade na diferença* expressa na circularidade dialética”¹²¹ pensada em

¹¹⁹ Ibid., p. 176

¹²⁰ Ibid., p. 177

¹²¹ Ibid.

referência às noções transcendentais no Ser absoluto. Deste modo, Lima Vaz apresenta a seguinte relação: “Inteligência – Verdade / Vontade – Bondade e, correlativamente, Inteligência – Bondade / Vontade – Verdade”¹²².

Lima Vaz reconhece que “a concepção do *subjectum* da metafísica por Tomás de Aquino permite situar a sua ideia da *participação* na convergência entre a correlação das noções transcendentais *Verum-Bonum* e a transcendência do *Esse* absoluto”¹²³. A Verdade (Inteligência) e o Bem (Vontade) do Absoluto expressam do ponto de vista da metafísica a causa transcendente do universo dos seres. Enquanto seres comuns (*ens commune*) eles são o objeto próprio da metafísica, tendo em vista que, a metafísica trata do ser finito que busca ir além da experiência sensível para compreender ou explicar a gênese da sua existência. Do ponto de vista ontológico, o *subjectum* da metafísica tem como horizonte a totalidade dos seres que subsistem devido ao ato criador do *Esse* infinito, e nesse sentido, expressa a dependência do finito ao infinito.

Lima Vaz nos apresenta no itinerário da metafísica do *esse* na esfera dos seres finitos duas formas de participação. A primeira, *formal*, é pensada a partir da noção universal do ser como *ens commune*. A segunda, *causal*, refere-se à existência concreta dos seres no Ser, que é absolutamente transcendente. Essa dupla participação na sua estrutura *noético-ontológica* nos direciona às vias metafísicas: *descensus e ascensus*. A primeira “parte da intuição do Absoluto, constitutiva da afirmação do ser no juízo, e traduz essa afirmação na constelação das noções transcendentais, que formam o núcleo primeiro de inteligibilidade de qualquer ser”, enquanto a segunda, “parte da apreensão imediata do ser no mundo sensível e se eleva até a máxima universalidade do ser, traduzido no conceito do ‘ser enquanto ser’ (*ens commune*)”¹²⁴. Isso significa dizer, que a via *descensus* reconhece na existência do ser finito a presença de um Ser infinito, e assim pode-se estabelecer analogicamente a compreensão de seres advinda do Ser. Só o Absoluto é, como na expressão do Êxodo 3,14 *Eu sou aquele que é*. Os seres possuem o ser (essência e existência) que é limitado pela sua essência. Eles não são deuses, não possuem a totalidade do ser, apenas vivem a experiência concreta de ser finito que aponta para o Ser de Deus. A via *ascensus* reconhece na experiência finita do ser concreto a necessidade da transcendência que tem como horizonte último, o Ser criador de todos os seres. Tanto no início

¹²² Ibid.

¹²³ Ibid., p. 178

¹²⁴ Ibid., pp. 178-179

da via *descensus* quanto no fim da via *ascensus* o encontro dá-se com o *Ipsum Esse subsistens* como aquele que existe para além. Para Lima Vaz

do ponto de vista da via *descensus*, a participação é pensada segundo a diferença das noções transcendentais: o *unum* absoluto participado pelo *unum* relativo, o *verum* absoluto participado pelo *verum* relativo, o *bonum* absoluto participado pelo *bonum* relativo, dentro da estrutura fundamental de participação dos *esse* relativos no *Esse* absoluto¹²⁵.

A fim de descrever através da via *ascensus* a subida para o Absoluto diversas soluções são propostas. Duns Scot e F. Suárez compreendem que o “caminho da subida penetra na esfera do Absoluto, obedecendo à mesma lógica que o impeliu através dos seres finitos”¹²⁶. Desse modo, o Absoluto é compreendido na noção de *ens commune*, ou seja, interpretado tanto por Scot quanto por Suárez de maneira unívoca, apresentando apenas a diferença de grau hierárquico entre o ser e o Ser, excluindo assim, a analogia. Podemos nos perguntar: Qual a consequência para o *ser* com a perda da analogia? O ser perde seu referencial, preso a imanência do *ser enquanto ser*, já não encontra sentido na metafísica, a consequência inevitável é não a compreender como ciência. O nominalismo, como segunda proposta de solução, irá aproveitar essa concepção e entender o movimento de ascensão para o Absoluto apenas como uma locução verbal. O que isso significa? Pode-se reconhecer nesse empreendimento a tentativa de apenas entender a relação entre o Ser e os seres como conceitual. Trata-se de compreender Deus apenas como uma ideia, ou seja, excluindo assim, a analogia entre o Verbo, Segunda Pessoa da Trindade, e o ser humano na sua dignidade de pessoa. Uma terceira proposta se apresenta, e ela compreende o Absoluto infinitamente além dos seres finitos, sendo assim, ele excede os limites do conceito de *ens commune*. Diz Lima Vaz: “o *ens commune* é, pois, o ponto de partida da *via compositionis* (do universal ao singular) e o ponto de chegada da *via resolutionis* (do singular ao universal)”¹²⁷. Isso significa que ele, na sua máxima abstração é incapaz de compreender o *Esse* absoluto. Faz-se necessário dar alguns passos para que essa compreensão analógica seja feita. Desse modo, um primeiro movimento expressa *negação*, o Absoluto não possui imperfeições. Um segundo movimento expressa a *afirmação* do Absoluto como *Ipsum Esse*

¹²⁵ Ibid., p. 179

¹²⁶ Ibid.

¹²⁷ Ibid., p. 180

subsistens, que já fora revelada “na intuição protológica que acompanha o juízo mais simples: *o ser é*”¹²⁸. A partir dessa afirmação, entende-se o Absoluto como causa eficiente dos seres. Ele é

causa *eficiente* do *subjectum* da metafísica – a totalidade dos seres compreendida sob o *ens commune* – e causa *final* do discurso da inteligência no seu proceder metafísico, orientado necessariamente para a posição do Absoluto de existência¹²⁹.

Segundo Lima Vaz, essa é a solução genial de Tomás de Aquino feita no comentário ao *De Trinitate* de Boécio. Nesse comentário ele distingue a *abstractio* (ciências), a *separatio* (metafísica) e a *divina scientia* (teologia) como término de todo discurso humano. Três procedimentos são necessários para que a inteligência busque o conhecimento do Absoluto, a *negação, afirmação e causalidade*.

Lima Vaz apresenta duas perspectivas distintas da estrutura transcendental da *participação*. O ser finito participa do infinito tanto na perspectiva da *verdade* quanto na perspectiva da *bondade*. A primeira remonta a causalidade *formal*, onde é inerente na essência a necessidade da participação, tendo em vista que, ela participa da Ideia na Inteligência infinita. A segunda remonta a causalidade *final*, onde o ser finito pela sua liberdade participa da Liberdade infinita, e nesse sentido, busca a Bondade divina como fim para a realização da sua existência. Sendo assim, “a participação sob o signo do *bonum* exprime, portanto, a relação *real* de dependência dos *esse* finitos ao *Esse* subsistente na ordem da causa *final*”¹³⁰. Seu fim é “a Vontade divina como infinita reflexividade do *Esse* absoluto sobre a perfeição da própria essência”¹³¹. O Absoluto, sendo a suma bondade, comunica *ad extra* aos seres sua bondade e o seu querer-lhes bem. Diferente da concepção aristotélica que reconhece no Primeiro Motor imóvel uma perfeição isolada, incomunicável com os seres finitos, pois, se o fizesse negaria sua perfeição, o Deus cristão compreendido por Tomás de Aquino, cria e acompanha suas criaturas, permitindo a elas a participação do *verum* (causalidade *formal*) e do *bonum* (causalidade *final*). Se os seres participam da verdade e da bondade divina, onde podemos encontrar a gênese do *Mal*? Essa questão que Plotino, Agostinho e Boécio tentam responder, Tomás de Aquino a pensa e propõe algumas alternativas para superar essa aporia. Sua resposta está embasada nas

¹²⁸ Ibid.

¹²⁹ Ibid.

¹³⁰ Ibid., p. 181

¹³¹ Ibid

correntes platônica e aristotélica. De Aristóteles procede sua noção de *forma*, onde ele reconhece que “os seres finitos são bons na medida em que são receptivos da *forma* de bondade, sendo então portadores da semelhança (*similitudo*) com a Bondade primeira, que é a causa eficiente de todo bem” e de Platão, mais precisamente de sua *ontologia*, compreende que são bons “na medida em que as formas finitas de bondade referem-se à Bondade infinita como à sua causa exemplar”¹³². Lima Vaz reconhece nessa solução tomasiana uma tríplice razão causal. Trata-se de reconhecer que o ser finito na sua condição de bondade está envolvido numa circularidade dialética onde o ponto de partida é o Princípio (causa eficiente), tem sua forma no Exemplar (causalidade exemplar) e retorna ao Princípio (causalidade final). O ser finito possui a condição de bondade devido a Bondade divina que o criou, e tendo sido criado, pode reconhecer essa mesma bondade como Exemplar, isso o move a buscar a Bondade infinita como realização de sua existência, fechando assim o círculo dialético que o envolve e o liga ao Absoluto. O ser finito, assim, “se desdobra como *verdade* e *bem* e, como tal, retorna participativamente à Verdade e ao Bem no Primeiro princípio (*Esse subsistens*)”¹³³. Sendo assim, o *Mal* só pode encontrar sua razão de ser na privação ou negação da Bondade divina.

Lima Vaz interpreta Jan Aertsen, a partir da leitura que ele faz de Tomás de Aquino, e aponta duas vias reflexivas, a da *natureza* (aristotélica) e a da *criatura* (cristã). A partir da primeira via a participação “aponta para a transcendência absoluta do *Esse* subsistente, do qual os seres na sua totalidade, reunidos na razão do *ens commune*, recebem o *esse* participado segundo a tríplice relação da causa eficiente, exemplar e final”¹³⁴. A segunda via reconhece que “a participação é fundamento da predicação *analógica* entre o *Esse* subsistente participado (Deus) e os *esse* participantes (criaturas)”¹³⁵, ou seja, o ser finito, como causa segunda, pode continuar a criação de seres através do seu ato de ser.

O problema metafísico da relação entre o *Esse* absoluto e os seres finitos pensado a partir da via *resolutionis* se resolve com o paradigma criacionista. Dessa forma, as noções de participação e analogia são compreendidas como intrinsecamente relacionadas entre si, constituem as duas colunas de sustentação da metafísica tomásica. A participação pressupõe a *imanência* do *Esse subsistens* no *esse* relativo, enquanto a analogia aponta para a *transcendência* do Absoluto sobre o relativo. O ser finito pode participar do Ser infinito porque nele há uma presença imanente, mas não em sua forma total, demonstrando assim, a

¹³² Ibid., p. 183

¹³³ Ibid., p. 184

¹³⁴ Ibid., p. 185

¹³⁵ Ibid.

transcendência do Absoluto. Nesse sentido, a busca do ser finito pelo Absoluto pode ser compreendida como *fim* para sua realização e ao mesmo tempo, um itinerário sem fim, tendo em vista que, o ser relativo não consegue abarcar tudo o que é Deus. O sistema lima-vaziano, como afirma Rubens Godoy Sampaio, é um sistema aberto, parte do sensível para o Transcendente (via *resolutionis*) e pode fazê-lo porque no sensível há a marca do Transcendente (via *compositionis*), demonstrando assim, o caminho necessário a se percorrer, ao mesmo tempo, revela uma relação que não se esgota.

Para Lima Vaz, a metafísica tomásica foi a única capaz de realizar a síntese entre a *participação* platônica, o *substancialismo* aristotélico e o *criacionismo* cristão. É partir dessa síntese tomasiana que brota uma das raízes mais vigorosas da modernidade. O modelo ontoteológico pretendendo instaurar no seio da civilização uma “nova metafísica”, substitui a “participação *vertical* característica das metafísicas de inspiração platônica”¹³⁶ pela participação *horizontal*, igualando assim, na universalidade unívoca do *ens commune* Deus e as criaturas. Qual a consequência dessa substituição para a modernidade?

Para Lima Vaz, o empreendimento scotista de primazia da participação *horizontal* é confirmado pelas formas de racionalidade que se estabelecem a partir do século XVII e que tem como fundamento a racionalidade matemática. Essa valorização da matemática substitui a metafísica como ciência e torna-se assim, a *scientia reatrix* da modernidade. O pensamento lima-vaziano reconhece a eficácia desse novo sistema, edificado sobre o terreno matemático. Ele provoca transformações nas condições da vida humana, tais como, o avanço na medicina, produção de vacinas e tecnologias que promovem a comunicação de seres humanos mesmo estando em locais distantes etc. No entanto, por trás dos avanços há também os retrocessos. O modelo de participação *horizontal* expressa o todo quantitativo, onde as partes são homogêneas à natureza do todo, e dessa forma, possuem a capacidade de sempre serem divisíveis. Isso acontece com a produção incessante de objetos por meio da técnica (*poíesis*) que procura satisfazer os anseios materiais humanos. Esse modelo *horizontal*, segundo Lima Vaz, revela dois importantes fenômenos. Em primeiro lugar, apoiado na razão operacional ou instrumental, e servindo-se da técnica para a produção exacerbada de produtos, mostra-se incapaz de “avaliar, ordenar e hierarquizar em termos de valores autenticamente humanos seus próprios produtos”¹³⁷, o único valor a ser reconhecido é o econômico. Em segundo lugar, pseudo-formas de participação *vertical* apresentam-se a partir do próprio projeto de leitura *horizontal*. Essas

¹³⁶ Ibid., p. 188

¹³⁷ Ibid., p. 190

formas são pautadas nos códigos de racionalidade matemática, onde o múltiplo quantitativo deve expressar a teoria unificada. Nessas pseudo-formas de participação *vertical* pode-se reconhecer as figuras do

Eu transcendental na filosofia, o Estado na teoria política, a Comunidade na teoria ética, o Mercado na teoria econômica, e ainda os polos considerados, por sua própria natureza, unificadores universais do múltiplo: a Razão operacional, a Ciência, o Progresso¹³⁸.

No entanto, essa pretensão de participação *vertical* mostra-se errônea, pois, não eleva à transcendência ontológica, ao contrário, presa a imanência, arrasta tudo ao fluxo da sucessão temporal, e nesse sentido, iguala tudo no passado. O homem moderno ao substituir sua forma de participação procura incessantemente encontrar correspondência e identificação no mundo material. A questão ontológica que se apresenta está voltada à pergunta: Pode o ser humano encontrar a plenitude do seu existir na participação exclusivamente *Política*, na confiança exacerbada da *Ciência*, na pretensão de ser o criador de tudo, reivindicada pela *Tecnociência*? A crise em que vivemos atesta que não. O vazio da existência só aumenta, há uma abundância de recursos materiais e tecnológicos, no entanto, existe um clamor por algo a mais. Quanto mais se têm, mais se quer ter, e nessa busca incessante pela felicidade material, encontra-se tudo, menos o eu e a própria felicidade. A descoberta da *subjetividade* humana parece dar seus últimos suspiros, já que ao atribuir valor ao que produz o homem torna-se também mercadoria, e dessa forma, não pode reconhecer-se em sua dignidade. Como pensar na contemporaneidade o retorno a uma participação que não negue a horizontalidade da vida, mas capaz de suprasumila, reencontre a participação vertical, e dessa forma, o próprio Princípio Transcendente? O próximo tema lima-vaziano, *Ordem e Finalidade* pode nos ajudar a responder a essa indagação. É evidente que as coisas ao nosso redor possuem uma ordem, para se dizer, uma finalidade. Como afirmou Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*, o fim da existência humana é o bem, e o bem que se procura é a *eudaimonia*. Só uma existência capaz de se pensar, de interpretar na natureza e no universo a ordem das coisas, será capaz de retomar a via analógica como caminho para a realização do *esse* finito. Desse modo, poderá o homem compreender-se como ser ordenado para um fim, ou seja, para aquele que pode preencher todo o vazio do seu ser e dar-lhe condições de viver dignidade como pessoa.

¹³⁸ Ibid., p. 191

2.7. Ordem e Finalidade

O texto *Ordem e Finalidade* presente em *Raízes da Modernidade* (Capítulo 13) apresenta uma estrutura composta de três partes. Lima Vaz preocupado com o entendimento do leitor, faz na primeira parte, a rememoração dos estágios anteriores tanto da metafísica do *esse* na esfera do Absoluto (*noético-metafísico*, *noético-ontológico*, *ontológico-formal*, *ontológico-real*) quanto na esfera dos seres finitos (*noético-metafísico*, *noético-ontológico*). A segunda parte se desenvolve a partir do estágio da metafísica do *esse* na esfera dos *esse* finitos, mais precisamente no estágio *ontológico-formal* e a terceira parte percorrerá o último estágio referido aos seres finitos, *ontológico-real*.

A questão fundamental para Lima Vaz do percurso por ele percorrido é a compreensão do *uno e do múltiplo*, sobre a qual nasceu a metafísica. Para cumprir esse empreendimento, retorna ao século XIII para buscar nele as raízes da modernidade. O percurso que estudou a questão do uno e do múltiplo tem início na esfera do *Esse* ou *Existir* absoluto, tendo ele se manifestado como horizonte último da intuição protológica no mais elementar dos juízos: *alguma coisa é*. Podemos assim, reconhecer a baixo os estágios da metafísica do *esse* na esfera do *Esse* absoluto que Lima Vaz percorre:

Primeiro estágio (noético-metafísico) – *Esse* como reflexividade absoluta ou unidade que subsiste em si mesmo (*Esse Ipsum subsistens*).

Segundo estágio (noético-ontológico) – *Esse* absoluto como reflexividade absoluta e consequentemente como Inteligência infinita. Ele é compreendido como *identidade na diferença*, ou seja, “pluralidade infinita das Ideias na unidade do Ato intelectual único, que a tradição designou como *Verbo*”¹³⁹.

Terceiro estágio (ontológico-formal) – A reflexão sobre a pluralidade das Ideias mostra a sua diferenciação ordenada na forma das chamadas *noções transcendentais*, essas, sendo atribuídas primeiramente ao *Esse* subsistente: Ser, Unidade, Verdade, Bondade.

¹³⁹ Ibid., p. 193.

Quarto estágio (ontológico-real) – A reflexão sobre as noções transcendentais conduz Lima Vaz ao quarto estágio, onde ele pensa “a unidade na diferença entre Inteligência e Vontade com que o *Esse* subsistente se revela como Vida e Atividade em si e para si”¹⁴⁰.

Depois de fazer a *Erinnerung* dos estágios da metafísica do *esse* na esfera do Absoluto, faz dos seres finitos. O ponto de partida é dado com a intuição protológica do *esse*. Ela conduz a duas direções: a direção do *Esse* absoluto e ao horizonte dos seres relativos e finitos. Os *esse* finitos e múltiplos compreendem-se no imediato da existência como finitos e através da relação intersubjetiva que estabelecem entre si podem apresentar-se como seres-no-mundo. Essa experiência primeira conduz ao *Esse* absoluto como Fim, tendo em vista que, segundo a Antropologia lima-vaziana, o homem não se esgota na relação com o mundo e muito menos com a relação intersubjetiva, ele a suprassume na relação com o Absoluto. O *múltiplo* assim, procura necessariamente entender sua origem no *Uno*. Nesse itinerário, Lima Vaz reconhece um risco iminente, e assim o descreve: “A passagem à esfera dos *esse* finitos impunha-nos, em primeiro lugar, articular os dois horizontes do *esse* num caminho entre os precipícios do monismo e do materialismo”¹⁴¹. A superação do monismo parmenidiano acontece, segundo Lima Vaz, na dialética das Ideias no *Sofista*, e o materialismo é superado pela Teoria das Ideias no *Fédon*, ambos empreendimentos realizados por Platão.

Os estágios da metafísica do *esse* na esfera dos *existentes* finitos podem ser assim expostos:

Primeiro estágio (noético-metafísico): visa articular os dois horizontes do ser finito num caminho que permita não cair nos precipícios do monismo e do materialismo. Essa tarefa é cumprida a partir do conceito de *criação* que demonstra a relação entre o Ser (criador) e os seres (criaturas). Relação essa, de dependência dos seres finitos ao Ser infinito.

Segundo estágio (noético-ontológico): visa demonstrar a unidade intrínseca dos seres finitos (essência e existência) e sua inteligibilidade própria mostrando a diferença que há entre eles e o *Esse* absoluto e o vínculo que os une. Os conceitos trabalhados são de essência e existência, onde Lima Vaz afirma, como Tomás de Aquino, a primazia da existência sobre a essência nos seres finitos, ao passo que, a existência articulada com a essência revela a “distinção *real* entre

¹⁴⁰ Ibid., p.194

¹⁴¹ Ibid.

os dois co-princípios do ser finito e concreto”¹⁴². A essência é entendida como potência e a existência como realização da essência no ato de existir. Já no *Esse Absoluto* há identidade entre *essência e existência*, ou seja, seu existir não possui causa exterior, ele é entendido, dessa forma, como causa de si mesmo, ou seja, como existir subsistente em si mesmo. A categoria trabalhada é a de *participação*, categoria essa de origem platônica, onde Lima Vaz procura pensar o vínculo que há entre o *Esse* absoluto e os *esse* relativos. Essa categoria platônica, na sua transposição para a metafísica do *esse* é considerada “na sua tríplice estrutura causal: *eficiente* (ordem do Ser), *formal* (Ordem da Verdade), *final* (ordem do Bem)”¹⁴³.

Nos situamos agora especificamente no terceiro estágio da metafísica do *esse* na esfera dos seres finitos denominado *ontológico-formal*. Lima Vaz apresenta nesse estágio duas questões importantes, sendo uma delas de natureza *metafísica* e a outra de natureza *lógico-gnosiológica*. A primeira questão trata de estabelecer a gênese da distinção entre os *esse* finitos e as formas lógicas com que nossa inteligência os exprime. Temos os autores medievais tentando respondê-la através da distinção entre as essências, na medida em que são receptivas do ato de existir. A segunda visa pensar a questão: “como se ordenam logicamente as formas abstratas com que nossa razão traduz a estrutura inteligível dos seres materiais concretos e que relação vigora entre essas formas e a realidade?”¹⁴⁴. Lima Vaz compreende que Tomás de Aquino procurou responder essas duas questões à luz da metafísica do existir no seu opúsculo *De Ente et Essentia*. Nesse sentido, interpreta ele, que a atenção do aquinatense voltou-se primeiramente a questão *lógico-gnosiológica*, procurando assim, compreender o significado dos termos *ser* e *essência*, sua “atribuição às substâncias e acidentes, e da sua relação às intenções lógicas: gênero, espécie e diferença”¹⁴⁵. Em seguida, Tomás de Aquino, ocupando-se da questão propriamente *metafísica*, visa estabelecer a distinção entre os seres finitos a partir “das essências na pluralidade ordenada do universo” e a partir dos “indivíduos na unidade da mesma espécie”¹⁴⁶.

Segundo Lima Vaz, a obra juvenil *De Ente et Essentia* de Tomás de Aquino, sendo o único texto onde metafísica e ontologia se apresentam de maneira estritamente filosófica, abarca tanta a esfera *ontológica* de inspiração aristotélica, onde são enumeradas os três gêneros

¹⁴² Ibid., pp. 194-195

¹⁴³ Ibid., p.195

¹⁴⁴ Ibid., p. 199

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ Ibid.

primeiros do ser: *substâncias compostas* (homem), *substâncias simples* (Deus e os anjos) e *acidentes*. Tomás de Aquino na obra acima citada, compreende três tipos de substância, a saber: *simples*, *simples criada* e composta. A primeira diz respeito a Deus que possui a identidade entre essência e existência. A segunda trata dos anjos que possuem a forma e ser. A terceira trata propriamente do composto de matéria e forma, podendo por exemplo, pensar o homem como união de matéria (corpo) e forma (alma). Lima Vaz compreende que ao demonstrar a distinção entre as três substâncias, Tomás de Aquino coloca nos fundamentos de sua metafísica dois sintagmas fundamentais: “a polaridade do ato e da potência estendida a todos os seres finitos na ordem da existência, e a posição do *esse* como ato primeiro ou ‘ato dos atos’”¹⁴⁷. Desse modo, o aquinatense apresenta no capítulo V a hierarquia das essências, tendo como ponto mais alto o *Ipsum Esse subsistens* (essência e existência idênticas) entendido como Princípio da inteligibilidade dos seres finitos e Causa da pluralidade dos *existentes* finitos. Como se vê, Tomás de Aquino pensa a distinção entre os seres a partir do conceito de *Criação*, tentando responder à questão enigmática do *uno* e do *múltiplo*, que remonta as origens da Filosofia.

Lima Vaz inspirado em Aristóteles afirma que querer provar a existência de naturezas distintas, dotadas de um princípio de movimento, seria ridículo, tendo em vista que, já é manifesto a todos nós a pluralidade das naturezas, constituindo assim, um fato inegável. A explicação desse fato, para ele, pode ser pensada a partir de dois planos: “plano da gênese das naturezas distintas segundo a sua constituição intrínseca ou a sua essência” origem essa, explicada pelas causas que produzem novas substâncias e “plano da *criação* das naturezas que à sua essência acrescenta o seu *existir* como algo novo na comunidade dos seres”¹⁴⁸. Isso significa dizer que há uma relação de duas causalidades. O *Esse subsistens* como causalidade *criadora* e as naturezas finitas como causalidades *produtoras*. Tomás de Aquino, entende que Só Deus é criador no sentido estrito, como Causa primeira, ele cria *ex nihilo*, ou seja, comunica a existência aos seres a partir do nada. Ele dá fundamento à causalidade produtora das naturezas finitas, assegura-lhes a dignidade de *causas*, permitindo a elas, a participação em sua causalidade criadora. Essa compreensão, no entanto, parece para o homem moderno não responder aos seus anseios, tendo em vista que, negando a criação divina, pretende ser ele, o criador de sentido e do mundo humano. Essa inversão tem como motor no século XIII a concepção de univocidade de Scot, que entende que entre Deus e os seres há apenas degraus

¹⁴⁷ Ibid., p. 200

¹⁴⁸ Ibid., p. 201

hierárquicos, dessa forma, excluindo a analogia, compreende que o Ser e os seres podem ser entendidos dentro do conceito de ente, sendo Deus o ente infinito e os seres, entes finitos. Na modernidade, a pretensão humana de criar passa pela razão cartesiana. Descartes coloca tudo sobre o crivo do tribunal da razão. Sua máxima “Penso, Logo existo”, condiciona a existência ao pensamento, e isso provoca inúmeras interpretações imanentistas do conceito de criação e de participação, a ponto de Feuerbach afirmar que não é Deus que cria o homem, mas o homem que cria Deus pelo seu pensamento. Como já foi dito acima, o homem pensa participar e realizar-se no Estado, na Tecnociência e no Mercado. Essa dissertação, não visa compreender a fundo tais pensadores, mas apenas mostrar que a interpretação que fizeram do seu tempo provocou avanços e retrocessos.

O quarto e último estágio da metafísica do *esse* na esfera do *esse* finito é denominado por Lima Vaz, *ontológico-real*. Esse estágio visa, à luz do estágio anterior (ontológico-formal), demonstrar a “posição *real* dos *esse* finitos na ordem do universo, tanto do ponto de vista *estático* quanto do ponto de vista *dinâmico*”¹⁴⁹. Aqui a primazia é concedida à causa *final*. Nos estágios anteriores, ela era atribuída a causalidade *formal* (estágio 1 e 3) e a causalidade *eficiente* (estágio 2). Como reflexão inicial, Lima Vaz, utiliza-se do termo platônico *conversão* para indicar o caminho que os seres finitos devem percorrer na sua direção ao Ser infinito. Nesse sentido, verifica-se que o *fim* já está no *início*, tendo em vista que, o ser finito só pode ter o Absoluto como direção, pois, nele há a marca desse mesmo Absoluto que lhe deu origem. Ele lhe proporcionou o início do existir a partir da criação e lhe deu condições para que o *início* revelasse a busca por um *fim*, ou seja, a realização plena da *essência* na existência concreta, que é capaz de transcender suas limitações e encontrar o Absoluto.

No estágio *ontológico-real* deve-se levar em consideração alguns alertas que Lima Vaz faz. Nesse sentido, faz-se necessário reconhecer que a experiência desenvolvida aqui em forma de discurso dá-se no campo estritamente *metafísico*, e não no campo científico-experimental que tem por finalidade um outro nível epistemológico. Diz Lima Vaz: “a noção de *fim* na metafísica do *esse* é formulada no contexto da teoria aristotélica das causas e é intrinsecamente dependente da noção de *ordem*”¹⁵⁰. Sendo assim, a ordem do universo pode ser compreendida como inter-relação de causas, ou seja, expressas na natureza da causalidade própria de cada uma.

¹⁴⁹ Ibid., p. 204

¹⁵⁰ Ibid.

Para Tomás de Aquino a mais bela perfeição que a alma possui é a de conter em si a causa de todas as causas, ou seja, a marca indelével do criador de todas as coisas. Nesse sentido, é inadmissível pensar o caos total. Nossa experiência concreta de existir demonstra que as coisas possuem uma ordem e conseqüentemente uma hierarquia. Essa realidade aponta-nos um caminho a seguir, o que para Lima Vaz, traduz-se na compreensão da limitação *eidética*, ou seja, da estrutura do ser finito que aponta para o desejo de querer sempre mais, ou seja, de buscar a superação de sua limitação, o que ele chama de ilimitação *tética*. Ambos os conceitos são desenvolvidos nos seus dois volumes da *Antropologia Filosófica*, e apontam para a Transcendência do Absoluto.

Na antiguidade podemos encontrar duas formas de interpretação da ordem: *mítica* e *racional*. O nascimento da Filosofia com Sócrates demonstra a tentativa de superação do paradigma *mítico* que estabelecia para os homens o seguimento inquestionável do destino a eles determinado pelos deuses. A Filosofia surge, dessa forma, como uma explicação racional dos eventos humanos. Isso não significa dizer que ela elimina os mitos, e isso pode ser comprovado nos textos platônicos que se utilizam de mitos para pensar a realidade filosoficamente, como exemplo podemos citar a alegoria da caverna no capítulo VII da *República*.

Lima Vaz nos apresenta, pensando a homologia antiga entre a ordem real e a ordem da razão dois modelos interpretativos, o *isomórfico* (Platão) e o *anisomórfico* (Aristóteles). Na filosofia antigo-medieval a ênfase é dada à dimensão metafísica, onde procura-se demonstrar a correspondência que há entre a ordem da razão e a ordem da realidade. Na filosofia tardo-medieval e moderna, a ênfase é dada à dimensão lógico-gnosiológica.

O primeiro modelo do conceito *ordem* na história é pensado por Platão em sua metafísica. Diz Lima Vaz “a ordem (*táxis*), para Platão, reina no domínio do *inteligível* (teoria das Ideias e metafísica do Bem, *Fédon* e *República*) e do *kosmos* (*Timeu*). Deve reinar na *pólis* (*República*, *Leis*) e no *indivíduo* (*Górgias*, *República*, *Fedro*, *Teeteto*, *Filebo*)”¹⁵¹. A realidade é compreendida como *ordem* e as suas partes pensadas em analogia com ela. Aristóteles pensa a *ordem* a partir da noção de natureza que é compreendida como dinâmica e teleológica, ou seja, ela nada faz em vão. Plotino e o neoplatonismo compreendem a *ordem* como *processão* onde o início é o *Uno* e por um movimento circular as coisas devem retornar a ele. Esse modelo plotiniano é absorvido pela teologia cristã (Pseudo-Dionísio) que repensa seus conceitos, estabelecendo através da doutrina da *criação* a ordenação do seres criados para o Criador. Santo Agostinho, segundo Lima Vaz, irá pensar esse modelo em suas obras *De Ordine* e *De Civitate*

¹⁵¹ Ibid., p. 206

Dei. Tomás de Aquino rememora a tradição da ordem e a integra em sua metafísica do *esse*. Seu pensamento, nesse sentido, pode ser considerado como uma filosofia da ordem, e isso é evidente em sua obra juvenil *O Ente e a Essência*, onde ele demonstra uma ordem hierárquica entre a substância simples (Deus), a substância simples criada (Anjos) e as substâncias compostas como por exemplo o homem.

Lima Vaz através da leitura que A. Forest faz de Tomás de Aquino, expressa em seu texto dois pressupostos de suma importância. O primeiro refere-se a natureza pensada em sua perfeição essencial e no seu agir específico, e o segundo, demonstra o confronto que há entre a unidade da ordem e os problemas da contingência. Em relação ao primeiro pressuposto, Tomás de Aquino entende que ele demonstra “a consistência e a autonomia das naturezas na ordem da sua essência e do operar por ela especificado”¹⁵². Com isso, ele exclui toda a tentativa de compreender os acontecimentos como mero ocasionalismo e afirma a causalidade própria das causas segundas. Em relação ao segundo pressuposto, ele, o pensa a partir da limitação humana e da sua distância ontológica em relação ao Absoluto. Nesse percurso pode-lhe aparecer o *mal*. A questão importante é saber a sua origem. Se tudo possui uma hierarquia e uma ordem e tudo o que Deus faz é bom, de onde viria o *Mal*? A solução dada a esse problema está justamente na privação do Bem e na finitude humana. Diz Lima Vaz:

não possuindo, pois, uma causa *formal*, o mal carece igualmente de uma causa *final*. É privação da ordenação ao fim devido, restando para a sua explicação a causa *material* que é, em si, sempre um *bem*, e a causa *eficiente*, a vontade que, no caso, age *per accidens* contra a própria orientação ao bem¹⁵³.

As soluções tomásicas visam superar as concepções do *necessitarismo* e do *ocasionalismo*. A contingência é atribuída ao ser finito (superação do necessitarismo) e é mantida a causalidade própria das substâncias finitas (superação do ocasionalismo). Ao estabelecer essa solução, Tomás de Aquino, desenvolve assim, sua Doutrina da Providência e o governo divino do universo.

Lima Vaz apresenta os conceitos de Ordem e Finalidade como noções correlativas. Diz ele: “toda disposição segundo uma determinada ordem tem em vista um *fim*, seja *estático*, como

¹⁵² Ibid., p. 207

¹⁵³ Ibid.

estar disposto em ordem, seja *dinâmico*, quando a ordem é condição para obtenção de um fim”¹⁵⁴. Isso demonstra a relação de reciprocidade entre Ordem e Finalidade, tendo em vista que, a Ordem revela um *métodos*, ou seja, um caminho a ser percorrido, e o *Fim*, o objetivo que essa via visa alcançar. Deste modo, Lima Vaz caracteriza a metafísica do *esse* como sendo *taxiológica* (ordem) e *teleológica* (fim), pois, o ser finito tem em si a marca da criação (imanência do Absoluto), ou seja, a presença do Absoluto, mas não o têm em sua totalidade, demonstrando assim, a distância ontológica que há entre os seres e o Ser (transcendência do Absoluto) e dessa forma, o caminho a ser percorrido pelo finito que visa como *fim* o Infinito.

O pensamento lima-vaziano estabelece dois pontos importantes no desenvolvimento do presente tema, trata-se de pensar a ordem e finalidade do ponto de vista da realidade *subjetiva* ou interior e do ponto de vista da realidade *objetiva* ou exterior do *esse finito*. No primeiro ponto, estabelece que nos seres finitos há distinção ou relação de alteridade, tendo seu fundamento na tríplice atribuição do sujeito: *subjectum*, *essentia*, *esse*. Eles possuem em si um princípio de ordem, a sua *forma*. A forma é o ato da essência, sendo ela, receptiva do ato de existir. Explicando essa tríplice atribuição do sujeito, Lima Vaz, compreende que “pelo ato da essência e pelo ato de existir, o ser individual é *subjectum*, ou seja, é simplesmente em si mesmo (*in se*)”¹⁵⁵. A *forma*, determina no indivíduo uma ordem e uma finalidade, e ambas expressam “a perfeição que convém ao indivíduo segundo o seu grau de participação na perfeição infinita do *Esse* subsistente”¹⁵⁶. Esse aspecto, Lima Vaz o chama de *estático-estrutural*, pois, revela a unidade do indivíduo em si mesmo, o constituindo como subsistente distinto e sujeito último de todas as atribuições. É pela *forma*, compreendida como princípio de ordem e finalidade interna, que o sujeito pode expressar uma ordem e finalidade externa do universo. Desse modo, a ordem e finalidade interna no sujeito dá condição a ele de poder significar a *natureza* em mundo, e demonstrar discursivamente a ordem e a finalidade presentes no seu universo material. Esse aspecto, é denominado pelo pensamento lima-vaziano como *dinâmico-relacional*. A potencialidade humana pode transformar a natureza à sua volta em habitat e na relação intersubjetiva dos seres, chamar o lugar onde vive de mundo humano. O ato da essência, pode ser entendido como princípio de *ser* e o ato das faculdades, princípio do *operar*. Essa distinção feita por Tomás de Aquino é de suma importância, nela manifesta-se a diferença que há entre os seres que podem agir devido a potência da essência, essa, se realizando no ato da

¹⁵⁴ Ibid.

¹⁵⁵ Ibid., p. 210

¹⁵⁶ Ibid., p. 210

existência, ou seja, no operar humano, e o *Esse* subsistente que tem em si a identidade de *ser e operar*. No segundo ponto temos a passagem da ordem e finalidade *subjetiva* para a ordem e finalidade *objetiva*. Essa passagem acontece da *distinção* à *unidade*. Diz Lima Vaz: “não se trata, porém, da unidade homogênea de um todo quantitativo, mas da *unidade na diferença* de um todo articulado segundo a escala de perfeição das suas partes”¹⁵⁷. Esse todo refere-se primeiramente à perfeição dos seres espirituais, inteligentes e livres e depois à perfeição do Primeiro Princípio. A reflexão sobre a ordem e finalidade *objetiva* nos conduz a pensar o significado que Tomás de Aquino dá entre a verdade da Revelação e a verdade da razão. Esse encontro é pensado por Lima Vaz a partir da metáfora da luz. Dessa forma, podemos compreender esse processo através de dois clarões. O primeiro clarão nos remete à distinção que Santo Agostinho faz do conhecimento *matutino* e do conhecimento *vespertino*. O conhecimento *matutino* refere-se a *gnose* das coisas pelo seu exemplar, ou seja, pelo Verbo de Deus, entendido como segunda Pessoa da Trindade. O conhecimento *vespertino* trata da *gnose* das coisas nelas mesmas ou compreendidas como criadas. Essa inspiração agostiniana tem como origem o livro do Gênesis, precisamente a parte que descreve a criação da luz. Tomás de Aquino ao fazer a leitura de Santo Agostinho sobre esse ponto, a aplica primeiramente ao conhecimento angélico. Da sua leitura aprofundada reluz uma compreensão de suma importância a respeito da ordem e da finalidade no universo. Aqui temos diante de nós duas perspectivas a respeito do estatuto da verdade ontológica nos seres finitos. Essa verdade referida à fonte no Verbo de Deus é tida como mais perfeita, ou seja, mais puramente inteligível. A verdade referida ao ser finito pode acrescentar algo ao existir no Verbo, Lima Vaz, cita como exemplo o princípio material. É importante salientar que mesmo participando da verdade divina, o ser finito não se reduz totalmente a ela. Como ser autônomo e livre, ele possui a capacidade de inscrever em sua existência a sua verdade. No entanto, o estabelecimento do seu *ser-em-si*, tem como fundamento a relação de semelhança com o exemplar no Verbo, ou seja, criado como obra da Sabedoria divina sua autonomia não apaga a marca indelével presente no seu íntimo de sua origem em Deus. O segundo clarão apresentado pelo pensamento limavaziano, tendo como base Tomás de Aquino, visa pensar “a analogia que vigora entre o movimento das criaturas descrevendo a grande parábola da criação e a processão das Pessoas divinas na imanência da circulação trinitária”¹⁵⁸. Nesse sentido, pode-se pensar a analogia que vigora entre a estrutura triádica do indivíduo (*subjectum, essentia, esse*) e a Trindade. Outra

¹⁵⁷ Ibid., p. 211

¹⁵⁸ Ibid., p. 212

analogia apresentada por Lima Vaz pode ser pensada a partir do “tríptico inteligível pelo qual nossa inteligência e nossa vontade se relacionam com a ordem das coisas – *causa essendi, ratio intelligendi, ordo vivendi*”¹⁵⁹. Desse modo, compreende-se a analogia com “a Causa Primeira, o Pai, a Verdade primeira, o Verbo e a Bondade primeira, o Espírito”¹⁶⁰. O ser finito possui como gênese a Causa Primeira (Pai), a manifestação da Verdade (Filho) e a ação do Pai e do Filho por meio do Espírito Santo como epifania da Bondade divina. A partir dessa compreensão pode-se verificar a profundidade que o mistério da criação possui. Não se trata da figura de um Deus distante, como o era na antiguidade, mas de um Ser presente, que mantendo suas criaturas livres, mostra-se a elas como *alpha* e *ômega*, ou seja, dá-lhes a condição de viverem plenamente sua existência. Lima Vaz está articulando aqui, tanto o aspecto *estático-estrutural*, que trata precisamente da ordem hierárquica do universo, quanto o aspecto *dinâmico-relacional*, que revela para o homem o movimento em direção ao seu Fim, que é o Absoluto. Esse caminho de retorno ao Princípio Transcendente traz o risco e o perigo ao homem do não-ser, ou seja, de desviar-se da ordem e da finalidade que lhe são inerentes. Esse drama, no entanto, pode ser superado, quando ele reconhece na sua orientação dinâmica ao Princípio, a fonte inesgotável de onde brotou o seu existir. O homem não só tem em si o desejo do retorno a Deus, mas pensa esse retorno, reflete sobre ele, e nesse sentido, seu caminhar não se faz a partir de um destino, onde lhe é impossível escolher outra coisa. É justamente porque pode escolher outro caminho, que o retorno a Deus tem sentido, e pode ser assim percorrido com todo o ser do homem. Esse caminho que Lima Vaz entende como passagem pelo *espírito* revela duas faces importantes: “sua realidade ôntica *em si* e sua realidade ontológica ou intencional no espírito”¹⁶¹. Ele assim expressa em sua *Antropologia Filosófica I e II*, que o ser finito na sua experiência estrutural como *corpo* entre múltiplos corpos, como *psiquismo*, retorno a si mesmo para construir o Eu, e como supressão dessas duas realidades no *espírito*, pode assim, abrir-se a experiência relacional. Nela a *objetividade*, faz com que a *Natureza* passe a ter significado, tornando-se habitat humano (mundo), a *Intersubjetividade*, revele a necessidade das relações humanas que eticamente devem conviver em harmonia, e a supressão dessas duas, mostra o caminho que só pelo *espírito* é possível percorrer, ou seja, a via de acesso a Transcendência do Absoluto, demonstrando o ápice do relacionamento humano com o divino. Para Lima Vaz a criatura

¹⁵⁹ Ibid.

¹⁶⁰ Ibid.

¹⁶¹ Ibid., p. 215

espiritual, possuindo a distinção real entre a essência, existência e operação, pode ser compreendida na dialética da *diferença na identidade*. Deste modo, a

inteligência recebe seu objeto como inteligível do mundo exterior e com ele identifica-se intencionalmente no conceito ou *verbo interior*; a vontade tende para o objeto exterior como amável e com ele identifica-se intencionalmente no ato do *amor*¹⁶².

Essa imanência reflexiva da inteligência e da vontade traduz o espírito criado. Nele há uma tríplice *semelhança* com a tríplice processão das Pessoas na Trindade, “em razão da sua *origem* ou causa, em razão da *operação*, e em razão do *objeto*”¹⁶³.

A ontologia aristotélica compreende a distinção das coisas no domínio das *essências*, tendo nelas “o predicado da eternidade, seja às essências específicas, predicáveis de uma classe de indivíduos, seja às essências das ‘substâncias separadas’, únicas na sua espécie”¹⁶⁴. Para Lima Vaz, ao integrar no criacionismo filosófico-teológico cristão a doutrinas das categorias, o cristianismo começa a pensar o seu fundamento último não mais nas essências eternas subsistindo em si mesmas, mas nos *exemplares* subsistindo no Verbo. Isso significa dizer que, os seres finitos tem seu fundamento no Verbo, ou seja, é por meio dele e por ele que foram feitos, e desse modo, devem viver assemelhando-se a ele.

Como nos outros temas anteriores, Lima Vaz encerra sua exposição apontando a transposição da metafísica do *esse* na modernidade. Seguindo o mesmo itinerário, ele procura agora demonstrar que o tema da distinção das coisas e sua organização categorial fora transmitido a modernidade juntamente com a sua fundamentação exemplarista. É no exemplarismo que tem lugar a transformação da direção até então aceita, a saber, a existência dos seres como *exemplares* no Verbo. Na metafísica criacionista a distinção está fundada “na *identidade* da *causa essendi* e da *ratio cognoscendi* no Criador”¹⁶⁵. O ser finito tem como causa a livre vontade divina, e o seu conhecimento se dá através do Verbo. O que faz a metafísica moderna da *subjetividade*? Coloca no Eu *transcendental* as prerrogativas da causa da existência e a *ratio cognoscendi*. No entanto, o faz, invertendo a ordem dos seus termos. O Eu passa a ser o instituidor do conhecimento, que nele determina o padrão de medida do ser. Dessa forma,

¹⁶² Ibid.

¹⁶³ Ibid., p. 216.

¹⁶⁴ Ibid.

¹⁶⁵ Ibid., p. 217

passa a ser relevante o *ser conhecido*, e assim, a filosofia e cultura modernas passam a ter como tarefa fazer o *dado* tornar-se *interpretado*. Isso segundo Lima Vaz cumpre-se “na construção de teorias, na formulação de leis e na proposição de modelos que permitam operar a passagem da realidade *natural* à condição de *objeto*”¹⁶⁶. Como é o homem que determina a produção de objetos e os modelos que devem ser utilizados para a construção destes, não há necessidade de um referencial transcendente, tendo em vista que, a iniciativa pertence exclusivamente à Razão operante, já que é ela que conhece os métodos e conseqüentemente a determinação do sentido. O objeto passa a ser classificado como *útil* ou *inútil*, e nesse sentido, ninguém escapa desse crivo, nem mesmo o ser humano. Essa inversão ou transposição das prerrogativas divinas na finitude humana provoca o esquecimento da *contemplação* do ser, tarefa que era primordial e sobre o qual fez nascer a Metafísica antiga. Lima Vaz indaga: “quais são as raízes metafísicas dessa passagem do *ser* ao *objeto*, com todas as conseqüências nela implicadas? Existirão tais raízes ou será nossa pergunta ociosa”¹⁶⁷. Pergunta que ele considera pertinente, tendo em vista que, é através da primazia da existência pensada por Tomás de Aquino e da sua origem no *Esse* subsistente, que a modernidade faz a passagem do *ser* ao *objeto*. Dessa forma, o homem compreende-se como demiurgo do seu mundo. A intenção lima-vaziana está voltada ao fenômeno da *tecnociência*, onde é instaurado no seio humano a instância *antroponômica*, ou seja, nega-se a transcendência e passa-se a determinar tudo e todos segundo os critérios estabelecidos pelo próprio homem. A tecnociência mostra-se ao homem, no seu projeto moderno, como novidade irrecusável e eficaz. A pergunta que inquieta o homem, mesmo que ele tente por um tempo cessá-la, visa saber se “poderá o ser humano, legislador único de si mesmo e do seu mundo, pisar um terreno de sólidas certezas e ver abrir-se diante dele um horizonte de futuro sempre mais dócil aos seus projetos?”¹⁶⁸. As crises que vivemos na história demonstram que mesmo diante da abundância de recursos ainda não conseguimos superar a pobreza extrema, as guerras entre nações, a perda do valor humano e o respeito para com a natureza. O homem tornou-se como diria Thomas Hobbes “*lobo do homem*”, não só no sentido de que se é inimigo do outro, mas também como referência a si mesmo, ou seja, tornou-se seu próprio lobo. O Mercado dita as regras e estabelece o valor não mais no ser humano, no Transcendente, mas no *objeto* produzido, que para ser adquirido necessita do pagamento de um valor monetário. Trata-se de compreender que o ser humano não vale mais pelo que é, mas pelo

¹⁶⁶ Ibid., p. 217

¹⁶⁷ Ibid., p. 217

¹⁶⁸ Ibid., pp. 218-219

que pode comprar. A teleologia é abandonada pela metodologia científica, e o único fim que interessa à sociedade do consumo é a produção sem fim de objetos que satisfaçam as necessidades humanas, sejam elas reais ou superficiais. Que caminho percorrer para solucionar tais aporias? Será o homem capaz de percorrê-lo, ou ficará preso à concepção de que é o único e exclusivo senhor de si mesmo e do universo? Lima Vaz compreende que os fins imediatos não são capazes de satisfazer plenamente o homem, tendo em vista que, nele há o desejo pelo *fim último*. A alternativa apresentada por Lima Vaz para a resolução desse problema moderno está no retorno e na “aceitação do *Transcendente* absoluto que, sendo Princípio e Fonte do *existir*, é necessariamente Fim e, conseqüentemente, Bem”¹⁶⁹.

Depois de percorrer os itinerários da metafísica do *esse* na esfera do *Esse* Absoluto e do *esse* finito, nos propomos agora, a aprofundar o tema *Modernidade* e dentro dessa perspectiva, compreender o solo teórico de onde cresceram suas primeiras raízes, os avanços e conseqüências desse crescimento, e o grande problema moderno que Lima Vaz enfrenta com todo o seu vigor filosófico, a saber, o *niilismo metafísico e ético*. Desse modo, esse terceiro capítulo terá como temas: *Modernidade, Fenomenologia e Axiologia da Modernidade, Formação e fisionomia do século XIII, A crise do século XIII, O subsolo doutrinal do século XIII, Niilismo, Niilismo metafísico, Niilismo ético, e a Resposta lima-vaziana a modernidade*.

¹⁶⁹ Ibid., p. 220

Capítulo III – Modernidade

O livro *Raízes da Modernidade* traz uma introdução importante para compreendermos o pensamento lima-vaziano. Essa obra publicada no ano de falecimento de Lima Vaz (2002) traz como proposta pensar a gênese, a natureza e o destino da Modernidade. Dessa forma, ela traz no seu início uma advertência pertinente, trata-se de entender que na modernidade é compreendida a perspectiva de um universo simbólico onde se manifestam inúmeras racionalidades. Essas racionalidades, segundo o pensamento lima-vaziano encontram suas raízes na crise do século XIII e compreendem o domínio da vida pensada, das ideias propostas no mundo intelectual, desde a sua origem com o nascimento da Filosofia. Sendo assim, a presente dissertação tem por objetivo nesse momento fazer a rememoração da crise do século XIII e encontrar a partir da leitura de Lima Vaz os acontecimentos que dão origem à modernidade. Uma outra advertência que se faz necessária para a compreensão dessa obra consiste em deixar claro que Lima Vaz está dentro da realidade de uma filosofia cristã, ou seja, é a partir da leitura que faz de Tomás de Aquino que ele elabora sua compreensão do seu tempo, pensando e encontrando nele, as marcas da metafísica do *esse*, tema esse, trabalhado no segundo capítulo dessa dissertação.

3.1. Fenomenologia e Axiologia da Modernidade

No capítulo I de *Raízes da Modernidade* intitulado *Fenomenologia e Axiologia da Modernidade* Lima Vaz revela o terreno onde irá construir a edificação do seu pensamento. Trata-se de um escrito que leva em conta a história, sem a pretensão de acrescentar a ela dados historiográficos que possam revelar um acontecimento novo. Seu horizonte é estritamente filosófico e visa compreender o que ele chama de terceiro evento intelectual da história. O primeiro dá-se com o nascimento da razão grega. Tema esse trabalhado em seu artigo *Morte e Vida da Filosofia*, onde aparece a menção ao primeiro “descer às raízes”, ou seja, ao vir a luz da Filosofia. O segundo evento é caracterizado pela assimilação da filosofia antiga pela teologia cristã, e isso está evidente no segundo capítulo dessa dissertação, onde refletimos sobre a metafísica tomásica do *esse* e seu embasamento tanto em Platão quanto em Aristóteles. O terceiro evento, que é o que pretendemos desenvolver nesse capítulo, trata do advento da razão moderna. Diz Lima Vaz:

nossa reflexão move-se no terreno da dialética fundamental cujos termos estruturam o sentido e orientam o desenrolar daqueles acontecimentos fundadores: continuidade e descontinuidade, primeiramente, entre mito e razão, depois entre filosofia antiga e teologia cristã, finalmente entre teologia cristã e razão moderna¹⁷⁰.

É percorrendo esse itinerário que pensamos mostrar a relevância do pensamento lima-vaziano e sua rememoração das origens da filosofia para pensar tanto a metafísica quanto o fenômeno da modernidade.

É necessário compreender que a modernidade caracterizada pela divisão da razão em inúmeras racionalidades só pode ocorrer devido ao nascimento da razão grega no século VI a. C. É através do surgimento da Filosofia que começa a pensar o mundo não mais na esfera propriamente mítica, mas através do *logos demonstrativo*, que podemos entender a história e seus acontecimentos, e o surgimento do tema aqui estudado, *modernidade*. Algo que marca profundamente a reorganização dos símbolos e o modo de pensar e viver humano, segundo Lima Vaz, está diretamente ligado à interpretação do tempo. Segundo ele “verifica-se aqui a emergência de um *presente* qualitativamente novo onde se exerce o *ato da razão*”¹⁷¹. Tanto nos sofistas quanto em Platão a consciência do tempo é *moderna*, ou seja, propriamente *histórica*. Ela visa fazer a “releitura do tempo presente, contendo uma retrodição crítica do *passado* e a predição racional do *futuro*”¹⁷². O objetivo é decifrar o presente do tempo, ou como dirá Hegel “captar o tempo no conceito”.

Lima Vaz compreende no seu desenvolvimento da fenomenologia da modernidade ocidental um espetacular avanço no domínio do tempo. Diz ele:

dos primeiros relógios mecânicos no século XIV aos relógios eletrônicos dos nossos dias, do tempo cósmico-sacral da primeira Idade Média ao tempo matemático-operacional das ciências e das práticas contemporâneas¹⁷³.

¹⁷⁰ Ibid., p. 11

¹⁷¹ Ibid., p. 13

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ Ibid., p. 14

O que é evidente é a modalização do tempo, onde a primazia é dada ao *presente*. Esse foco provoca a necessidade constante da apresentação do *novo*. Nesse sentido, o presente deve levar em conta o passado e ter como horizonte o futuro. No entanto, na modernidade niilista isso não ocorre, tendo em vista que ela perde o domínio do presente como leitura do passado e do futuro. Não há mais necessidade de se compreender criticamente o *passado*, até porque ele é resultado de uma tradição retrógrada, tida como superada pela contemporaneidade. O futuro passa a ser compreendido como algo indecifrável. Qual a consequência dessa nova interpretação? Lima Vaz responde: “a consequência facilmente observável é o abandonar-se niilisticamente ao infinito tédio do *presente*”¹⁷⁴. Para uma maior compreensão do tema, o pensamento lima-vaziano mergulha nas águas da Idade Média tardia, para assim, encontrar as raízes que deram origem ao que chamamos de modernidade. O que se constata é que essas raízes são propriamente *intelectuais*, ou seja, é no campo das ideias que elas começam a penetrar o solo da Idade Média e assim encontram sustentação.

Lima Vaz indica três traços que manifestam claramente as raízes intelectuais que darão origem à modernidade. O primeiro está diretamente ligado à relação de *objetividade* do ser humano com o mundo. Trata-se de reconhecer que a partir do século XVII inicia-se o processo da passagem do mundo *natural* para o que conhecemos como mundo *técnico*. O homem sai da condição do mundo do “aproximadamente”, e aqui é citado pelo pensamento lima-vaziano o conceito de A. Koyré, para o mundo da exatidão, onde a inteligência metafísica já não é tida mais como relevante, sendo substituída pela razão matemática (técnica). A partir daí o que é relevante para a modernidade? É a inovação tecnológica que passa a ditar as regras de como viver. O mundo passa a ser regido pelos objetos que a técnica produz, dessa forma, o sentido encontrado pelo homem na esfera transcendente perde sua razão de ser. O *conhece-te a ti mesmo* socrático passa a ser substituído pelo *fabrica a si próprio*, tal qual os objetos são fabricados e produzidos, o ser humano passa a viver nessa esfera, recusando qualquer possibilidade de pensar sua existência ontologicamente. O segundo traço apontado por Lima Vaz está ligado às relações *intersubjetivas*. O homem passa a se afirmar historicamente como *indivíduo*. Ele, como ser *social*, está “envolvido também numa múltipla e igualmente exigente e imperiosa relação com o *tempo* socialmente mensurável da formação, da profissão, do trabalho, do lazer...”¹⁷⁵. Alienado a essa condição poética vive a experiência constante do *fazer*. A experiência do *individualismo* leva o homem a tornar-se outro, a ter que se adaptar socialmente ao meio onde

¹⁷⁴ Ibid.

¹⁷⁵ Ibid., p. 15

vive. Ele é o protagonista da própria história, e mergulhado em sua autonomia deve recusar qualquer possibilidade que lhe faça perder esse poder. Para a compreensão do homem como *ser social*, Lima Vaz cita dois acontecimentos históricos de suma importância. O primeiro revela o confronto de concepções antropológicas no século XIII. O segundo revela a luta ideológica nos séculos XIV e XV entre a teoria política do poder sacral e a do poder laico. Com a dissolução do cosmos social hierárquico, surge a figura do político autônomo, este, sob a tutela e a autorização do Estado moderno. Mas o que ocorre com esses dois eventos? Trata-se de entender que a nova concepção de homem recusa qualquer referência a uma esfera transcendente, e por isso, a única forma possível de se pensar a transcendência é a autotranscendência. O ser humano moderno detém ou pensa deter todos os atributos divinos em si, ele é o único capaz de transformar a si mesmo e o mundo a sua volta. Isso acontece “nas instituições do universo político, na construção do mundo técnico, na concepção autonômica do agir ético, na fundamentação teórica...”¹⁷⁶, mas só se torna possível devido à Razão operacional, que revela a divisão da razão em múltiplas racionalidades. O centro deixa de ser o Princípio transcendente, e passa a abrigar historicamente o Eu racional, onde vemos nitidamente a sequência: Eu transcendental, Indivíduo universal e Eu social. Toda essa problemática tem direta relação com as controvérsias e os conflitos ocorridos no século XIII entre fé e razão.

O processo de transformação do homem na história dá-se com rupturas, mais precisamente no que Lima Vaz chama de processo de continuidade e descontinuidade. A modernidade surge do rompimento com a Idade Média latina, essa por sua vez, vista como realização por excelência de uma civilização cristã. Rompe-se, dessa forma, com a figura maior do cristianismo. Esse processo que tem seu ápice no século XVIII é denominado de *secularização*. Para entender o processo de ruptura, Lima Vaz apresenta duas leituras. A primeira vê “a ruptura como decadência e degradação do *antigo no novo*”, e a segunda “acentua a originalidade e o avanço do *novo* e a conseqüente invalidação, em princípio do *antigo*”¹⁷⁷.

O que se assiste a partir do século XVIII é o fim da fundamentação e legitimação religiosas das estruturas sociais. Não é mais o Princípio Transcendente que propicia a organização da sociedade, mas o próprio homem através de seus contratos. Toda essa inversão é interpretada por Lima Vaz como tentativa de “construção da primeira civilização não-religiosa da história, na qual a modernidade se afirma na sua novidade e na justificação dos seus

¹⁷⁶ Ibid., p. 16

¹⁷⁷ Ibid., p. 19

valores”¹⁷⁸. Nesse sentido, o campo privilegiado da análise da axiologia da modernidade é a cultura, pois, nela manifesta-se o lugar do conflito social de valores e contravalores. Indaga Lima Vaz: “Qual a natureza da cultura moderna? Onde situar a fonte de emergência de seu formidável dinamismo histórico? Qual o ato inaugural de sua aparição histórica?”, e ainda “Que tipo de humanidade está sendo gestado em seu seio e que relação terá com os ideais humanos até agora consagrados pelas gerações do passado?”¹⁷⁹. Sua análise o leva a compreender que o nascimento e a tecelagem da modernidade encontra sua razão de ser no indivíduo. A história desse indivíduo moderno é dividida em segmentos distintos que se sucedem, e que podem ser caracterizados como figuras do *eu* como *racionalista*, *empirista*, *idealista*, *positivista*. Pode-se reconhecer conforme a leitura lima-vaziana a manifestação dessas figuras do *eu* no

honnête homme da época racionalista de perfil cartesiano, uma segunda figura no burguês que emerge da ruptura revolucionária na passagem do século XVIII ao século XIX, uma terceira no ativista revolucionário dos fins do século XIX e entre as duas guerras mundiais, uma quarta no otimista consumidor que povoa o espaço da formidável expansão econômica do segundo pós-guerra, uma quinta, enfim, que se anuncia a partir da grande crise dos anos 1970 e está sendo gerada pelas profundas transformações dessa passagem de milênio, abrangendo crenças, costumes, política, educação, economia e tecnociências¹⁸⁰.

A subjetividade humana, conquista moderna, que Lima Vaz reconhece que só foi possível devido ao desenvolvimento da metafísica do *esse* de Tomás de Aquino, corre sérios riscos de desaparecer, tendo em vista que, ao dar primazia à razão instrumental e à produção incessante de objetos, o *eu* tende a ficar em segundo plano, e se esse processo não for interrompido por uma reflexão profunda, tais ações podem assinalar o fim da modernidade. Seu sepultamento assinalaria o triunfo definitivo do *niilismo* metafísico e ético.

¹⁷⁸ Ibid., p. 25

¹⁷⁹ Ibid., p. 26

¹⁸⁰ Ibid., p. 28

3.2. O Subsolo Doutrinal do Século XIII

A estrutura do século XIII torna-se diferente a partir da sua segunda metade. A leitura agostiniana de Platão possibilita essa mudança de horizonte. Três questões apresentam-se nessa nova realidade:

1. Significação *gnosiológica* do próprio exercício do saber e da sua ordem;
2. Significação *ontológica* do objeto do saber e do seu teor de inteligibilidade;
3. A questão da significação *ética* do exercício do saber na prossecução de um agir segundo o bem.

No primeiro surge a interrogação sobre os modos e os caminhos para a construção do saber (*ratio intelligendi*). No segundo, a pergunta direciona-se à fonte, ou seja, à origem e a razão causal do existir inteligível (*causa essendi*). E o terceiro, move-se no terreno da pergunta sobre os fins da vida humana (*ordo vivendi*). Os modos do *compreender*, a causa do *ser*, e a ordem do *viver* constituem assim, desde o nascimento da Filosofia, os três eixos que sustentam a estrutura do universo simbólico da civilização medieval. É a partir deles que gira a crise do século XIII, acentuada pelo confronto de ideias entre a concepção antigo-aristotélica do melhor modelo de vida e da felicidade intelectual com o ensinamento cristão sobre o *teleologia* humana. Pergunta Lima Vaz: “A crise do século XIII não representaria, antes, o episódio final da dissolução do tríptico platônico-cristão, segundo a qual se realiza a plenitude do *Ens*, do *Verum* e do *Bonum*?”¹⁸¹. Para responder a essa indagação o pensamento lima-vaziano apresenta duas possibilidades, uma *histórica* e outra *teórica*. A primeira reconhece que há “uma correspondência linguística e conceptual entre a estrutura formal dos antigos paradigmas pré-cartesianos e os paradigmas inaugurados por Descartes”¹⁸². Fica evidente que para produzir novos conteúdos na modernidade faz-se necessário o retorno a concepções antigas. A segunda, expressa a insensatez de se tentar uma ruptura radical com as três matrizes: a *ideia* como matriz do *conhecer*, a *causa* como matriz do *ser*, e o *fim* como matriz do *agir*.

No desenvolvimento do tema *O subsolo doutrinal do século XIII* Lima Vaz trata propriamente do problema do *ser* ou da *causa essendi*. É no campo da ontologia e da metafísica que ele descobre o solo onde brota as primeiras raízes da modernidade. Por ontologia entende

¹⁸¹ Ibid., p.77

¹⁸² Ibid.

a reflexão e o discurso sobre o *ser*. Dessa forma, ela tem como objeto o fundamento primeiro de toda inteligibilidade. Isso pode ocorrer devido ao conceito de Ser e Inteligível serem logicamente convertíveis. A inteligibilidade fontal do *ser* pode ser pensada sob dois aspectos: *formal* e *real*. Na perspectiva do aspecto *formal* compreende-se princípios e noções que possibilitam pensar o *ser* em sua primeira afirmação pela inteligência. O aspecto *real* expressa a capacidade de pensarmos os seres em sua possibilidade radical de ser. Essa distinção já está presente em Aristóteles, que reconhece na Filosofia primeira a prerrogativa do estudo da natureza inteligível do seu objeto. Cabendo assim, o estudo da realização do puro inteligível nos seres divinos à Teologia.

A crise do século XIII tem como núcleo gerador de suas aporias a interrogação metafísica sobre a causa do *ser*. Trata-se de saber a causa *eficiente* que dá origem ao *ser* e a causa *formal* que lhe dá a estrutura inteligível ou sua essência. Algumas respostas sobre a gênese do ser apresentam-se e podemos encontrá-las no *emanentismo neoplatônico* e no *criacionismo bíblico*. O primeiro concebe que do Uno só procede o uno, e o ser passa a ter sua origem através dos intermediários (Inteligência e Alma). Enquanto o segundo, defende a criação imediata *ex nihilo* de todas as coisas por Deus.

Os medievais recebem o problema do Uno a partir de três paradigmas: *dialética do Uno no Parmênides de Platão*, *A ontologia do Uno na Metafísica de Aristóteles*, e *a metafísica neoplatônica do Uno* (inspirada no *Parmênides* de Platão) elaborada por Plotino e sistematizada por Proclo. A redução ao Uno torna-se dominante no neo-agostinismo. Boaventura inspirado nessa concepção, integra a Filosofia no seu projeto de reduzir todos os saberes à unidade fontal e final da Teologia. Um outro modelo que se apresenta aos medievais é o paradigma aristotélico da analogicidade da noção de unidade. O analogado principal é o *uno* enquanto atributo universal ou transcendente do ser (*ousía*).

A questão importante nesse momento da crise do século XIII, percorre o terreno da causalidade do ser. Trata-se de saber como do Uno procede o múltiplo, ou, do Ser os seres. A diferenciação hierárquica ajuda nessa compreensão, pois, os seres só podem vir a existir de uma perfeição que tenha sua origem em si mesmo. Nesse sentido, Deus para o cristianismo, segundo Tomás de Aquino, é entendido como *Esse subsistens*, ou seja, tem em si a identidade entre sua essência e existência. O ser finito, por sua vez, tem potência para ser através de sua essência, que se realiza em sua existência.

Lima Vaz compreende que a figura mais importante do século XIII é Tomás de Aquino. É nele que se verifica a síntese entre três paradigmas metafísicos: *substancialismo aristotélico*,

emanentismo neoplatônico e o *criacionismo bíblico*. O aquinatense consegue através de sua reflexão e genialidade tirar o ser das garras do essencialismo, presente tanto em Platão quanto em Aristóteles, e conferir primazia à sua existência. O existir passa da condição de impensável, ininteligível, para ser pensado e reconhecido como inteligibilidade, ou seja, é a partir da existência do ser que se realiza a essência. É partir dessa transição que o pensamento limavaziano reconhece o desenvolvimento do que se chama de modernidade. Só a primazia da existência com Tomás de Aquino pode suscitar a reflexão presente sobre a subjetividade humana. No entanto, tal conquista, moveu o homem a esquecer sua origem, e a cair nas garras do *subjetivismo*, do *antropocentrismo* e, conseqüentemente, no pior dos males modernos, o *niilismo*.

3.3. Niilismo

Nas obras de Lima Vaz verifica-se que o niilismo ocupa o centro de suas preocupações. Para ele o *niilismo* e a *Modernidade* surgem no mesmo momento e crescem a partir das mesmas raízes. Para compreendermos melhor esse fenômeno, nessa parte da dissertação, usaremos como base as obras *Metafísica e ética, a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo* de Cláudia Maria Rocha de Oliveira, *Diálogos com a cultura contemporânea, homenagem ao Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz*, organizado pelo Prof. Marcelo Perine e o artigo *Ética e Sociedade. Razão Teórica versus Razão Técnica*, do Prof. Marcelo Perine, publicado pela revista Síntese no ano de 2002.

Perine cita no início do seu artigo *Niilismo ético e filosofia*, Sexto empírico, e reconhece nele a expressão de que o primeiro niilista da história é o sofista Górgias. Através das três preposições gorgianas podemos constatar essa afirmação. Em sua obra *Do Não-ser ou da natureza* Górgias defende que nada existe, se existir não pode ser apreendido, se pudesse ser apreendido não poderia nem ser formulado, muito menos, explicado aos outros. Isso nos remete ao conflito entre Sócrates que defende o conhecimento da verdade, e os sofistas que afirmam a primazia da *doxa*. Górgias, nesse sentido, nega qualquer possibilidade de conhecer as coisas, dessa forma, não há como dar-lhes o valor devido, restando somente o niilismo como resposta. Segundo Perine, os sofistas afirmam o niilismo não só no campo da ontologia e da epistemologia, mas também na *práxis*. Recusam a “doutrina socrática da virtude-ciência, seja pela afirmação da superioridade da eficácia e do sucesso sobre a sabedoria e a virtude no

tratamento dos negócios da cidade”¹⁸³. Uma das razões do surgimento do niilismo pode ser identificada também na máxima de Protágoras “o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são”. Tal afirmação conduz o homem a recusar qualquer referência a normas e valores, aceitando unicamente o que determina com suas escolhas. Nesse sentido, há o começo de um antropocentrismo, onde o homem senhor de si mesmo é sua única referência. A pergunta é: diante do vazio da própria existência, que se quer é capaz de pensar a si mesma, qual caminho seguir?

3.4. Nihilismo metafísico

Um primeiro traço que Cláudia Maria Rocha de Oliveira nos apresenta em sua obra *Metafísica e ética, a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*, da leitura lima-vaziana do niilismo, dá-se no âmbito metafísico. O homem ao recusar a esfera axiológica, a teleologia humana, bem como a tradição e o Princípio Transcendente, precisou depositar o sentido de sua existência em algo que pudesse atribuir-lhe valor. Podemos nos perguntar: O que levou a essa recusa? Perine diz: “junto com o abandono da concepção teleológica da vida humana, o prometeísmo do homem moderno levou-o a uma ruptura com a tradição, correspondente à ruptura do homem com ele mesmo no âmbito das três rupturas do niilismo moderno”¹⁸⁴. Isso significa que ao se compreender como *messias* de um novo tempo e história, o homem moderno passou a reconhecer em si a única referência, e nesse sentido, capaz de atribuir valor às coisas, e principalmente capaz de recusar qualquer axiologia que remetesse à tradição. Perine indica que essa pretensão é errônea, pois,

Por força do seu ser moral, o ser humano é também estruturalmente tradicional, pois ele sempre compreende a sua própria vida como uma unidade envolvendo nascimento, vida e morte, nos termos de um começo, desenvolvimento e fim de uma narração, situada num contexto onde se cruzam outras narrações, com as quais se tece a trama da história ou, numa palavra, da tradição¹⁸⁵.

¹⁸³ Marcelo Perine, *Nihilismo ético e filosofia*, p. 59.

¹⁸⁴ Marcelo Perine, *Ética e Sociedade. Razão Teórica versus Razão Técnica*, p. 63

¹⁸⁵ *Ibid.*

Como reconhecer o erro, diante de uma existência que não tem outra referência a não ser a si mesma? Sem a reflexão ontológica do simples *existir* e o reconhecimento de *ser-para* a transcendência do Absoluto, o sujeito moderno dá primazia à *poíesis* e preenche o seu mundo com objetos por ele fabricados. O grande problema é que a razão tecno-científica que o ajudou nesse empreendimento se mostrou incapaz de pensar o seu simples *estar-no-mundo*. Em *Raízes da Modernidade* Lima Vaz demonstra que essa razão operacional “estende sempre mais seu poder imperial numa gigantesca operação de racionalização de todas as manifestações da vida humana e de todos os fenômenos do universo”¹⁸⁶. Isso significa que ela procura naturalizar toda explicação sobre o homem, o que se explica através das Ciências Humanas e experimentais. Contra essa pretensão Lima Vaz afirma: “a *existência*, no seu simples ato de existir, é irreduzível aos procedimentos operacionais da razão”¹⁸⁷. A constatação é a de que o simples existir permanece um enigma para a modernidade. Poderá o homem contemporâneo voltar a pensar sua existência? Para realizar essa tarefa terá de reconhecer que nem a Ciência, muito menos a Técnica modernas são capazes de fornecer sentido à existência humana. Isso não significa que elas não auxiliem o homem a compreender-se e a compreender o mundo onde vive, só não respondem às interrogações últimas do ser humano. O sentido do existir e as razões de viver são pensadas pela “inteligência metafísica”. Trata-se de entender que é papel da *metafísica* fazer o homem superar suas limitações imanentes e encontrar o sentido do seu existir no Princípio Transcendente que lhe deu origem. Diante da negação dos valores, da teleologia humana e principalmente de Deus, pergunta Cláudia Maria Rocha de Oliveira: “estará a existência condenada ao sem-sentido?”¹⁸⁸. Para responder a essa indagação faz-se necessário “pensar a situação *ôntico-primária* do ser humano, ou seja, pensá-lo como ser *situado*, como *ser-aí*, supõe necessariamente a afirmação do *Esse* absoluto transcendente como condição de inteligibilidade do *esse*”¹⁸⁹. No entanto, não é o caminho que a modernidade percorre e não parece ser a via que a contemporaneidade irá seguir. A racionalidade moderna transportou para o sujeito *transcendental*, como vimos no segundo capítulo dessa dissertação, as noções transcendentais. Dessa forma, recusa qualquer referência ao Transcendente. A primazia da razão operacional e fabricadora retirou do *esse* a inteligibilidade fontal. O que ocorreu com a metafísica a partir dessa primazia? Diz Lima Vaz em sua obra *Filosofia e Cultura*:

¹⁸⁶ H. C. Lima Vaz, *Raízes da Modernidade*, p. 103

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 102.

¹⁸⁸ Cláudia Maria Rocha de Oliveira, *Metafísica e Ética. A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao nihilismo contemporâneo*, p.51

¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 51

o exílio da metafísica para fora dos domínios do conhecimento reconhecido como legítimo e sensato foi decretado ao ser estabelecida a soberania do *sujeito* sobre todas as províncias do saber, e confirmado ao termo presumido da imensa operação de transposição dos predicados transcendentais do Ser para o campo fechado da linguagem, onde reina incontestável o *sujeito*¹⁹⁰.

Resta à metafísica abrigar-se nas cavernas do mito. E a inteligibilidade da existência, dessa forma, é lançada pela razão tecno-científica no mundo do impensado onde reina o subjetivismo. O resultado desse processo é a tentativa de o homem realizar-se em atitudes irracionais manifestas “nas crenças, na filosofia, nas ideologias, na política, nas condutas, que nenhuma estratégia teórica ou prática consegue controlar”¹⁹¹. Talvez isso explique no contexto atual brasileiro o “vencer” a qualquer custo, mesmo que para isso se utilize de meios falaciosos como as notícias falsas veiculadas na internet, ou até mesmo proferidas por meios de comunicação que buscam se beneficiar com a vitória política de seu candidato preferido. A negação de Deus pelo niilismo metafísico trouxe ao homem a sede pelo poder absoluto e, para isso, fará o que for possível para alcançá-lo, mesmo que seja necessário dizimar pessoas, destruir famílias. A devoção ao poder econômico que gera desigualdades e guerras entre os homens parece caminhar velozmente, sem que se faça algo para controlar a pretensão humana de tomar o lugar do Absoluto Transcendente. Diz Lima Vaz: “tal o espetáculo que nos oferece nossa civilização, quando os princípios do *agir* humano são buscados nos mitos do *prazer*, do *consumo*, da *liberdade absoluta*, como ainda a pouco o eram nos mitos da *história* e do *estado* totalitário”¹⁹². Esse empreendimento gera a afirmação absurda do *niilismo*. Todo fundamento perde o sentido, já não há finalidade alguma a seguir, a não ser a de produzir infinitamente bens necessários e artificiais. O sujeito perde-se na imensidão do que produziu, e nesse sentido, já não reconhece em si o valor do seu existir e as razões que o movem a pensar essa existência. Qual a consequência que podemos verificar na modernidade dessa pretensão humana? A conquista moderna da subjetividade, algo que marca indelevelmente a história, corre sérios riscos de desaparecer, pois, a “criatura-objeto” substitui em valor seu “homem-criador”. Essa substituição provoca inúmeras consequências para os campos da ética e da moral. Tais aporias serão pensadas e refletidas no tema a seguir *Niilismo ético*.

¹⁹⁰ H. C. Lima Vaz, *Filosofia e Cultura*, pp. 183-184

¹⁹¹ H. C. Lima Vaz, *Raízes da Modernidade*, p. 103

¹⁹² H. C. Lima Vaz, *Filosofia e Cultura*, p.366

3.5. Nihilismo ético

Um segundo traço que Cláudia Maria Rocha de Oliveira apresenta em sua obra *Metafísica e ética, a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*, da leitura lima-vaziana do *niilismo* está presente no âmbito da axiologia, ou mais precisamente, das ações e isso nos remete a Ética. Um filósofo que podemos citar que com sua compreensão do seu tempo provocou um abalo na esfera dos valores é Nietzsche. Sua filosofia revela o projeto humano de se viver sem um *dever*, pois, não há nenhuma referência para além de si mesmo. Perine descreve o processo nietzschiano que resultaria no niilismo perfeito. Diz ele:

A primeira fase, a do *tu debes*, tem lugar na avidez de normas éticas claramente definidas, e considera a perda de tais normas, impostas desde fora ao sujeito, como o deserto de uma existência absurda. A segunda fase, a do *eu quero*, interpreta o vazio deixado pela superação do dever ético como o espaço de uma atividade responsável, cujo niilismo é ainda imperfeito porque, na tentativa de mostrar-se como liberdade além de Deus, o homem padece ainda da dualidade entre o querer e o querido. A terceira fase, a do *eu sou*, expressa a interioridade própria da inocência da criança: sem ser molestada pelas exigências do *tu debes* e sem o estrangulamento implicado na vontade de agir (*eu quero*), a criança descansa esquecida de si mesmo¹⁹³.

Todo esse empreendimento levaria a “estar dentro do nada”¹⁹⁴. Diante do *nihil* de Nietzsche o homem poderia pensar sua norma de ação. Quais consequências podemos verificar para a modernidade nesse empreendimento? Esse vazio pretendido pelo pensamento nietzschiano conduz o homem a procurar correspondência na imanência e na produção incessante de objetos que possam ser identificados a ele. Senhor de si mesmo, não aceita mais a criação como obra de um Deus, mas como unicamente tarefa humana. Dessa forma, assistimos na modernidade a primazia da Ciência e da Técnica. Mas o que leva o homem a essa devoção assídua? Lima Vaz entende que isso só foi possível devido ao abandono da divisão aristotélica da razão (*theoria*,

¹⁹³ Marcelo Perine, *Ética e Sociedade. Razão Teórica versus Razão Técnica*, pp. 64-65

¹⁹⁴ *Ibid.*

práxis e poíesis). O Estagirita compreende a relação harmônica entre a *theoria*, *práxis* e *poíesis*. Ambas se relacionam no processo de aquisição do conhecimento. A *theoria* ligada à contemplação serve como paradigma para as ações (*práxis*) e é a partir dessa relação que o homem desenvolve a sua vida no mundo, pensando os meios técnicos para melhorar sua existência. No entanto, com o abandono dessa tríade aristotélica, o sujeito passa a valorizar só o *fazer*, sem sequer se perguntar o porquê de fazer. Em *Raízes da Modernidade* Lima Vaz entende que esse processo de valorização da *poíesis* reconhece o valor nas ações a partir de critérios econômicos ou de utilidade. O ser humano atribui valor aos objetos que produz, e fazendo isso, classificando como útil, inútil, avançado, ultrapassado, corre sérios riscos de também ser classificado com os mesmos critérios. Isso pode ser reconhecido na intolerância que habita o mundo, onde alguns grupos consideram-se superiores aos outros, outorgando para si o direito de escolher quem é superior ou inferior. Na história assistimos a inúmeros eventos que provocaram a destruição do humano, a pretensão de ser o próprio valor e instituidor de valores. Podemos citar como por exemplo a primeira e a segunda guerra mundiais, os totalitarismos tanto de esquerda quanto de direita. O grande problema que se apresenta à contemporaneidade é saber como superar o niilismo ético, o antropocentrismo cego que só reconhece no homem as ações relevantes do universo, o relativismo que expulsou da sociedade o conceito de verdade, e entender que a ética não se relaciona com critérios de utilidade.

A liberdade absoluta que na Idade medieval era prerrogativa de Deus, foi transportada para o *sujeito transcendental*. Pode o homem carregar o fardo da liberdade absoluta? Segundo Lima Vaz, “o sujeito *singular* não suporta tal peso ontológico e tal responsabilidade metafísica”¹⁹⁵. Em *Filosofia e Cultura* encontramos a comprovação dessa premissa. Diz ele que a maior evidência dessa incapacidade pode ser reconhecida na tentativa da ética kantiana do dever, que pretendeu ser universal, facilmente ser submergida pela busca incessante do prazer e do poder. Outra evidência que podemos constatar é, a de que a pretensão a alcançar a autonomia absoluta conduziu o homem a viver a experiência da “dialética do desejo e da dominação (ou satisfação hedonística e do poder), expressão universal do *niilismo ético*”¹⁹⁶. Mas o que Lima Vaz entende como *niilismo*? Para ele, trata-se do fenômeno da “perda do humano no agir e na obra do homem”¹⁹⁷. Isso ocorre devido ao uso instrumental da liberdade. Por não pensar sobre suas escolhas, tendo em vista que muitas vezes as faz sem uma reflexão profunda, o ser humano pouco a pouco vai perdendo os motivos reais de ser livre. As ações

¹⁹⁵ H. C. Lima Vaz, *Raízes da Modernidade*, p. 127

¹⁹⁶ H. C. Lima Vaz, *Filosofia e Cultura*, p. 135

¹⁹⁷ *Ibid.*, p. 96

humanas na modernidade procuram manifestar-se sem ter nenhum princípio como referência para o agir. O Bem platônico que na antiguidade e durante a Idade Média orientava o agir, tornou-se na esfera individual moderna o bem material, e é nesse que o sujeito pensa encontrar sua realização. Sem a referência ao *Bem*, entendido como *Fim* autenticamente humano, o homem se “torna incapaz de apreender o verdadeiro sentido da liberdade, para finalmente alienar-se nos meandros subjetivos do arbítrio”¹⁹⁸. Sem a referência ao Bem transcendente e preso à condição material, o homem lança-se na esperança de encontrar na metodologia científica o sentido para o seu existir. Ocorre que ela só propõe fins relativos, ou seja, revestidos do caráter utilitário. Desse modo, o homem moderno vive a pretensão de criar normas, valores, fins a partir de si mesmo. Na busca de ser livre, o ser humano tornou-se escravo da racionalidade poética (tecnociência) e passou a servir ao poder da “dominação, do prazer, do lucro, da violência e, finalmente da destruição e da morte”¹⁹⁹. O resultado que se constata é passar a viver como objeto transformando tudo à sua volta em mercadoria. Objetos podem ser descartados, mas o homem deve caminhar para esse mesmo fim? Embora reconheçamos na história grupos que realizaram essa destruição e o descarte do humano, para Lima Vaz, o homem é *pessoa* em analogia com a segunda Pessoa da Trindade, digno de respeito, presente no mundo deve ter condições de realizar sua existência com dignidade. Pensando o seu *esse*, não se satisfaz com fins imediatos, “é incessantemente aguilhoado pela intenção de um fim último”²⁰⁰. Mas como poderá atender ao chamado de suas inquietações interiores envolto a objetos que o lançam a ser o que não é? Para Lima Vaz a superação de tal aporia se faz por um caminho reflexível, entendendo que só a metafísica pode compreendê-lo em sua totalidade, deverá fazer o exercício de perceber que a alternativa viável a ele é a “aceitação do *Transcendente* absoluto que, sendo, Princípio e Fonte do *existir*, é necessariamente Fim e, conseqüentemente Bem”²⁰¹.

Em suma, o grande enigma da modernidade pode ser reconhecido no âmbito do *niilismo metafísico* e *ético*. A questão que fica é a de saber se conseguiremos atravessar esse deserto axiológico e construirmos de fato uma sociedade ética e justa. No tema a seguir iremos analisar, nessa dissertação, as propostas lima-vazianas para superarmos os problemas e os conflitos modernos.

¹⁹⁸ Ibid., p. 172

¹⁹⁹ Ibid., p. 186

²⁰⁰ H. C. Lima Vaz, *Raízes da Modernidade*, p. 220

²⁰¹ Ibid.

3.6. Resposta lima-vaziana à Modernidade

Depois de percorrer o capítulo I que tratou do tema *Tomás de Aquino e a Memória metafísica*, o capítulo II que versou sobre os *Temas metafísicos vazianos*, e desenvolver o capítulo III que refletiu sobre a *Modernidade*, nos propomos agora nessa parte da dissertação apresentar uma possível resposta lima-vaziana aos problemas apresentados na modernidade e na contemporaneidade. Diante disso nos perguntamos: O que Lima Vaz pode oferecer no campo das ideias como resposta aos problemas atuais? Para responder a essa primeira indagação faz-se necessário rememorar junto com ele o caminho percorrido, o diagnóstico que ele apresenta da modernidade, e a partir daí indicar uma via alternativa para superarmos nossas aporias.

Na obra *Conversa com Filósofos Brasileiros* encontramos uma entrevista de Lima Vaz onde ele esclarece o seu itinerário filosófico. Esse caminho começa com sua formação e depois realiza-se na atividade como professor universitário. No seu processo formativo estuda a Filosofia a partir da sistematização aristotélico-tomista. É assim que ele encontra os textos clássicos, os latinos medievais, e aqui a ênfase é dada a Tomás de Aquino, os gregos, sobretudo Aristóteles. Outro filósofo que estará presente na história de Lima Vaz é Hegel. Nele encontra aspectos importantes que vão de encontro às suas preocupações filosóficas. Na obra acima citada, Lima Vaz apresenta os temas que merecem atenção no século XX:

O primeiro é o tema da tecnociência, implicado no desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade. A reflexão filosófica sobre a ciência e a técnica sob o ponto de vista lógico-epistemológico, ético e político responde a uma exigência do estágio histórico da nossa sociedade. Em segundo lugar cito o tema da sociedade e do Estado, ou seja, os problemas da filosofia social e política que respondem, sem dúvida, a situações concretas vividas pela sociedade brasileira nessas últimas décadas e que oferecem um conteúdo real ao exercício da reflexão filosófica entre nós. Em terceiro lugar menciono os temas éticos propriamente ditos, ou seja, que dizem respeito a fins, valores, normas de conduta, em suma, a formas de agir especificamente éticas²⁰².

²⁰² Marcos Nobre, José Márcio Rego, *Conversa com filósofos brasileiros* p. 35

Diante desse posicionamento temático sobre o seu tempo, podemos perguntar: Que tipo de filosofia orienta o filosofar de Lima Vaz? Uma primeira evidência pode ser encontrada na concepção que ele tem de Filosofia. Ela não é um hobby para intelectuais, ao contrário, é um compromisso com a realidade, e nesse sentido, supõe uma participação social e política. Uma segunda evidência pode ser constatada a partir da própria fala de Lima Vaz:

Não acredito numa filosofia, no fundo, de cunho empirista, que seja apenas um comentário, por mais sofisticado que seja, dos eventos de uma realidade sempre em mudança, sejam esses eventos de natureza político-social, científica, ou mesmo eventos de alguma moda cultural. Ligo-me a uma tradição para a qual a filosofia eleva-se, como que por um movimento inato à sua natureza, sobre o transitório e o *événementiel* e procede à busca de *princípios* que são também *fundamentos*²⁰³.

Trata-se da Filosofia mesma, aquela que remete a Sócrates, Platão, Aristóteles, ou seja, Lima Vaz busca com sua reflexão continuar o caminho da *episteme*, da verdade que todo homem procura. No seu artigo *Morte e Vida da Filosofia* ele expressa que no século VI a. C. ocorreu o primeiro “descer as raízes” quando o homem indagando sobre o *kosmos*, procurando a *arché* primordial, a busca incessantemente, não mais no *mythos*, mas através do exercício da razão demonstrativa. Nesse sentido, encontrando a Filosofia ou vivendo-a de maneira radical em sua existência, também se permite descer até as raízes da Modernidade para poder compreendê-la e pensar alternativas para superar seus problemas. É nesse exercício rememorativo que ele encontra no século XIII Tomás de Aquino e sua metafísica do *esse* que, retirando a existência das garras da ininteligibilidade e do essencialismo, reconhece no *ato de existir* o ato dos atos, e propriamente a abertura do homem para o Absoluto. Pensando o seu simples existir no mundo, reconhecendo que *alguma coisa é*, pode reconhecer em si a intuição protológica que aponta para aquele que subsiste em si mesmo e que é condição para toda inteligibilidade. Nisso podemos reconhecer a leitura que Lima Vaz faz da filosofia de Platão, pois, assim como ele, reconhece que a primeira navegação no mundo do transitório (mundo sensível) não pode responder às inquietações humanas, dessa forma, apresenta-se a possibilidade de se pensar a verdade como ela é, de se fazer uma segunda navegação para encontrar no mundo

²⁰³ Ibid., p. 36

suprassensível a coisa mesma. O retorno à Filosofia socrático-platônica direciona o pensamento lima-vaziano para a Metafísica, e refletindo sobre ela, percebe que o ciclo dialético se fecha ao retornar as origens da Filosofia. A Filosofia para se dizer é essencialmente *metafísica*, pois, manifesta no homem o desejo inquieto pela sabedoria. Diz Lima Vaz em seu artigo *Morte e Vida da Filosofia*: “a partir daí uma inquietude de tipo diferente passou a habitar o espírito humano, e é essa inquietação que está na origem da Filosofia”²⁰⁴. Mas que inquietação é essa que inquieta os homens e o pensamento lima-vaziano? É a inquietação “pelo ainda não-conhecido e para cujo conhecimento a Razão se atira com prodigioso ímpeto, o que levou Platão a falar de um *eros* filosófico e a dizer que o filósofo deve lançar-se à busca da verdade ‘com toda a alma...’” e “Aristóteles a inscrever na porta de entrada de sua Metafísica ‘é a natureza que impele todos os homens para o saber’”²⁰⁵. Essa inquietação é propriamente uma “inquietação metafísica”, pois ela “atravessa de parte a parte a *physis*, a natureza visível e experimentável e penetra até as questões últimas que não podem ser circunscritas pelo contorno espaço-temporal da *natureza*”²⁰⁶.

Como foi citado no primeiro capítulo dessa dissertação, uma das opções que Lima Vaz faz é por Tomás de Aquino. O Aquinatense consegue realizar a síntese entre Platão e Aristóteles. É partir daí que surgirá a grande inspiração de elaborar uma metafísica não mais presa no essencialismo, mas sob a primazia da existência. Nesse sentido, a metafísica do *esse* ao tornar inteligível o simples existir abre as portas, e assim entende Lima Vaz, para o crescimento das primeiras raízes da Modernidade. Podemos perguntar: Se a razão que pensa o simples existir é metafísica, por que na modernidade ela migra para o *antropocentrismo*, *relativismo*, e *niilismo*? Esse conflito que tem como solo a crise do século XIII, como foi demonstrado nesse terceiro capítulo, possibilita essa inversão. Duns Scot ao colocar Deus e os seres dentro do conceito de *ente*, retira ou procura retirar do seio reflexivo da Idade Média a analogia. Se o Ser e os Seres se diferenciam apenas por graus hierárquicos, compreendidos no conceito de ente, não há necessidade do ser finito procurar no Absoluto o sentido para o existir e as razões de viver. Dessa forma, ocorre como Lima Vaz cita em seu artigo *Sentido e Não-Sentido na Crise da Modernidade*, “um movimento de fundo que pode ser designado como a passagem da primazia gnosiológica do universo do ser para a primazia gnosiológica do universo da representação”²⁰⁷. Isso significa que a referência arquétipa ideal é destituída da sua função

²⁰⁴ H. C. Lima Vaz, *Morte e Vida da Filosofia*, p. 681

²⁰⁵ *Ibid.*

²⁰⁶ *Ibid.*

²⁰⁷ H. C. Lima Vaz, *Sentido e Não-Sentido na Crise da Modernidade*, p. 5

reguladora. Com o *Cogito* cartesiano o homem passa a realizar sobre o tribunal da razão todas as suas ações. É a razão que determina o que é verdadeiro e falso, e nesse sentido, como o foco é desviado do ser, resta ao homem representar, saindo da procura do que *é*, para aprisionar-se no *parecer*. Tratando da crise da modernidade Lima Vaz afirma: “nela podemos descobrir a lógica inelutável que transforma a produção humana do sentido em fábrica da aparência e do não-sentido, no momento em que, tendo rompido seu vínculo essencial com o ser, passa a constituir-se paradoxalmente em matriz do não-ser”²⁰⁸. A intensão de tornar o homem o centro, pode ser identificada já nos sofistas, e podemos citar a máxima de Protágoras “o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e daquelas que não são enquanto não são”. Diz Lima Vaz sobre isso: “a exaltação sofisticada da *physis* redundava, em última análise, na total imanentização do sentido na vontade de poder – ou na satisfação – e é instalado nessa imanência do sentido que o indivíduo pode proclamar, por um gritante paradoxo, a insensatez da vida segundo a verdade objetiva do *logos*”²⁰⁹. O homem ao reconhecer em si a única referência passa a ser lançado constantemente para fora de si. A correspondência com o princípio Transcendente, passa a ser buscada na esfera da Tecnociência e da produção incessante de objetos que procurem satisfazer o desejo material. A grande questão é que nossa razão interrogante procura algo a mais, movida pela “inquietação metafísica” procura fins, valores, o sentido para o existir que nenhum objeto produzido pelo homem pode dar. Somos movidos a viver a vida da Filosofia, a contemplar o voo da ave de Minerva ao anoitecer, esse convite incessantemente feito a todo aquele que deseja a verdade conduz à afirmação lima-vaziana:

A vida da Filosofia é, pois, a vida da nossa Razão interrogante formulando dentro do espaço do seu operar racional as perguntas essenciais, e aí, construindo a resposta, mas fazendo, ao mesmo tempo, a decisiva experiência intelectual de que a resposta está sempre prenhe de uma nova pergunta e de que, portanto, a inquietação sem fim recomeça²¹⁰.

Assistimos na modernidade à tentativa de excluir toda e qualquer pergunta radical, somos alienados às respostas que os grandes meios de comunicação nos oferecem, grupos disseminam nas redes sociais “fake news” em busca da satisfação e do poder. Ganhar a qualquer custo,

²⁰⁸ Ibid., p. 10

²⁰⁹ Ibid.

²¹⁰ H. C. Lima Vaz, *Morte e Vida da Filosofia*, p. 681

manter o poder, ter o status de grande empresário, passou a ser a máxima e o único sentido para o existir. Lançado fora de si, como poderá o homem, segundo Lima Vaz redescobrir o verdadeiro sentido do existir? A saída será reconhecer-se como *ser-para-a-morte* como afirmou Heidegger? A crise em que vivemos assinala a perda de valores, normas, a incompreensão da ordem e da finalidade, e dessa forma, acentua-se a violência. É fato que esse caminho acompanha o homem desde o seu surgimento, no entanto, também é evidente que ele não é um ser-para-a-violência. Lima Vaz compreende que

A violência é reconhecida como um dado antropológico fundamental, presente na gênese e no desenvolvimento das sociedades humanas, que lutam por contê-la em todas as suas formas. Ela alcança seu paroxismo na morte que aparece ao homem, ser inteligente e livre, ciente de que deve morrer, como a contradição absoluta presente no coração da vida, ou como o não-sentido absoluto irrompendo no universo humano do sentido²¹¹.

A partir de tal compreensão, pode-se indagar: Se a violência acompanha o homem, como evitá-la? Para o pensamento lima-vaziano as civilizações religiosas do passado souberam reconhecer “um Sagrado primordial, do qual a vida humana de alguma maneira participava, a descoberta de um Princípio transcendente, foco primeiro do ser e do sentido, à luz do qual era possível encontrar razões para recusar a insensatez da violência e da morte”²¹². No entanto, essa via necessária para a compreensão do ser e capaz de fornecer a ele o sentido e as razões de viver foi recusada pela modernidade. Faz-se necessário, assim compreende Lima Vaz, retomar o caminho de volta para a transcendência, permitir-se fazer a segunda navegação de que Platão tratou, para assim, como *ser-no-mundo* encontrar o *ethos* que dava condições para uma vida pensada e refletida e que possibilitava a luta contra a insensatez da violência. Lima Vaz faz um alerta e ao mesmo tempo aponta a direção para a realização de tal empreendimento: “é permitido pensar que nela permaneceremos ou dela não sairemos enquanto não se universalizar a experiência da inaniidade ou do não-sentido do humanismo antropocêntrico”²¹³. Essa tarefa passa pelo compromisso de pensar o próprio existir e entender que ele aponta para o horizonte transcendente. O homem, como Lima Vaz desenvolve em seus dois volumes da *Antropologia*

²¹¹ H. C. Lima Vaz, *Sentido e Não-Sentido na Crise da Modernidade*, p. 13

²¹² *Ibid.*

²¹³ *Ibid.*, p.14

Filosófica, vive a experiência do *corpo*, como ser *corporal* expressa sua materialidade. Diante da relação com a Natureza, relação não-recíproca, faz-se necessário procurar a reciprocidade em outro lugar. Dessa forma, volta a atenção para si e chega a compreensão do *Eu* através do *psiquismo*. Aqui manifesta sua subjetividade, quando ele suprassume sua condição *corporal* (exterioridade) na condição *psíquica* (interioridade). Um risco iminente se lhe apresenta, ser absorvido pela *exterioridade* da natureza ou aprisionar-se em sua *interioridade*. A partir do *Eu* e da *Natureza*, e movido pela ilimitação *tética*, ou seja, pelo desejo incessante de *ser-mais*, compreende-se como um ser espiritual. A categoria de *espírito* permite ao homem encontrar sua unidade estrutural, ao mesmo tempo, o lança para além de si mesmo na relação com o outro. A categoria *espírito* que já estava presente desde o início, dando condições ao homem de perceber-se como *corpo próprio* e *psiquismo*, tendo sua relação analógica com o Espírito infinito, permite ao homem compreender-se como *ser-no-mundo*, *ser-para-o-outro* e *ser-para-o-absoluto*. *Corpo*, *psiquismo* e *espírito* constituem assim a estrutura do homem, ele é um *ser-em-relação*. Primeiramente, relaciona-se com a Natureza e através dessa relação a significa, transformando-a em habitat humano, dando a ela o nome de mundo (categoria de *objetividade*). A relação com a natureza significada em mundo não é recíproca, dessa forma, o homem busca a reciprocidade na relação *intersubjetiva*, o outro *Eu* possibilita pensar as relações sociais, e nesse sentido, como afirmou Aristóteles, a amizade é condição imprescindível para a vivência na sociedade. Assim como nas categorias de estrutura (*corpo próprio*, *psiquismo* e *espírito*) há o risco iminente nas categorias de relação, de ser absorvido seja pela ação transformadora da natureza (*objetividade*), bem como nas relações com o outro (*intersubjetividade*). O ser finito corre o risco de aprisionar-se na aventura incessante de produzir, transformar e modificar a natureza ou ser absorvido pelas relações sociais, na busca constante de tornar-se outro. Como o *espírito* possibilitou ao homem a compreensão tanto do seu ser *corporal* e *psíquico*, e as suprassumiu na unidade de ser concreto (compreensão eidética) e o lançou pela ilimitação *tética* a *ser-mais*, agora nas categorias de relação, evitando o aprisionar-se a *poíesis* e no relacionamento com o outro *Eu*, revela a abertura ao horizonte da *Verdade* e do *Bem*. Da mesma forma que o homem não se fecha na sua condição material e muito menos na experiência com a Natureza, ele também não se esgota na relação com o mundo e com os outros. Essa limitação que Lima Vaz chama de *eidética* deve ser suprassumida pela ilimitação *tética*, e aqui temos presente a categoria de *transcendência*. O ser humano reconhece assim sua abertura para o relacionamento com o Absoluto. Pode fazê-lo, como foi trabalhado no tema *Ser e Participação*, porque nele está presente como marca indelével a ação do criador. Aqui aparece os conceitos

de *essência* e *existência*. Pela essência o homem está diretamente ligado ao Criador, no entanto, deve realizar a potencialidade da sua *essentia* através do ato de existir. Enquanto *ser-estrutural* a ênfase é dada à sua condição *essencial*, e enquanto *ser-em-relação* a ênfase é dada à sua existência. Para não se pensar o ser somente na esfera *essencial*, revelando, dessa forma, um ser condicionado, incapaz de transformar sua realidade, ou pensar o ser somente em sua condição *existencial* sem sujeito, vazio, surge a categoria de *realização*, que irá supressumir tanto a condição *estrutural* quanto *relacional*, apontando para o homem a realização humana como condição para ser feliz. Dessa forma, a essência deverá realizar-se na existência concreta, procurando o sentido e a direção para a *Verdade e o Bem* nas relações consigo, com o outro Eu e com o Absoluto. A última categoria apresentada por Lima Vaz é a de *totalização*. O homem é *corpo, psiquismo, espírito* (categoria de estrutura), *objetividade, intersubjetividade, transcendência* (categoria de relação), *essência e existência* (categoria de realização). É a partir da relação com o Absoluto, relação trinitária, entendida a partir da *kenosis* de um Deus que se faz carne, que se revela como Pessoal, que o homem pode compreender-se analogicamente como *Pessoa* (categoria de totalização). Fecha assim a compreensão total do homem. Todo esse itinerário é percorrido dialeticamente, e nesse sentido, revela a importância da reflexão filosófica. Essa experiência extraordinária que Platão e Aristóteles chamaram de *thaumázein* (admirar-se) abre-se também à *Teologia*. E pode fazê-lo, pois, como entende Tomás de Aquino, Razão e Fé não se excluem, possuem o mesmo autor. Dessa forma, essa relação que se mostrou conflituosa, deve ser retomada.

Como se vê o exercício do ato de filosofar pressupõe a capacidade de contemplar o voo da ave de Minerva, como expressou Hegel “captar o tempo no conceito”, e isso deve ser feito pela via rememorativa. Diz Lima Vaz: “Para mim, o exercício do ato de filosofar é sempre uma ‘rememoração’ (uma *Erinnerung*, como diria Hegel), e uma ‘atenção’ que podemos chamar conceptualizante, ou seja, pensada, refletida e discursivamente explicada, à realidade”²¹⁴. A Filosofia é recordação (*anamnesis*) e pensamento (*noésis*), ela pensa a cultura que também é *anamnética*, pois, como afirma Lima Vaz, “nem os indivíduos nem as sociedades podem viver sem continuamente recuperar sua vida vivida – seu passado – para nele perscrutar as razões da sua vida presente”²¹⁵. É seguindo esse caminho rememorativo que a Filosofia reinventa os problemas que lhe deram origem, e assim capta no tempo o conceito (Hegel). Mas como fazê-lo, se tentam proclamar a morte da filosofia? Assim o fizeram Nietzsche, Freud e Marx, tidos

²¹⁴ H. C. Lima Vaz, *Morte e Vida da Filosofia*, p. 684

²¹⁵ *Ibid.*, p. 685

como filósofos da suspeita. No entanto, o fizeram através do exercício do ato de filosofar para chegarem à pretensão absurda de proclamar a morte daquela que assim como nossa razão interrogante é, imortal. Tarefa impossível, pois como diz Aristóteles: “só filosofando se deve provar que não deve filosofar” ou, como cita Lima Vaz a fala de Leszek Kolakowski em seu livro *Horror Metafísico*, “a Filosofia ‘seguramente e felizmente pode sobreviver à sua própria morte mantendo-se ocupada em provar que de fato morreu’”²¹⁶.

Percorrer a obra lima-vaziana é compreender que Antropologia, Ética e Metafísica possuem uma relação inextrincável. A Filosofia como razão interrogante, como tentativa de responder as “inquietações metafísicas” do homem, deve orientar o pensamento na busca de fins, valores, normas, e isso se faz através da experiência da compreensão de si (Antropologia), no relacionamento com os outros seres, procurando realizar-se numa vivência com responsabilidade (Ética) e no relacionamento com o Outro absoluto (Metafísica) que nenhuma tentativa da razão operacional pode oferecer. Diz Lima Vaz na obra *Conversa com filósofos brasileiros*: “A Metafísica e a Antropologia filosófica abriram-me o caminho para a Ética”, e ainda

o conceito fundamental aqui, recebido de Platão e Aristóteles, é o conceito de *Bem*, que se apresenta como conceito metafísico, sendo um conceito transcendental coextensivo com o *ser*, e como conceito antropológico, definindo como Fim a estrutura teleológica do ser humano como ser que se autodetermina para o Bem²¹⁷.

A Antropologia abre as portas para a Metafísica, e ambas possibilitam ao homem entender-se como teleológico, ou seja, como busca do Bem e a realizar sua mais bela obra, a saber a própria existência. Isso encontramos desde o primeiro “descer às raízes” e, nesse sentido, a leitura lima-vaziana nos remete à experiência metafísica como caminho de retorno às origens da Filosofia.

Em suma, a alternativa lima-vaziana para a superação dos problemas atuais consiste no retorno ao Princípio Transcendente, como ele mesmo afirma: “semelhante experiência poderá dirigir as energias espirituais da civilização para o reencontro da fonte transcendente do Sentido

²¹⁶ Ibid., p. 679

²¹⁷ Marcos Nobre, José Márcio Rego, *Conversa com filósofos brasileiros* p. 36

ou para descobrir uma nova estrutura da experiência de Deus que se torne o princípio inspirador de uma realização mais autenticamente humana dos grandes ideais da modernidade”²¹⁸.

²¹⁸ H. C. Lima Vaz, *Sentido e Não-Sentido na Crise da Modernidade*, p. 14

Considerações Finais

A presente dissertação conduziu-nos a refletir sobre o pensamento de Lima Vaz e sua análise da modernidade. A primeira parte tratou especificamente do problema da memória metafísica e do seu futuro no século XXI. O pensamento lima-vaziano pautado em Tomás de Aquino nos levou à crise do século XIII, onde pôde-se constatar as primeiras raízes da modernidade. É através da primazia da existência, a partir da metafísica do *esse*, que o Aquinatense suprassume o essencialismo platônico e aristotélico, indicando assim, uma nova rota a seguir. Trata-se de pensar a *essência* como potencialidade que se realiza através do ato de existir, ou propriamente da *existência* do ser concreto e finito. Essa nova interpretação, segundo o pensamento lima-vaziano, deu condições para que a modernidade pudesse surgir como uma nova forma de pensar.

A segunda parte levou-nos a análise da metafísica do *esse* na esfera do *Esse* absoluto onde descobrimos as categorias vazianas de *Absoluto* e *Razão* (estágio noético-metafísico), *Existência* e *Ideia* (noético-ontológico), *noções transcendentais* (ontológico-formal) e *Liberdade* e *Absoluto* (ontológico-real). No itinerário da metafísica do existir na esfera dos *esse* relativos outras categoriais se apresentaram. No primeiro estágio (noético-metafísico) as de *essência e existência*, no segundo (noético-ontológico) as de *participação e analogia*, no terceiro (ontológico-formal) a de *ordem* e no quarto (ontológico-real) a de *finalidade*. Foi demonstrado a inversão que a modernidade fizera das concepções antigas e medievais que tinham como horizonte a transcendência, para a imanência das prerrogativas do Absoluto no *sujeito transcendental*.

A terceira e última parte dessa dissertação trabalhou o tema específico da Modernidade, a análise lima-vaziana de sua gênese e suas aporias. Pôde ser visto a ruptura com a tríade aristotélica (*theoría, práxis e poíesis*) que até então servia como norteadora para as ações humanas, e a valorização exacerbada da *técnica* para satisfazer o anseio de uma civilização que passou a ter como *fim* a produção sem fim de objetos. As consequências desse empreendimento, a ruptura com a tradição e seus valores, fizeram surgir o *antropocentrismo*, o *niilismo ético* e o *niilismo metafísico* que são as grandes aporias que Lima Vaz pensa em sua obra.

A partir das três partes apresentadas dessa dissertação pode-se pensar uma pergunta: Que contribuição Lima Vaz traz para o século XX e XXI? É evidente para quem é leitor assíduo de suas obras a articulação que ele faz entre Antropologia, Metafísica e Ética. Fazendo um diagnóstico da modernidade, da mudança no jeito de viver humano, Lima Vaz propõe pensar o

ser humano na sua totalidade, como ser finito e situado, capaz de pensar a sua existência e de buscar sua realização no relacionamento consigo, com o outro e no Absoluto. Como *ser-de-relação* o homem é essencialmente um ser moral, e nesse sentido, vive a esfera dos valores. Daí a necessidade de sempre rememorar o *ethos* que deu condições para que o homem pudesse dignamente viver junto dos seus, lutando contra tudo aquilo que pode trazer fim a sua comunidade. Como foi demonstrado nessa dissertação, o homem não fecha o seu ciclo dialético nas categorias de estrutura (*corpo próprio, psiquismo, espírito*), muito menos nas de relação (*objetividade, intersubjetividade, transcendência*), movido a *ser-mais* ele busca fazer a síntese entre *essência* e *existência* na categoria de *relação*. A experiência de ser concreto, da essência que se efetiva em uma existência vivida como *expressividade*, encontra na compreensão analógica do Absoluto a norma que o direciona à Verdade e ao Bem. A partir da Trindade, em referência ao Verbo, segunda Pessoa, o homem pode alcançar a dignidade de ser pessoa, capaz de agir eticamente, de comprometer-se com a sociedade procurando viver a justiça e a solidariedade e, assim, poder desenvolver-se como ser-total, na categoria que Lima Vaz chama de *totalização*. Por ser dialético, esse desenvolvimento humano sempre recomeça, e nesse sentido, a experiência de viver e de realizar-se não acontece no imediato, mas através de um exercício racional capaz de dar sentido e orientar o homem ao melhor modo de viver.

A articulação lima-vaziana entre Antropologia, Metafísica e Ética pode nos ajudar a encontrar meios de superar o *individualismo*, os reducionismos nas formas de compreensão do homem, e apontar-nos uma direção para o Transcendente. O homem é um ser inquieto, movido à busca constante pelo saber. Por mais que se tente calar essa inquietação que Lima Vaz chama de “metafísica”, seja através do *hedonismo*, do consumismo exacerbado, e da procura incessante pela satisfação material, ainda sim, no interior de cada ser finito viverá as perguntas radicais que necessitam serem feitas. Como diz Aristóteles “só filosofando se deve provar que não deve filosofar” ou, como cita Leszek Kolakowski em seu livro *Horror Metafísico*, “a Filosofia “seguramente e felizmente pode sobreviver à sua própria morte mantendo-se ocupada em provar que de fato morreu”. Nesse sentido, a reflexão filosófica pode nos ajudar a pensar formas de superar a negação dos valores e da tradição realizada tanto pelo *niilismo metafísico* quanto pelo *niilismo ético*. A Filosofia é recordação e pensamento, e só uma reflexão que seja capaz de rememorar sua tradição com seus valores pode oferecer à posteridade respostas plausíveis e coerentes com o seu tempo. Como diz Lima Vaz:

A vida da Filosofia é, pois, a vida da nossa Razão interrogante formulando dentro do espaço do seu operar racional as perguntas essenciais, e aí, construindo a resposta, mas fazendo, ao mesmo tempo, a decisiva experiência intelectual de que a resposta está sempre preme de uma nova pergunta e de que, portanto, a inquietação sem fim recomeça²¹⁹.

Em suma, o pensamento lima-vaziano mostra-se como uma alternativa viável a um tempo em que se propõe compreender o homem de forma reducionista, em que sua vida se resume a estar sobre o poder do Estado, da Tecnociência e do Mercado. Com isso, não se quer dizer que Lima Vaz negue os avanços da Ciência na história, a questão é fazer um diagnóstico do seu tempo e propor alternativas a toda e qualquer forma de redução da experiência humana de viver. O homem segundo a compreensão vaziana deve compreender-se a si mesmo, relacionar-se com outros sujeitos de forma justa e ética, e suprassumindo tais experiências, encontrar na reflexão metafísica o Princípio Transcendente como origem e fim, ou como *Verdade e Bem*.

²¹⁹ H. C. Lima Vaz, *Morte e Vida da Filosofia*, p. 681

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES, “*Metafísica*” Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini, Editora Edipro, 2ª edição, São Paulo, 2012.

NOBRE, Marcos, **REGO**, José Márcio, “*Conversa com filósofos brasileiros*” Editora 34, São Paulo, 2000

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de “*Metafísica e Ética: A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*” São Paulo – SP: Edições Loyola, 2013 (Coleção Estudos Vazianos).

PERINE, Marcelo (Org.) *Diálogos com a cultura contemporânea, Homenagem ao Pe. Henrique C. de Lima Vaz, SJ*, Leituras Filosóficas, Editora Loyola, São Paulo, 2003.

PERINE, Marcelo “*Ética e Sociedade. Razão Teórica Versus Razão Técnica*” Revista Síntese, v. 29 n.93, pp. 49-68, Belo Horizonte, 2002.

SAMPAIO, Rubens Godoy, “*Metafísica e Modernidade, método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*, São Paulo – SP: Edições Loyola, 2006.

AQUINO, Tomás de. “*Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio – Questões 5 e 6*” Tradução e Introdução de Carlos Arthur R. Do Nascimento, Fundação editora das Unesp, São Paulo, 1999.

AQUINO, Tomás de. “*O Ente e Essência*” Tradução de Carlos Arthur R. Do Nascimento, Editora Vozes, 2ª edição, Petrópolis- RJ, 2014.

VAZ, Henrique C. de Lima “*Filosofia e Cultura*” *Escritos de Filosofia III*, Editora Loyola, 2ª edição, São Paulo, 2002.

_____ *Raízes da Modernidade, Escritos de Filosofia VII*, Editora Loyola, 2ª edição, São Paulo, 2012.

_____Ética e Cultura, *Escritos de Filosofia II*, Editora Loyola, 5ª edição, São Paulo, 2013.

_____Problemas de Fronteira, *Escritos de Filosofia I*, Editora Loyola, 4ª edição, São Paulo, 2014.

_____Ontologia e História, *Escritos de Filosofia VI*, Editora Loyola, 2ª edição, São Paulo, 2012.

_____Antropologia Filosófica, volume I, São Paulo – SP: Edições Loyola, 2014, 12ª edição (Coleção Filosofia).

_____Antropologia Filosófica, volume II, São Paulo – SP: Edições Loyola, 2016, 7ª reimpressão (Coleção Filosofia).

_____Morte e vida da Filosofia, *Síntese Nova Fase*, v. 18, n. 55, Belo Horizonte, 1991.

_____Ética e Civilização, *Revista Síntese*, Belo Horizonte, 1990, pp. 11-13.

_____Sentido e Não- Sentido na Crise da Modernidade, *Revista Síntese*, Belo Horizonte, 1994, pp. 5-14.

_____Esquecimento e Memória do Ser: Sobre o Futuro da Metafísica, *Revista Síntese*, Belo Horizonte, 2000, pp. 149-163.

_____Ética e Justiça: Filosofia do Agir Humano, *Revista Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, 1996, pp. 437- 453.

_____Ética e Política, *Revista Síntese*, Belo Horizonte, 1983, pp. 5-10.

_____Democracia e Dignidade Humana, *Revista Síntese*, Belo Horizonte, 1988, pp. 11-25.

_____Ética e Razão Moderna, Revista Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, 1995, pp. 53-85.

_____Crise e Verdade da Consciência Moral, Revista Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, 1998, pp. 461-476.